



PARÁBOLAS DE
JESUS
À LUZ DA
**DOCTRINA
ESPÍRITA**

*Andrei Moreira, Haroldo Dutra Dias, Raul Teixeira,
Simão Pedro de Lima e mais 20 grandes autores!*

RAFAEL PAPA
(Organizador)

PARÁBOLAS DE
JESUS
À LUZ DA
DOCTRINA
ESPÍRITA

A u t o r e s D i v e r s o s



PARÁBOLAS DE
JESUS
À LUZ DA
DOCTRINA
ESPÍRITA

Autores Diversos

RAFAEL PAPA
(Organizador)

Copyright © 2019 by

Fergus Editora

1º edição – dois mil exemplares

Capa e diagramação: César França de Oliveira

Revisão: Sirlene Maria Cheriato e Eleonora Escobar Tosseto

FERGUS EDITORA

Rua Francisco Vaz de Magalhães 480

CEP: 36.033-340, Juiz de Fora – MG

Pedidos de Livro à Fergus Editora – Departamento Editorial

Tel: (32) 99139-0862

E-mail: ferguseditora@gmail.com

P213p Papa, Rafael, 1985 -

Parábolas de Jesus à Luz da Doutrina Espírita / Rafael Papa.

1. Imp – Juiz de Fora: Fergus, 2019.

ISBN 978-85-80234-00-4

1. Espiritismo. I. Título

CDD 133.9

SUMÁRIO

Prefácio | Andrei Moreira

Introdução | Rafael Papa

O Evangelho de Jesus em nossas vidas | Ivana Raisky

Jesus, educador de almas | José Passini

Parábolas: Letra e circunstância | Adriano Genovez

Por que parábolas? | Temi Mary Semionato

Parábola do administrador infiel | Francisco de Paula Vítor, psicografia de Raul Teixeira

Parábola do tesouro escondido | Artur Valadares

Parábola do bom samaritano | Simão Pedro

Parábola do bom samaritano | Daniel Salomão

Parábola dos trabalhadores da vinha | Vinícius Lara

Parábola do juiz iníquo | Jussara Goretti

Parábola do servo fiel | André Sobreiro

Parábola do fermento | Roberto Lota

Parábola dos talentos | Gutemberg Paschoal

Parábola dos talentos | Leda Maria Flaborea

Parábola do semeador | Haroldo Dutra Dias

Parábola do semeador | Ana Guimarães

Parábola do joio e do trigo | Nara de Campos Coelho

Parábola da ovelha desgarrada | Guaraci de Lima Silveira

Parábola das dez virgens | William Jacob

Parábola da Rede | Wladimir da Matta Stefanon

Parábola do filho pródigo | Armando Falconi Filho

Parábola do grão de mostarda | Rafael Papa

Parábola do festim das bodas | Rafael Lavarini

Considerações Evangélicas | Sirlene Maria Cheriato

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço aos meus familiares, meus pais, Marcos e Lenice, pela oportunidade do mergulho na carne nesta atual encarnação para resgatar débitos passados e poder auferir lições valiosas para que eu possa seguir o meu burilamento pessoal.

Agradecer a minha irmã que sempre foi uma amiga ao meu coração ainda pouco evangelizado e ainda persistente na tarefa da evolução espiritual.

Grato também ao meu Tio Paulo Papa que sempre foi um segundo pai e sempre me apoiou em diversos desafios e com quem sempre pude contar nos momentos mais difíceis desta encarnação.

Agradeço a família espírita da Rede Amigo Espírita onde pude encontrar colo e simpatia pelos amigos José Aparecido e André Sobreiro e onde grande parte dos recursos destes livros serão direcionados: na ampliação da Doutrina Espírita nas Redes Sociais.

Agradeço a minha amiga Nara de Campos Coelho (quase mãe) por todo acolhimento, carinho e oportunidade de crescimento no campo da seara espírita e em diversas etapas da minha vida.

Agradeço a minha futura esposa Renata Goretti pelo apoio intenso em todos os meus desafios e em minhas “loucuras sublimes” e por poder perلustrar ao meu lado em todos os desafios que a minha alma ainda possui.

Sou grato a Simone Campos por todo empenho para que essa obra fosse registrada em pouquíssimo e tempo e nos ajudasse a ter liberdade e autonomia dos nossos conhecimentos no campo editorial espírita.

Gratidão a Jussara Goretti por não me fazer desistir sequer um minuto do lançamento desta obra sempre apresentando conselhos saudáveis para a harmonização do meu coração.

Gratidão ao Gutemberg Paschoal por todo apoio nos momentos mais difíceis e pelas suas contribuições com conselhos valiosos para esta obra editorial ocorresse com mais harmonia, empenho e dedicação ao Cristo de Deus, Jesus Cristo.

Gratidão à família Stefanon de Juiz de Fora onde me acolheram como filho, amigo, e pessoa que sempre buscou se encontrar nos palcos da vida e vocês foram

fundamentais.

Gratidão ao diagramador desta obra, César Oliveira, por todo talento dispensado, por todo carinho e acolhimento para que essa obra fosse um quadro de arte.

E também, ao amigo Ricardo Pinfildi, pelas orientações sinceras, honestas e cordiais oferecidas pelos seus anos de experiência no mercado editorial.

Um carinho especial a nossa revisora, Sirlene Maria Cheriato que se dedicou exaustivamente em cada vírgula e parágrafo para que essa obra ficasse mais simples de ser digerida como alimento da alma para os futuros leitores.

Muitos queridos ao meu coração, e principalmente o Júlio Corradi e Eleonora Tosseto e gratidão aos amigos do Instituto SER de Belo Horizonte que sempre acreditaram em minhas ideias, deram suporte e conselhos fundamentais para finalizar esta obra.

Muito mais grato a todos os autores que me ajudaram com carinho, fraternidade e louvor para que essa obra fosse concretizada.

E por fim, gratidão a Cairbar Schutel, a este espírito que nos acompanha e direciona os trabalhos e desde encarnado foi propagador das Parábolas de Jesus à Luz da Doutrina Espírita.

Rafael Papa

PREFÁCIO

“Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo?”

R: “Vide Jesus”

“O livro dos Espíritos”, Allan Kardec
Questão 625 (conforme original francês)

A pergunta de Allan Kardec aos Espíritos, no contexto do estudo do conhecimento das leis naturais de Deus, é significativa. Espíritos que somos, inteligências menores individualizadas à partir da vontade criadora da suprema inteligência do universo – Deus - necessitamos de referenciais e modelos que nos ensinem o caminho de encontro e revelação do divino em nós. A resposta dos benfeitores espirituais orientadores da codificação espírita é ainda mais relevante: vide Jesus.

Na tradução ao português a resposta a esta pergunta foi apresentada apenas como “jesus”. No entanto, a resposta do original Francês, “Voyez Jésus” – Vide Jesus, é ainda mais profunda. Ver é verbo que indica ação, movimento, iniciativa. Se apenas consideramos Jesus como a resposta poderia parecer que o Espiritismo faz coro aos movimentos que indicam Jesus como um salvador que nos deve guiar e ao qual devemos adorar, reconhecendo-o em nossa intimidade como nosso intermediário junto a Deus. Já ver indica reconhecer, perceber pois ver é muito mais que do que o fenômeno biológico de enxergar. Ver é dar sentido e significado. Enxerga quem tem a retina íntegra, que capta os impulsos luminosos e que os transformam em potenciais de ação que percorrem o nervo óptico até o córtex occipital, onde são interpretados. Porém só vê quem dá sentido particular e coletivo profundo ao que é enxergado, conferindo-lhe valor próprio e movimento interior.

Lembremo-nos da passagem do Cego de Jericó (Marcos 10:46-52), na qual Jesus pára em meio à multidão para ouvir o clamor genuíno de um coração que havia esgotado suas forças no sofrimento que o paralisava à margem do caminho, em mendicância do corpo e da alma, e que estava pronto para uma nova etapa de vida. Cristo o chama e o faz caminhar no meio do povo, enfrentando não só a turba ignorante que o criticava e mandava calar-se, mas, sobretudo, as suas próprias multidões internas do desvalor, da carência afetiva, da solidão e do desamor, ativando as forças da esperança e da autocompaixão.

Bartimeu – este era seu nome – caminha até Jesus e ao parar diante do Mestre este o indaga, como célebre pedagogo da alma humana: “Que queres que eu te faça?” E o homem, profundamente confrontado consigo mesmo, vê naquela pergunta o momento decisório do espírito. É que Jesus lhe dizia: “eu sei o que tenho a ofertar e o que você precisa, mas dentre o que tenho a lhe dar, o que está pronto para receber? Qual sua real necessidade interna?” E ele, então, mergulhado no autoconhecimento e na responsabilização pessoal, lhe contesta: “Senhor, que eu veja”. Pediu ao cristo visão. Não apenas enxergar com o corpo mas ter a visão profunda do ser espiritual que passa a reconhecer os caminhos a serem trilhados para sua libertação e desenvolvimento espiritual.

Quando os benfeitores espirituais, pois, disseram a Kardec para ver Jesus, nos indicavam que devemos não só reconhecê-lo na grandeza do representante divino junto a nós, mas, sobretudo, segui-lo, nos identificando com ele e permitindo que nossa vida caminhe na direção da introjeção e vivência real e profunda de seus ensinamentos, na edificação do Homem de bem, conforme nos indica “O Evangelho segundo o Espiritismo”. O evangelho do Senhor, longe de ser apenas um código religioso, é um caminho de despertar das potências da alma, de reconexão com o Pai e de encontro com o divino em nós.

Como ensina Emmanuel, “Jesus não é uma personalidade a ser adorada, é uma verdade a ser vivida”. Sendo, portanto, referencial atemporal para a humanidade, o Cristo não poderia deixar uma mensagem que servisse apenas a um povo ou a uma época da humanidade. Deveria ofertá-la na forma de ensino universal e por isso utilizou-se das parábolas, mensagens figuradas e simbólicas que sobrevivem ao tempo e com os elementos culturais da época em que foram ditas. À medida em que a humanidade caminha para maiores compreensões culturais, humanas, religiosas e científicas, mais amplia o leque de conhecimento capaz de extrair ensinamentos das figuras de imagens utilizadas, bebendo da fonte da sabedoria universal.

Essa obra, portanto, que os amigos da Rede Amigo Espírita tomaram a iniciativa de organizar é uma ação benfeitora que possibilita não só recursos que sustentem o nobre ideal e esforço de divulgação do Consolador prometido, encetado com dedicação admirável pelo nosso amigo José Aparecido e equipe, mas que igualmente permite que nos aprofundemos no estudo e entendimento da mensagem evangélica, consolando nossos corações famintos da mensagem de amor do mestre e sedentos da água viva que ela nos oferta.

Estudiosos do movimento espírita, pessoas simples e comuns, dedicadas ao trabalho de

se autodescobrirem e renovarem intimamente, como são todos os trabalhadores sinceros do evangelho, nos brindam aqui com suas reflexões e compreensões das mensagens simbólicas que o Mestre nos legou, extraindo da letra que mata a força viva e prática da espiritualidade que alimenta a conexão com o Pai, em nós e com todos ao nosso redor.

Que essa obra, pois, fale aos nossos corações, estimulando-nos a “ver Jesus” e a sentimo-lo na intimidade dos nossos corações, com seu amor misericordioso e incondicional. Mas, sobretudo, que essa visão e sentimento, nos leve a representá-lo com dignidade na vida diária, como instrumentos dóceis de sua bondade e compaixão, ensinando-nos a ver o divino em tudo e em todos, para uma vida e sociedade harmoniosa e em paz.

Boa leitura, bom autoencontro!

Belo Horizonte, fevereiro de 2019.

Andrei Moreira

Médico homeopata, constelador familiar, escritor e autor.
Presidente da Associação Médico-Espírita de Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

Certa vez, perguntaram-me quem se segue no Espiritismo. Um tanto assustado com aquela pergunta, respondi prontamente: Jesus. Interrogaram se era mesmo Jesus seguido nas demais religiões, e aquelas perguntas desencadearam uma série de pesquisas e vontades, inquietações e mais dúvidas: Há mais pessoas que ainda não associam a figura de Jesus à de Mestre e Guia segundo ensinam os Espíritos? Por que não estudamos tanto os Evangelhos dentro de Centros Espíritas? Por que nos debruçamos tão parcamente sobre estudos demasiadamente necessários para entender Jesus em sua expressão verdadeira?

No livro “O Consolador”, o Espírito Emmanuel traz uma significativa resposta para os nossos ideais: “(...) o Espiritismo em seus valores cristãos não possui finalidade maior que a de **restaurar a verdade evangélica** para os corações desesperados e descrentes do mundo”¹ (grifos nossos). Restaurar o Cristianismo para os corações que sofrem. O que é reiterado por Manoel Philomeno de Miranda no livro “Grilhões Partidos”: “Ao Espiritismo compete gigantesca missão: **restaurar o Evangelho de Jesus para as criaturas, clarificar o pensamento filosófico da Humanidade e ajudar a ciência, concitando-a ao estudo das causas nos recessos do espírito, antes que nos seus efeitos**”². (grifos nossos). Aqui temos as claras respostas das razões pelas quais construímos este livro - contribuintes que desejamos ser desta restauração bendita. Na pergunta 627 de “O Livro dos Espíritos”, temos:

Já que Jesus ensinou as verdadeiras Leis de Deus, qual a utilidade do ensino dado pelos Espíritos? Terão eles mais alguma coisa a nos ensinar?

Muitas vezes a palavra de Jesus era alegórica e em forma de parábolas, porque Ele falava de acordo com a época e os lugares. Agora, é preciso que a verdade seja inteligível para todos. É necessário explicar e desenvolver aquelas leis, já que pouquíssimos são os que as compreendem e menos ainda os que as praticam. Nossa missão é a de abrir os olhos e os ouvidos de todos para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas, que da religião e da virtude só guardam aparência, a fim de ocultarem suas torpezas. O ensino dos Espíritos deve ser claro e sem equívocos, de sorte que ninguém possa alegar ignorância e todos possam julgá-lo e apreciá-lo com a razão. Estamos incumbidos de preparar o Reino do bem anunciado por Jesus. Daí a necessidade de que ninguém possa interpretar a Lei de Deus ao sabor de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei toda de amor e caridade.³

Os Espíritos estão entre nós e são de fato a verdadeira “nuvem de testemunhas” citada pelo apóstolo dos gentios, Paulo de Tarso (Hb 12-1). Testemunhas que vieram esclarecer todas as coisas. E assim Nosso Senhor Jesus Cristo continua a nos chamar para a vinha, para as bodas, para a Samaria... Destarte, entender o Evangelho, restaurar a sua essência e o praticarmos com toda sua integralidade em nossas vidas é o convite para quem deseja folhear estas singelas páginas.

Iniciamos o presente livro com enfoque no entendimento do contexto, das razões pelas quais Jesus conversou sob a forma de parábolas; e em seguida diversos autores, companheiros do Movimento Espírita brasileiro, nos brindam com seus comentários sobre algumas parábolas, refletindo-as à luz da Doutrina. Abordagens de diferentes olhares buscam irrigar as sementes plantadas em nossos corações ainda necessitados de consolo e amparo.

Nosso Senhor Jesus Cristo, nossa verdadeira videira, nosso arquiteto e governador planetário, nosso irmão mais velho, que está conosco até o final dos tempos, nos chama a cada fagulha de luz que brota de seus ensinamentos. Estejamos com ele, juntos.

Pioneiro do estudo das parábolas cristãs e um dos principais divulgadores da Doutrina Espírita, nos dois planos, o Espírito Cairbar Schutel, através do médium Altivo Pamphiro, pode encerrar este começo de conversa com a essência de nossas intenções de amor e entendimento:

Trabalhadores do bem e da caridade, todos devem lembrar-se de que Jesus Cristo é o nosso mestre, condutor dos nossos destinos, o patrono de todos os nossos trabalhos e dos que nós perdemos e afastamos do Cristianismo e estamos voltando agora através da Doutrina Espírita, com uma tarefa bem clara aos olhos de Jesus, que é a de retornar ao ensino inicial que Ele nos deu e ajudar, numa segunda etapa, a todos os outros que se afastaram ou que não entenderam o Cristianismo a voltar para ele através do conhecimento Doutrinário. Conforme sabemos, a Doutrina Espírita clarifica os ensinamentos de Jesus. Por isso devemos dedicar nosso tempo ao estudo desta Doutrina, a espírita, para que um dia cheguemos à doutrina maior de todas, a de Jesus, a lei do Amor⁴.

Rafael Papa

07 de outubro de 2018

1 XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2013.

2 FRANCO, Divaldo Pereira. *Grilhões Partidos*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 16 ed. Salvador: LEAL, 2015.

3 KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 4 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2016.

4 PAMPHIRO, Altivo C. *Cairbar Responde*. Pelo Espírito de Cairbar Schutel. In: COELHO, Márcio (org.). Rio de Janeiro: CELD, 2017.

O EVANGELHO DE JESUS EM NOSSAS VIDAS

Ivana Raisky

Para falarmos sobre o Evangelho de Jesus e o que ele pode fazer em nossas vidas, precisamos primeiro entender quem é Jesus. Ele é um espírito puro, criado por Deus, simples e ignorante. A diferença é que Jesus é nosso irmão mais experiente e perlustrou a escala evolutiva espiritual com sucesso, tornando-se espírito perfeito. Quando o planeta Terra estava em fase de construção, Jesus já estava no comando desse processo. Quando vieram aqui habitar os primeiros espíritos, Jesus já era o nosso governador espiritual. Ele acompanha a evolução do planeta na condição de professor, que tanto nos bafeja com seu amor e zelo.

Com a Doutrina Espírita aprendemos que diferentes são as classes dos espíritos criados por Deus e as categorias dos mundos habitados. A Terra não é o único planeta nesse universo infinito a servir de morada para a criação divina. No caso do nosso planeta, aprendemos que ele é um mundo de expiações e provas, passando por um processo evolutivo rumo à regeneração. Podemos considerar que estamos na infância espiritual, por ainda estarmos na fase de planeta de provas e expiações, mas, o determinismo divino indica que todos nós, sempre evoluindo, algum dia, seremos espíritos puros, vivendo em mundos ditosos ou celestes, fases posteriores ao mundo de provas e expiações e regeneração. Se Jesus é espírito puro, por que encarnou aqui na Terra? Não deveria habitar mundos celestes? Ele se propôs a vir, tabernacular entre nós, passar por tudo o que passou, para que pudesse nos deixar seu exemplo, pois ele foi aquele que viveu tudo o que ensinou. Aliou teoria à prática em tudo. Por amor a nós Jesus esteve aqui encarnado e por esse mesmo amor ele nos prometeu rogar ao Pai que nos enviasse um consolador, que ficasse eternamente conosco e retirasse o véu sobre os pontos que não haviam sido compreendidos em seus ensinamentos. Assim, ele presidiu o surgimento do Espiritismo, ou Doutrina Espírita, nomes designados por Allan Kardec para a nova doutrina que estava surgindo com o lançamento de “O Livro dos Espíritos”, em abril de 1857.

O Espiritismo veio nos ajudar na compreensão dos ensinamentos do Cristo, esclarecendo que não existe injustiça nesse mundo. Tudo acontece para o bem e aprendizado de nós mesmos. Se nos afastamos das Leis Divinas, sofreremos as consequências dessa nossa rebeldia, como forma de aprendizado para cada um de nós, mas Deus, que é Pai de infinito amor e bondade, está sempre a nos guiar, sempre cuidando de nós e nos dando tantas oportunidades quantas forem necessárias para que possamos aprender a amar e a

cumprir seus desígnios.

O Evangelho de Jesus nos traz o código de conduta ética, moral e espiritual pelo qual devemos nos pautar na vida diária. Seguindo as orientações dele estaremos no caminho certo, rumo à verdadeira felicidade. Sabemos que não é fácil seguir tudo o que Jesus nos recomenda, no entanto, à medida em que vamos nos esclarecendo acerca das Leis Divinas, quanto mais a compreendemos e aceitamos, mas facilmente será para nos melhorarmos como seres humanos, afinal, nosso objetivo ao reencarnarmos tantas vezes é o de, justamente, aprendermos a sermos pessoas melhores, desenvolvendo os sentimentos de amor a nós, ao próximo e a Deus.

JESUS, O EDUCADOR DE ALMAS

José Passini

A Humanidade começou, com o advento do Espiritismo, a conhecer com mais amplitude e profundidade o que significou, para o mundo, a vinda de Jesus, o Mestre mais perfeito que a Terra conheceu, aquele que baseou seus ensinamentos na pedagogia do exemplo. Não há um só ensinamentodeleque tenha ficado sem o seu testemunho pessoal. Jesus foi simples e minucioso no que ensinou verbalmente e farto na exemplificação. Por isso é que se deve tomá-lo como o Mestre e Guia a ser seguido, e não como um simples intermediador entre o homem e Deus, que teria selado uma aliança com o Criador, através do oferecimento do seu sacrifício para a salvação da Humanidade, conforme algumas interpretações teológicas.

O próprio conceito de religião foi modificado a partir dos seus ensinamentos. Com Jesus, aprende-se que religião não é algo mágico a ser levado a efeito no interior dos templos. Não mais aquela ideia de que religião é prática mística, contemplativa, ritualística, cheia de oferendas e fórmulas repetitivas vivenciadas no interior das assim chamadas “Casas de Deus”. Religião, conforme seus ensinamentos e, principalmente seus exemplos, passou a ser, para aquele que lhe entendeu as lições, um novo modo de viver, de se relacionar com o próximo, em todos os ambientes, em todos os momentos. Ensinando que Deus está presente em todo o universo, alargou os limites dos templos, conceituando universo como um templo imenso: “*Na casa de meu Pai há muitas moradas*” (Jo 14: 2)⁵.

Jesus não foi um Mestre de gestos largos e estranhos, de atitudes místicas e contemplativas, que vivesse confinado em ambiente religioso, ou em local distante, isolado do convívio diário, longe da vida prática. Pelo contrário, o Mestre sempre conviveu com as pessoas, e, para prevenir qualquer interpretação equivocada, deixou ensinamento lapidar, registrado por dois evangelistas: “*Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos (...)*” (Mt10:16) e “*Ide; eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos*” (Lc10:3). Nem era um profissional religioso: vivia como simples carpinteiro, que causava espanto a alguns, diante do que falava e fazia:

... donde lhe vêm estas coisas? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Não é este o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago, e de José, e de Judas, e de Simão? e não estão conosco aqui suas irmãs? E escandalizavam-se nele. (Mc 6:2-3).

Jesus foi um educador de almas, que sempre enfatizou a necessidade do empenho da criatura no sentido de educar-se, de progredir, conforme ensinou no Sermão do Monte: *“Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens (...)”* (Mt 5: 16). Toda a mensagem religiosa do Mestre fundamenta-se no esforço da criatura em revelar essa herança divina que todos trazemos. Nada de vantagens, hierarquias, glórias vãs ou privilégios: *“(...) e então dará a cada um segundo as suas obras”* (Mt 16: 27).

Trouxe uma nova dimensão ao entendimento humano, com uma mensagem verdadeiramente desafiante, no sentido de seus discípulos transcenderem os limites da lei antiga, que preconizava *“olho por olho, dente por dente”* (Lv24:20): *“(...) se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus”* (Mt 5:20). *“Ouvistes o que foi dito: amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; (...)”* (Mt 5: 42-43).

Jesus não desejou discípulos passivos, encantados ou deslumbrados. Pelo contrário, sempre buscou tocar o sentimento, juntamente com o apelo para que a criatura raciocinasse, a fim de saber, de compreender porque deveria agir desse ou daquele modo. O Sermão do Monte, que para muitos é apenas um hino ao sentimento, é, também, uma forte mensagem à inteligência, à razão: *“E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus dará bens aos que lhos pedirem?”* (Mt 7: 9 a 11).

Jesus levou o entendimento, a compreensão, o uso do raciocínio ao campo da fé. A fé ensinada por Jesus transcende os limites da emoção e do sentimento, por associar-se a um componente essencial: a razão. Inquestionavelmente, a fé raciocinada, ensinada pelo Espiritismo, começou com Jesus. Kardec, como profundo conhecedor dos Evangelhos – livre dos prejuízos causados pelos sucessivos exegetas, ao longo dos tempos – soube ver a objetividade e a racionalidade dos ensinamentos do Mestre. Soube ver que suas lições têm sempre dois direcionamentos: ao sentimento e à razão: *“Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?”* (Mt 6:26). Ao ensinar a criatura a não criar fantasias sobre a fé, mostra a linha divisória entre aquilo que deve ser objeto da preocupação do homem, e o que deve ser entregue a Deus, perguntando: *“E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?”* (Mt 6:27). Esse o motivo de se ler na folha de rosto de *“O Evangelho segundo o Espiritismo”*: *“Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”*⁶

A educação religiosa que Jesus propicia ao homem leva-o a conscientizar-se de que não será através de orações repetidas que estaremos agradando a Deus: *“E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos”* (Mt 6:7). Nem através de oferendas ou bajulações: *“Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem e apresenta a tua oferta”* (Mt5:23-24).

No seu trabalho educativo do espírito humano, Jesus mostrou a importância do bom relacionamento com o próximo como caminho para Deus, conforme bem entendeu o Apóstolo João, que registrou: *“Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?”* (I Jo, 4: 20).

Significativo é o diálogo entre o doutor da lei e Jesus, conforme relatado em Lc10:25-37: *“Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”*. Ali se vê um homem, conhecedor profundo das leis religiosas, a ponto de citá-las de cor, logo que inquirido por Jesus: *“Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.”* (Dt 6:5 e Lv19:18). Efetivamente, os judeus sabiam de memória esses dois mandamentos maiores. Entretanto, quando Jesus lhe disse: *“Faze isso e viverás”* (Lc10:28) aquele homem não compreendeu, porque para ele não havia conexão entre o preceito religioso, que lhe enfeitava o campo intelectual, com a vida prática, a ponto de perguntar: *“Quem é o meu próximo?”*(Lc 10:29). Para aquele homem, “próximo” era uma palavra mágica, sagrada, usada nos momentos religiosos, no Templo, sem nenhum significado real na chamada vida profana. Daí o seu espanto. Estranhou que Jesus lhe recomendasse a aplicação do preceito religioso à vida comum. Sabendo da distância que havia entre os preceitos religiosos e a vida em sociedade, é que o Mestre contou-lhe a Parábola do Bom Samaritano, mostrando que aquele homem – desprezado pelos judeus – fez sua oferenda a Deus, não diante de um altar, mas através do mais legítimo representante de Deus: o próximo!

O Mestre jamais convidou alguém a orar em um templo. Ele próprio deu-se como exemplo, no serviço a Deus, na pessoa do próximo. Curava sempre, impondo as mãos sobre os doentes, embora não precisasse fazê-lo para curar (vide cura do servo do centurião: Mt 8:5-13), mas o fez para ensinar, recomendando que se fizesse o mesmo: *“(...) e porão as mãos sobre os enfermos e os curarão”* (Mc16:18). Deixou bem claro, também, a gratuidade da prática religiosa: *“(...) de graça recebestes, de graça dai”* (Mt 10:8).

Vê-se, assim, que Jesus trouxe à Terra uma mensagem religiosa sem precedentes.

Simples, sem ser superficial; profunda, sem ser erudita. Uma concepção religiosa libertadora não agrada àqueles que desejam exercer o poder religioso. Estes procuram conservar a religião como algo mágico, místico, extático, complexo a ponto de a ela só terem acesso os doutos e os sábios, pessoas pretensamente especiais, que estariam mais habilitadas a intermediarem as mensagens das criaturas ao Criador. Jesus concedeu uma verdadeira carta de alforria à Humanidade, em relação à intermediação sacerdotal, ao informar a criatura humana de que ela tem o direito legítimo e inalienável de se comunicar com seu Criador, diretamente, em qualquer lugar onde se encontre, dando como exemplo o lugar onde se dorme: *“Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará”* (Mt 6:6). Ao se meditar sobre esse ensinamento, percebe-se quanto sua mensagem foi deturpada pelos religiosos, que ensinam terem certas pessoas determinadas prerrogativas de serem ouvidas por Deus, em primazia às demais pessoas - aos próximos - em práticas desenvolvidas em meio a rituais completamente estranhos aos ensinamentos e aos exemplos de Jesus, com a agravante de serem remunerados.

Jesus libertou a criatura humana também da necessidade do comparecimento ao Templo, a fim de ali encontrar-se com Deus. Quando a mulher samaritana manifestou-se no sentido de adorar a Deus no Templo de Jerusalém, no Monte Moriá ou Monte do Templo, o Mestre desautorizou tal atitude, dizendo-lhe: *“Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Deus é espírito e importa que os que O adoram em espírito e em verdade”* (Jo4:21-24). Para Jesus não havia santuários, lugares especiais. Seus ensinamentos, suas curas, suas orações sempre foram levados a efeito onde quer que ele se encontrasse.

Ele foi crucificado exatamente pela coragem de contrapor-se ao poderio sacerdotal, àquela verdadeira ditadura religiosa. Infelizmente, com o passar dos tempos, o eixo da mensagem cristã foi-se desviando, saindo da área do estudo, da meditação e do serviço à luz da oração consciente, passando às práticas exteriores.

O Mestre veio trazer a certeza de que Deus é Pai, é Amor. Essas verdades religiosas simples, que estiveram ao alcance de humildes pescadores, de viúvas e de deserdados, foram, com o passar do tempo, relegadas a segundo plano, tendo sido postos em primeiro lugar o ritual luxuoso, a solenidade, o manuseio de objetos de culto, a vela, o vinho, a fumaça, os cantos, as roupas especiais, as hierarquias e poderes sacerdotais e todo um conjunto imenso de práticas exteriores dogmáticas, buscadas no judaísmo e no paganismo romano, que distanciavam o homem cada vez mais do esforço de auto aprimoramento preconizado por Jesus.

Os pronunciamentos libertadores de Jesus, embora tenham sido objeto de estudo de inumeráveis teólogos e religiosos de várias procedências, estes mais criaram liturgias sacramentais de temor, que autonomia no relacionamento com o Pai de Amor e, pior ainda, a hedionda teoria das penas eternas, desfazendo a imagem do Deus Misericordioso, tão bem delineada pelo Mestre. A mensagem cristã foi apequenada, podada, enxertada por aqueles que dela se apossaram, ao construírem uma religião atemorizadora e salvacionista, com base em atitudes místicas e na crença de que seria o sangue de Jesus, derramada na cruz, o remissor dos pecados da Humanidade. Foi enfatizada a adoração extática a Jesus-morto, em detrimento do esforço em seguir Jesus-vivo. Em verdade, Jesus falou de sofrimento após a morte, mas nunca com a possibilidade de ser eterno, e sim: *“Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceitil”* (Mt 5:23). O Mestre, conhecedor da fragilidade humana, sabia que, de alguma forma, isso iria acontecer, por isso, prometeu o Consolador: *“Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito”* (Jo 14:26).

O Mestre veio trazer a certeza de que Deus é Pai, é Amor, é Misericórdia, contrapondo-O à figura apresentada no Velho Testamento, que mostrava o Criador como alguém furioso, vingativo, capaz de ter preferências por determinados povos e abominação por outros. Cumprindo sua promessa, enviou-nos o Espiritismo, que não é apenas mais uma religião cristã, mas o próprio Cristianismo Primitivo, que ressurge na sua pureza, pujança e objetividade originais, destacando-se das demais religiões, pelo seu tríplice aspecto altamente educativo, levando religião, ciência e filosofia a se darem as mãos e a chegarem mais perto de todos nós.

5 *A Bíblia Sagrada*. Tradução por João Ferreira d'Almeida. Barueri: Ed. SBBE, 1937. A mesma fonte é utilizada para todas as passagens evangélicas.

6 KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 365 ed. Araras: IDE, 2009.

PARÁBOLAS: LETRA E CIRCUNSTÂNCIA

Adriano Genovez

Muitas vezes tive interesse em conhecer mais a fundo os ensinamentos do Mestre galileu e encontrar a resposta para a pergunta: Qual o sentido original das parábolas de Jesus? Sabemos que tais parábolas foram pronunciadas em situações concretas da vida do Cristo, únicas e muitas vezes imprevistas, quando, expondo-se a situações de conflito, de justificação, de defesa, de ataque e até mesmo de desafio, Jesus falava para pessoas comuns, tendo cada uma de suas parábolas, lugar histórico específico em sua vida. Nosso desejo é tentar resgatar tal contexto histórico e remontar o ensinamento em sua origem, entendendo a repercussão dos mesmos sobre os ouvintes daquela época e assim construir em nós, dois mil anos depois, uma visão mais ampla e profunda da mensagem de Jesus.

Em resposta à questão 627 de “O Livro dos Espíritos”, a plêiade de Espíritos da Verdade nos informa que “*Jesus empregava amiúde, na sua linguagem, alegorias e parábolas, porque falava de conformidade com os tempos e os lugares (...)*”.⁷ Sendo assim, o Mestre utilizava na composição de suas peças pedagógicas os elementos sociais, culturais e econômicos que faziam parte da vida diária daqueles que o ouviam. Percebemos, claramente, que a contextualidade foi elemento chave utilizado por Jesus na transmissão de seus ensinamentos.

Lançar o olhar ocidental do século XXI sobre tais ensinamentos levaria, com certeza, a uma visão distorcida dos objetivos didáticos do Mestre ao ministrar seus ensinamentos. Urge, portanto, que façamos uma viagem pelo tempo, nos dirigindo à Jerusalém do século I, a fim de resgatar o sentido original de suas parábolas e, dessa forma, melhor compreendermos seu conteúdo.

Tomemos como exemplo, na bem conhecida “Parábola do filho pródigo”, contida no Evangelho de Lucas (Lc15:11-32)⁸, simplesmente o seu versículo 12: “O mais jovem disse ao pai: ‘Pai, dá-me a parte da herança que me cabe’. E o pai dividiu os bens entre eles”. Para melhor entendermos a mensagem, faz-se necessário retomar ao máximo o contexto no qual tal ensinamento foi ministrado. Assim, é importante saber que Jesus estava comendo e conversando com publicanos e pecadores quando foi abordado por um grupo de fariseus e escribas que o criticaram por isso. Cristo, então, narra-lhes três parábolas, também distintas, como a trilogia dos perdidos: a “Parábola da ovelha perdida”, a “Parábola da dracma perdida” e a “Parábola do filho pródigo” (o filho

perdido e o filho fiel).

Na busca da compreensão não literal, o leitor deverá observar que o Mestre utilizava, em seus ensinamentos, elementos que compunham o cenário à sua volta. Dessa forma, Jesus começa a parábola reportando-se à tradição judaica, criando nesse versículo uma situação de surpresa para seus ouvintes, aguçando-lhes o interesse no desenrolar da narrativa que esbarrava em fortes questões culturais. Vejamos: vivendo em aldeias constituídas, na maioria das vezes, de poucas casas e sendo a família a identidade daquele povo, aqueles camponeses tinham como referência uma sociedade patriarcal, que estabelecia um estreito relacionamento com a terra, a qual simbolizava a unidade familiar. Para garantir a sobrevivência da aldeia, estabeleciam regras e condutas baseadas numa forma gregária de sobrevivência, compartilhando equipamentos e insumos para a manutenção das suas propriedades. Dentre as normas sociais estabelecidas, uma havia que impedia a divisão dos bens da família enquanto o pai estivesse vivo – em muitos casos, mesmo com a morte do patriarca, a família optava pela não divisão dos bens, a fim de manter a unidade familiar fortemente relacionada à gleba onde moravam.

Atentos à curiosa narrativa, os ouvintes do Cristo esperavam que, em cumprimento às normas sociais, o pai, na parábola, expulsasse o filho mais jovem de casa, deserdando-o, pois o seu pedido de divisão dos bens humilhava publicamente o patriarca, deixando claro, para toda a aldeia, que havia naquela família uma crise de relacionamento e, mais grave ainda, deixando implícito que ele desejava a morte do pai, a fim de que os bens pudessem ser divididos e vendidos.

A difícil questão merece ser mais bem investigada. Buscamos em Joachim Jeremias acréscimos de visão. Esse autor nos informa que, segundo a tradição judaica, havia duas formas de transmissão de posse de pai para filho: por testamento ou por doação entre vivos⁹. Ocorre que no estudo em questão, o filho mais jovem receberia apenas o direito de posse, mas não o direito de dispor dos bens, porque o direito de uso permaneceria com o pai até sua morte. Contrariando todas essas tradições, o jovem não exige apenas o direito de posse, mas também o de dispor dos bens, expressando, assim, o anseio de ruptura total dos laços familiares.

Outro detalhe que merece nossa atenção diz respeito à parte da propriedade que cabe aos filhos. Conforme o livro Deuteronômio (Dt21:17), o filho primogênito tem direito a uma porção dupla da divisão dos bens. Assim, por tradição, coube ao filho mais novo um terço da propriedade. Em função das informações históricas de que as propriedades naquele tempo eram pequenas, podemos deduzir que coube, então, ao

mais jovem uma reduzida área.

Havia outro complicador: divisão dos bens gerava duas outras situações extremamente delicadas e constrangedoras: tornando pública a ruptura da estrutura familiar, o irmão mais novo revelava também, indiretamente, que não queria manter sociedade com o irmão mais velho.

Para um leitor não familiarizado com os costumes da época, passa despercebida a omissão do filho mais velho, que deveria se colocar como mediador do conflito, empreendendo todos os esforços para solucioná-lo antes de tornar-se público, mas ao contrário aguarda o desenrolar da situação a fim de herdar sua parte da propriedade e tornar-se seu único dono.

Jesus, ao compor esse ensinamento, adequando-o à situação que se apresentava, pois falava para dois públicos distintos, tendo personificado na parábola, os publicanos e pecadores na figura do filho novo, e os fariseus e escribas como o filho primogênito, retém ainda mais a atenção dos espectadores quando configura, para aquelas comunidades, uma situação de solução muito complexa, em vista dos três grandes problemas que o filho mais novo havia criado e deveria resolver: a humilhação pública do pai, a quebra das tradições locais, e o rompimento dos laços familiares – o belo ensino está, nesse caso, no bom encaminhamento das coisas pelo próprio Pai, cujo amor incondicional pairava acima das conveniências e hábitos temporais que tanto nos engessam.

Vemos então, nessas breves informações, que utilizando os recursos didáticos disponíveis em cada situação, Jesus falava aos seus ouvintes em conformidade com o tempo e o lugar, demonstrando profundo conhecimento da lei e dos costumes de sua época, mas trazendo a todos mais larga visão das situações e dos relacionamentos.

Assim, para melhor compreendermos as lições do Mestre, é necessário dilatarmos nossa visão, ultrapassando os limites de uma simples decodificação dos textos e agregando ao nosso processo de leitura, que se expressa através do conhecimento linguístico, um conhecimento enciclopédico que nos possibilite penetrar de forma mais profunda no discurso. Com isso, poderemos extrair dos episódios, informações que não estão explícitas, mas que podem ser acessadas pelo leitor que busca, na investigação e na pesquisa, uma forma de serem percebidas.

Terminamos essas reflexões remontando às palavras do Codificador Allan Kardec, quando, na Introdução de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, nos adverte:

Toda a gente admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a

necessidade; muitos, porém, assim se pronunciam por fé, confiados no que ouviram dizer, ou firmados em certas máximas que se tornaram proverbiais. Poucos, no entanto, a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e lhe sabem deduzir as consequências. A razão está, por muito, na dificuldade que apresenta o entendimento do Evangelho que, para o maior número dos seus leitores, é ininteligível. A forma alegórica e o intencional misticismo da linguagem fazem que a maioria o leia por descargo de consciência e por dever, como lêem as preces, sem as entender, isto é, sem proveito¹⁰

7 KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 88 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

8 Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012.

9 JEREMIAS, Joachim. As parábolas de Jesus. 10 ed. São Paulo: Paulus, 2007.

10 KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. 125 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

POR QUE PARÁBOLAS?

Temi Mary Simionato

“Parábola”, na acepção geral do termo, é uma narrativa que tem por finalidade transmitir verdades indispensáveis de serem compreendidas. De origem grega, *parole*, significa colocar ao lado, comparar. São alegorias que contém preceitos de moral, e seu emprego contínuo tem por finalidade esclarecer melhor os ensinamentos de Jesus. As parábolas evangélicas são todas de preceitos morais.

Durante os três anos de sua vida pública, o Messias passava noites no alto dos montes, em sintonia com o infinito, e dessa profunda e vasta experiência direta com o Reino de Deus, brotaram as parábolas. Portanto, podemos entender que as parábolas narradas por Jesus, e que se encontram no Novo Testamento, foram utilizadas como meio didático de aprendizagem dos conceitos da sua doutrina. E, para facilitar mais a compreensão das coisas espirituais, o Mestre servia-se de comparações que ocorriam na vida comum e nos interesses rotineiros, como a pesca, a colheita, a semeadura, as festas de casamento, o pastoreio. Compreendemos, assim, que para o entendimento da parábola, precisamos buscar a alegoria que representa a ideia espiritual e, para isso não podemos ficar restritos ao sentido literal das palavras.

Aqueles que ouviam atentamente essas narrativas, procurando compreender o seu sentido mais profundo, tornavam-se estas, excelentes meios elucidativos; mas para aqueles que buscavam na parábola apenas a figura que compara, a alegoria que representa, prendendo-se à forma, para estes a doutrina sequer aparecia.

A partir daí, poderemos entender melhor a resposta do Mestre aos discípulos, quando lhe perguntaram a razão pelo qual Ele falava em parábolas: *“Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino de Deus, mas a eles não lhes é dado isso. Pois aos que tem, dar-se-lhe-á e terá em abundância; mas aos que não tem, até o que tem ser-lhe-á tirado.”* (Mt 13:11)¹¹. Percebemos, então, que há aqueles que vendo não vêem; ouvindo não ouvem e nem entendem. Desta forma, cumpre-se a profecia de Isaías:

Certamente ouvireis e de nenhum modo entenderéis. Porque o coração deste povo se faz pesado e de seus ouvidos se fizeram tardos, e eles fecharam os olhos para não suceder que vendo com os olhos e ouvindo com os ouvidos, entendam no coração e se convertam e eu os cure (Isaías 6:9-10).

Girando em torno da ideia do Reino de Deus, que, segundo Jesus, está dentro de nós

em estado dormente, ainda, as parábolas são um convite ao despertar para que esse reino, ao qual o Mestre chama de “luz sob o alqueire”, o “tesouro oculto” ou ainda “pérola preciosa”, floresça em nós. A Doutrina Espírita traz de volta os ensinamentos do Mestre de forma mais ampla, mais clara para aqueles que tendo olhos de ver e ouvidos de ouvir possam compreender melhor seus divinos ensinamentos.

Protegida pela linguagem velada, as parábolas puderam atravessar os séculos escapando das deturpações e, assim, chegarem aos tempos atuais, quando com os esclarecimentos já trazidos pelo Consolador prometido, pudessem elas serem interpretadas em espírito e verdade, dentro da pureza com que Jesus as criou.

Como aclara o codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo 24, item 7:

O espiritismo vem atualmente lançar a sua luz sobre uma porção de pontos obscuros, mas não o faz inconsideravelmente. Os espíritos procedem nas suas instruções com admirável prudência. É sucessiva e gradualmente que eles têm abordado as diversas partes já conhecidas da doutrina, e é assim que as demais são reveladas no futuro à medida que chegue o momento de fazê-las sair da obscuridade.¹²

Deste modo, Eurípedes Barsanulfo, através do médium Divaldo Franco, no livro “Páginas Elucidativas”, esclarece: “*A releitura do Evangelho de Jesus, sob a ótica da Doutrina Espírita, faculte-lhe o entendimento da vida na sua significação profunda e imposterável.*”¹³

Das parábolas de Jesus e seus ensinamentos ressaltam os clarões de fogo que formam a eterna chama que ilumina a nossa vida imortal. Não constituem apelo à caridade, mas antes, uma demonstração de fé, facultando-nos a esperança, e por ela seremos incitados a trabalharmos para o nosso progresso, a fim de sermos os arquitetos da nossa própria existência, seja neste ou em outro mundo, para os quais devemos voltar as nossas vistas.

Assim sendo, torna-se indispensável procurarmos o Reino de Deus e sua justiça que expressam a felicidade interior. Façamos o melhor, sentindo, pensando, trabalhando, servindo e amando, recordando que o divino Mestre passou pela Terra em plena doação de si mesmo.

Eis o padrão que deve nos inspirar as atividades diárias, pois não nos bastará crer acertadamente e ensinar com brilho, mas, acima de tudo, viver integralmente suas eternas lições.

11 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2012.

12 KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 125 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

13 FRANCO, Divaldo. *Páginas Elucidativas*. Pelo Espírito Eurípedes Barsanulfo. Araguari: Minas Editora, 2004.

PARÁBOLA DO ADMINISTRADOR INFIEL

Dá conta da tua administração

Francisco de Paula Vítor,

psicografia de Raul Teixeira

Dizia ainda a seus discípulos: “Um homem rico tinha um administrador que foi denunciado por estar dissipando os seus bens. Mandou chamá-lo e disse-lhe: ‘Que é isso que ouço dizer de ti? Presta contas da tua administração, pois já não podes ser administrador!’ O administrador então refletiu: ‘Que farei, uma vez que meu senhor me retire a administração? Cavar? Não posso. Mendigar? Tenho vergonha... Já sei o que vou fazer para que, uma vez afastado da administração, tenha quem me receba na própria casa’. Convocou então os devedores do seu senhor um a um, e disse ao primeiro: ‘Quanto deves ao meu senhor?’ ‘Cem barris de óleo, respondeu ele. Disse então: ‘Toma tua conta, senta-te e escreve depressa cinquenta. Depois, disse a outro: ‘E tu, quanto deves?’ — ‘Cem medidas de trigo’, respondeu. Ele disse: ‘Toma tua conta e escreve oitenta’. E o senhor louvou o administrador desonesto por ter agido com prudência. Pois os filhos deste século são mais prudentes com sua geração do que os filhos da luz.

Lucas 16:1-13

Como tem sido difícil encontrar os indivíduos ocupados com os seus compromissos sem se perturbar com o compromisso dos outros. Comumente, deixa-se de atuar bem em uma responsabilidade pessoal para vigiar e interferir na seara de responsabilidade alheia.

Quantos pais relaxam a educação dos próprios rebentos, enquanto estabelecem normas de conduta para filhos alheios? Quantos profissionais oferecem serviços de má qualidade aos seus clientes enquanto condenam a ineficácia de outros profissionais? Quantos companheiros são infiéis na relação social, e que choram e sofrem por se sentirem pouco considerados no meio onde vivem? Quantas são as pessoas que, em vez de viver nobremente, atuam erroneamente na vida, querendo justificar-se com os erros de terceiros?

Como é fácil observar grande número de almas viver mais preocupada em notar os outros que preocupar-se consigo mesmo. Percebemos, sem embargo, que essa neurose geral de fiscalizar a vida e os compromissos dos outros apenas diz respeito ao que é

negativo, ao que se mostra equivocado, ao que é imprestável ao progresso da pessoa.

São poucos os que se aplicam ao bem por terem visto a dedicação do bem dos seus vizinhos. É pequeno o número dos que se esmeram em melhorar a sua comunicação verbal em virtude de ter registrado a correção do discurso alheio. Bem poucos são os que se espelham no desprendimento material de um amigo, a fim de trabalhar a libertação do próprio egoísmo ou do espírito onzenário. Diminuto é o contingente dos que respeitam o lar, os filhos, a vida, enfim, após ter colhido os benditos exemplos que transformaram o lar, os filhos, a vida em escada de crescimento com sabedoria.

Indiscutivelmente, a vida na Terra é empreendimento divino, colocado sob cuidados da criatura humana a fim de que ela aprenda a lhe dar bom rumo, administrando-o com sabedoria. Por mais que a pessoa opine sobre a conduta de terceiros, interfira nas ações dos outros ou altere a rota dos semelhantes, com ou sem acerto, não deverá esquecer que a administração que lhe toca de perto, diretamente, é sobre a sua própria existência no mundo.

Não é fácil para os espíritos de pouca evolução, como os que estagiamos no hálito da Terra, atravessar, vitoriosamente, os mais diversos caminhos, as variadas experiências de aprendizado ou os testemunhos de fidelidade às leis de Deus impressas nas fibras mais íntimas de nossa alma. Dessa maneira, cabe aos indivíduos renascidos no berço terrestre o investimento dos seus melhores esforços, traduzidos em coragem, em boa vontade e fé ardente e lúcida para bem conduzir os rumos dessa concessão divina.

Cada um terá que dar conta de tudo quanto realizou no campo das lides terrenas, o que muitas religiões entenderam como sendo o juízo final. Esse encontro de consciência consigo mesma, ante o pulsar da verdade, traz ansiedades e torturas para quem malversou os valores da vida, mas tem sabor de ventura e cores de júbilo para os que bem souberam direcionar, pelos códigos de Deus, seus próprios destinos no mundo.

Sentimos, então, que Jesus Cristo se apresenta para todos nós como o Administrador por excelência que, ao cumprir no planeta todo o planejamento que foi posto em suas mãos, representando a vontade perfeita de Deus, e a ela se submetendo, ensina-nos, na posição do divino Modelo que é, a fazer o mesmo.

PARÁBOLA DO TESOURO ESCONDIDO

Artur Valadares

O Reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido no campo; um homem o acha e torna a esconder e, na sua alegria, vai, vende tudo o que possui e compra aquele campo.

Mateus 13:44

A Parábola do Tesouro é uma das menores parábolas do Evangelho, contando com apenas um versículo e presente somente no Evangelho de Mateus. Mas não se engane o leitor quanto à sua aparente singeleza. Como se infere do próprio título que lhe foi atribuído, em sua simplicidade se esconde também um tesouro, mais uma das preciosas pérolas da sabedoria incomparável de Jesus.

De um modo geral, vive o homem no mundo à caça de tesouros... bens e títulos, circunstâncias e relacionamentos que o possam trazer alegria, paz, segurança e estabilidade. Por mais que busque, no entanto, parece não encontrar aquilo que possa realmente lhe assegurar uma vida em que estes anseios essenciais estejam atendidos. Cada conquista parece trazer consigo uma nova aflição: o medo de perder, a ânsia de mais acumular, a inquietude que o faz constantemente comparar as suas com as conquistas alheias.

É que, elegendo como tesouros de sua vida os bens frágeis e transitórios do mundo, a criatura humana escraviza o seu coração e a paz que ele poderia albergar a essa mesma fragilidade, segundo a lição que o próprio Mestre nos deixou: *“onde estiver o teu tesouro, ali estará também o teu coração”* (Mt 6:21)¹⁴. Não consegue, desse modo, estabelecer uma paz e um equilíbrio verdadeiramente duradouros, porque submetidos à impermanência e à constante desagregação de tudo que vibra no plano da matéria. Cansado e desiludido após muito procurar, abre-se o indivíduo, então, a novos horizontes e uma voz diferente, enfim, ecoa em seu íntimo, convidando-lhe a procurar esse tesouro em outros campos, de outros modos... é o convite da Boa Nova do Reino que se faz escutar, despertando-o para um imensurável tesouro escondido em seu campo interior.

Surge o Evangelho como mapa divino para um tesouro distinto e ainda desconhecido. Algo em seu íntimo parece então lhe guiar, dando-lhe a certeza de que esse tesouro existe e que, se perseverar, haverá de encontrá-lo. Sabe que a busca é agora interior, desbravando e descobrindo o abandonado campo de si mesmo. De fato, encravado nas

profundezas de nossa alma está o mais precioso de todos os tesouros, diante do qual todos os tesouros terrestres são bem pobres e miseráveis. Faculdades latentes, infinitos potenciais, germens divinos ali estão, aguardando apenas o nosso despertar. É a descoberta deste tesouro a medida do nosso progresso, a base segura de uma paz realmente estável e de uma vida verdadeiramente feliz.

Ao encontrá-lo, Estêvão dirá: “Encontrei o tesouro da vida, preciso examiná-lo com mais vagar, quero saturar-me da sua luz, pois aqui pressinto a chave dos enigmas humanos”.¹⁵

Paulo e Barnabé, mais tarde, também viriam a exaltá-lo. Retidos à noite em uma caverna, após um dia cansativo e laborioso em uma de suas viagens, puseram-se a falar sobre a riqueza daquele imenso tesouro, trazido até nós pelo maior de todos os príncipes. Não sabiam, mas eram ouvidos. Da calada da noite, surgem dois salteadores. Atraídos em suas ambições por aquele diálogo, anunciam o assalto. Perguntam pelo príncipe, querem saber onde o tesouro está. Paulo, sereno e seguro, com os pergaminhos da Boa Nova em mãos, então lhes dirá: “Estes pergaminhos são o roteiro do imenso tesouro que nos trouxe o Cristo Jesus, que há de reinar sobre os príncipes da Terra. (...) Quem encontrar esse tesouro nunca mais sentirá necessidades”¹⁵. Ainda que desapontados com o que encontraram, resolvem poupar-lhes a vida, mas levam consigo o mapa do tesouro. Será que já o puderam encontrar? Foi este ainda o tesouro que Pedro encontrou em sua entrega total; Madalena, em sua renúncia suprema; Francisco de Assis, em sua pobreza tão rica.

Mas para que possamos realmente encontrá-lo, a lição implicitamente nos diz: é preciso cavar. Cavar fundo no campo de nós mesmos, dia após dia, até que ele comece a se revelar... é o esforço paciente e perseverante por nos descobrirmos, nos encontrarmos, no trabalho tão necessário do autoconhecimento, ressaltado por Santo Agostinho em O Livro dos Espíritos¹⁶.

Extasiados, então, ante as riquezas descobertas, vamos e vendemos tudo, a fim de comprar este campo. Outra maneira de se dizer que, a partir de então, tudo o que momentaneamente detemos passa a estar a serviço daquilo que realmente haverá de nos pertencer. Nosso corpo, nossos bens, cargos e condecorações, relacionamentos e laços familiares são agora entendidos como recursos preciosos que nos foram concedidos por um breve tempo para que os invistamos no maior de todos os empreendimentos: a aquisição de nós mesmos, de toda a nossa riqueza interior. Nas palavras do Cristo a Simão Pedro: “O Reino do Céu no coração deve ser o tema

central de nossa vida. Tudo mais é acessório”¹⁷.

Neste trabalho, ganha-se aos poucos um novo olhar e o próprio campo da vida nos revela agora outros tantos tesouros ocultos que antes não sabíamos enxergar... A bênção de servir, a alegria de amparar, a felicidade incomparável de poder amar.

Por isso, dizia Jesus: “o Reino de Deus está próximo” (Mc 1:15). Mais próximo do que podemos imaginar, em nós, conosco, no campo de nosso coração. É o Evangelho o mapa, e o tesouro, basta agora que o queiramos encontrar.

14 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2012.

15 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília: FEB. 45 ed., 2017.

16 KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 88 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

17 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa Nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos.

PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

Simão Pedro

Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus: “E quem é meu próximo?”. Jesus retomou: “Um homem deseja ir de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’. Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Jesus então lhe disse: “Vai, e também tu, faze o mesmo”.

Lucas 10:25-37

Em termos cronológicos, esta passagem se dá quando Jesus vai à Galileia, saindo da Judeia e passando pela Samaria, no momento posterior da conversa com a mulher samaritana no poço em um longo e rico diálogo. Samaria era o caminho mais natural a ser feito, mas não era feito pelos judeus e galileus, que davam a volta para evitar a Samaria e os samaritanos, mas Jesus não deu a volta, faz o caminho reto e passa pela Samaria.

Há um fato significativo na Parábola do Bom Samaritano, que é o encontro de Jesus com o doutor da Lei, um fariseu, que sabendo que Jesus havia calado os saduceus, quis sua chance e pergunta para Jesus: - Mestre, qual é o maior dos mandamentos? O interessante nesse trecho é que Jesus não respondeu qual é o maior dos mandamentos. Ele devolveu a pergunta: “- *O que está escrito na Lei? Como tu lês?* ” Em outras palavras, queria saber como o fariseu interpretava suas próprias leis. E então o doutor da lei responde: “- *Amarás o Senhor teu Deus, de todo o seu coração, todo teu espírito, todo o teu entendimento, toda tua alma, e amarás o teu próximo como a ti mesmo!* ” Jesus responde para ele: “- *Disse-o bem, faze isto!* ” E o doutor não se convencendo diz: “- *Mas Senhor, quem é o meu próximo?* ”. E então, que Jesus conta-lhe uma parábola, qual seja, a parábola do bom samaritano e, depois, volta a perguntar ao doutor da lei: “- *Qual dos três agiu com íntima compaixão?* ” Ele disse: “- *O samaritano!* ” E Jesus diz: “- *Disse-o bem, faze o mesmo!* ”

Jesus de uma forma tranquila devolve a pergunta ao fariseu por meio de uma parábola. Isso nos permite explorá-la, na medida em que Jesus vai narrando, colocando os elementos constitutivos, para que, quem ouvisse a parábola, se sentisse envolvido esquecendo-se dos véus, das amarras, das estruturas rígidas e dos rótulos que não permitem ver as pessoas para além de suas aparências.

Quando Jesus pergunta: “- *Quem agiu com compaixão?* ” o fariseu precisou responder: “*Foi o samaritano!*” E os rótulos das aparências caíram. Esse contexto é importante para entendermos o que é o agir em conformidade com as Leis de Deus.

Jesus falava por parábolas, era a sua didática. Ele falava a linguagem de quem podia escutar, e também como a dizer: “-*Eu preciso saber se você, que diz que sabe, de fato sabe, como você mesmo afirma*”. Por isso ele diz: “- *Faze isso!*”, “*Faze o mesmo!*” É uma forma didática para mostrar que não adianta ter o conhecimento sem a ação. Saber e fazer se completam.

Isto é libertador. Jesus, mais do que salvador foi-nos um libertador! O Salvador é alguém que nos carrega; libertador é alguém que nos abre as portas e diz: “- *Caminha!*” Jesus, nesta conversa com esse doutor, pôde falar a todos os que estavam ouvindo, talvez até aos samaritanos e outros grupos desprezados, escandalizando os grupos tradicionalistas, os doutores, levando todos a refletirem sobre o viver.

Samaritanos e judeus não eram inimigos, porque não se digladiavam, mas não eram bem quistos uns dos outros. Os samaritanos, embora hebreus, eram vistos como não puros, como um povo traidor dos costumes hebreus, pelos judeus daquela época, porque incorporaram à sua cultura, alguns costumes persas, babilônios, dentre outros. Jesus não conta a parábola do bom hebreu, nem do bom saduceu para contextualizar o ensino da caridade. Sendo assim, quando Jesus sugere cumprir o “amar ao próximo”, indicando que não basta ter conhecimento de Lei, mas é necessário cumpri-la, praticá-la cotidianamente.

Quem é meu próximo? Quem é do meu círculo? Quem é do meu grupo? Poderia o próximo dito na parábola alguém não é judeu? Isto é um problema; como ser próximo daquele que é um gentílico, ou fazem parte de povos menores, por exemplo, os cananeus? O publicano, que é cobrador de imposto; o romano, que é o dominador, todos eram “próximos” então?

No texto da parábola; Jesus utilizava os elementos geográficos, os elementos do vernáculo, da linguística, e as parábolas são ricas e simbólicas: “Eis que descia de Jerusalém para Jericó”. Jerusalém está mais ou menos 760 metros acima do mar, e Jericó está abaixo do nível do mar cerca de 250 metros; era uma descida. Jerusalém

era a cidade do Templo e simboliza a sacralidade, o espírito. Jericó era a cidade do comércio, das feiras comerciais, casas de câmbio local de trânsito, simbolizava a vida material, a busca do que é material e transitório. O material está abaixo do espiritual, até geograficamente.

Descia de Jerusalém; descia dos valores espirituais, para os valores materiais; caía, era uma queda espiritual e vibratória. A pessoa fez uma inversão de valores; em vez de subir de Jericó para Jerusalém; descia de Jerusalém para Jericó; e então ela é assaltada, ou seja, quando estamos descuidados, nessa invigilância, somos presas! E ele foi assaltado por salteadores, sorrateiramente, porque estava simbolicamente caindo, perdendo o senso do rumo certo, e aí se tornou mais influenciável, porque fragilizado. Observe-se que a expressão era “um homem”, artigo indefinido, qualquer pessoa. Só se sabe que era um homem! Simboliza qualquer um de nós. E depois ele coloca três pessoas, simbolizando três características, três grupos.

O primeiro deles passava pelo “mesmo caminho” daquele homem em queda vibratória, é o sacerdote, que vê o necessitado, e “passa ao largo”, não quis se aproximar, porque egoísta. Pode ser referência à proibição que os sacerdotes tinham sobre tocar em cadáveres, mas a parábola não é para mostrar realidades, é para tentar levar a entendimentos sub-reptícios como o de que o conhecimento técnico e religiosos do Levita não foi suficiente para que reconhecesse o seu próximo. Note-se que a expressão é “pelo mesmo caminho”, ou seja, também estava em queda dos valores espirituais para os materiais, embora fosse um sacerdote. Da mesma forma foi a referência ao levita, cuja expressão foi: de igual modo. Isso quer dizer, da mesma maneira do homem, qual seja, em queda dos valores espirituais para os materiais. A atitude do levita foi a mesma, passou ao largo.

E quando Jesus fala do samaritano, diz que ele “ia de viagem”, diferentemente dos outros dois que “iam pelo mesmo caminho”, ou seja, o samaritano era um viajante; tinha um motivo para passar por aquele caminho. Ele não estava em queda, estava em trabalho, em missão, para a qual se preparou; estudou o caminho por onde vai passar. Como um socorrista, um missionário, entrou no campo da vibração ruim daquele homem, mas não se deixou contaminar. Como disse o apóstolo Paulo: “Esteja no mundo; mas não seja do mundo” (1Co 3:22; 1Jo 4:5-6). Assim agiu o samaritano. Este samaritano viu e se aproximou do seu próximo chegando aos seus pés. Pés que simbolizam bases, sustentação e movimento. O auxílio dele foi à base, ao sustentáculo, viu a necessidade.

O Samaritano se aproxima, movido de íntima compaixão. Cuidou do sangramento, da

ferida, ou seja, deu o auxílio imediato à questão urgente que se apresentava. Usa o azeite, que é calmante, emoliente e o vinho, que anima, ou seja, simbolicamente transmitiu ao homem a serenidade que trazia em si e o ânimo para mudar seus rumos. Colocou na sua cavalcadura, cedeu o seu próprio lugar - ajuda plena. Levou a uma estalagem; demonstrando que a ajuda deve ser completa. Na estalagem buscou quem poderia fazer mais e melhor; com mais preparo, e seguiu a viagem. O samaritano deixou duas moedas (dualidade), e disse: “- O que gastares a mais, eu te restituirei quando voltar!” Em outras palavras, quem ajuda, volta para acompanhar o progresso. Simbolicamente, o estalajadeiro certamente era conhecido do samaritano, para deixá-lo pagar depois. Isso simboliza que o ser que ajuda é conhecido e respeitado de todos. Ele exala o respeito, mostra que quem quer ajudar, ele se envolve, é envolvido, e as pessoas confiam nele, porque sabe que ele vai voltar, vai cuidar. Não é uma ajuda feita como obrigação.

A ajuda é o ato da vontade, movido pelo sentimento, e foi isso que esse homem fez. Esse bom samaritano, que agiu com compaixão para com o próximo. E Jesus encerra dizendo ao doutor: “- Faze isto!” Pode ser que depois de ter ouvido esse ensinamento ele tenha feito sim, pode ser! Muitos doutores aprenderam isto, Gamaliel, Nicodemos e quantos outros!

PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

Daniel Salomão

Em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, Allan Kardec assegura-nos, pela profunda análise da mensagem do Cristo, que a única condição para a salvação, ou seja, para a felicidade, é a prática da caridade¹⁸. Percebendo a grandeza desta conclusão, não nos resta mais nada além de correr atrás deste tesouro escondido, desta pérola valiosa, parafraseando a poesia inconfundível de Jesus (Mt 13:44-46).

A parábola do Bom Samaritano (Lc10:25-37), apresenta preciosas orientações quanto à prática da caridade sincera, sem preconceitos, mas também compassiva, corajosa e preocupada com o crescimento íntimo daquele que, em determinado momento, apareça como nosso “próximo”, necessitado de amparo. Fazendo uma breve revisão, a parábola narra a história de um homem não identificado que, viajando de Jerusalém a Jericó, é assaltado, despojado e espancado no meio do caminho, ficando à beira da morte física. Passam em seguida um sacerdote e um levita, que não oferecem o menor auxílio. Após o descaso dos dois religiosos para com o ferido, mais preocupados com a própria segurança física e social, dados os riscos de outro assalto ou da crítica pública¹⁹, surge nosso herói.

A primeira virtude exemplificada pelo samaritano é a compaixão. Essa palavra, no grego bíblico, tem em sua raiz a palavra “entranhas”. Logo, ter compaixão significa sentir-se como “dentro” do outro, perceber o que o outro sofre. Diferentemente de “pena” ou dó, a compaixão ultrapassa preconceitos de qualquer espécie, permitindo ver o “próximo” como digno de amor, capaz de crescer e de evoluir. O samaritano interrompe seu trajeto e dedica-se ao ferido, atando suas feridas após limpá-las com óleo e vinho, substâncias com alto valor ritual para o povo judeu e não descuidadamente escolhidas por Jesus como os “medicamentos” da história. Talvez o Mestre quisesse chamar atenção para o único “ritual” que realmente agrada ao Pai... O bom viajante, então, em mais um gesto de desprendimento, abre mão do conforto de sua cavalgadura para transportar o moribundo a um local seguro.

A segunda virtude demonstrada pelo samaritano é a coragem, por arriscar-se em região deserta, próximo a um homem desconhecido que acabara de ser assaltado. Os salteadores poderiam estar por perto, porém, os riscos não param por aí - a rivalidade secular entre judeus e samaritanos poderia gerar diversos problemas para o caridoso filho da Samaria. Jesus, apenas por citar um samaritano como o bom homem da

história, diante de um auditório judeu, arriscava-se a despertar o mais profundo ódio da plateia. Se o samaritano viajava pela Judeia, como conta o Mestre, a chance de ver no ferido, outro samaritano era remota. O mais provável é que fosse judeu e, como judeu, poderia ter uma reação violenta ao despertar e reconhecer em seu salvador um odioso inimigo, amaldiçoado até mesmo nas sinagogas. Além disso, se a família do ferido descobrisse a identidade de seu companheiro, o samaritano correria até mesmo risco de vida. Segundo Kenneth Bailey, para a mente grupal do camponês do Oriente Médio, o estranho que se envolve em um acidente é frequentemente considerado, de forma parcial ou total, como o responsável pelo acidente. Não havia testemunhas. A valentia do samaritano manifesta-se, sobretudo, no preço que está disposto a pagar para salvar a vida de um desconhecido, seu “próximo”²⁰. A questão da coragem aparece, também, nas recomendações de Jesus, quando diz que

todo aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, eu também o reconhecerei e confessarei diante de meu Pai que está nos céus; e aquele que me renegar diante dos homens, também eu o renegarei diante de meu Pai que está nos céus” (Mt, 10:32-33 e, similarmente, em Lc, 9:26)²¹.

Reconhecer e confessar Jesus é buscar entender e vivenciar sua mensagem, essencialmente resumida no amor ao próximo como a si mesmo, na prática da caridade. É ter a coragem de vencer o orgulho, assumindo as imperfeições e modificando trajetos, de abrir mão de confortos e agir na contracultura do imediatismo e do materialismo vigentes. Não abraçar este convite é dispor-se a ser “renegado” diante do Pai pela própria consciência, nobre repositório de Suas leis.

Por fim, é importante destacar uma terceira virtude: a preocupação com o crescimento do outro. Após as demonstrações de compaixão e coragem ao atender e conduzir o ferido, a dupla chega à estalagem. O samaritano passa a noite ao lado de seu companheiro, doando ainda mais de seu tempo e disposição. No dia seguinte, já tendo pago as despesas do pernoite, deixa mais dois denários para custear hospedagem e cuidados do dono da estalagem. O samaritano não permanece ao lado do ferido... Numa leitura apressada, é possível até mesmo questionar se não faltou, neste momento, caridade por parte do bom viajante. Todavia, procurando entender a parábola com mais cuidado, podemos enxergar o amor sincero no próprio ato de afastamento do samaritano. Ao encontrar o ferido em situação emergencial, não há atitude possível senão carregá-lo, fazer por ele o que não poderia fazer sozinho. Entretanto, quando percebe a melhora, conclui que, a partir daquele momento, a cura das feridas viria pela responsabilidade do próprio assistido, que não permaneceria desamparado, mas observado com certa distância. Segundo Alírio de Cerqueira Filho,

está aí uma grande lição ao trabalhador espírita, particularmente ao que atua em setores de assistência e promoção social.

Amadurecemos e ficamos felizes quando reconhecemos em nós o mérito do aprendizado. Carregar o outro desnecessariamente é privá-lo da real oportunidade de evolução. Se valorizamos a prática da caridade apenas em sua dimensão material transitória, também importante, corremos o risco de cair no assistencialismo. Se nos preocupamos, porém, com sua face espiritual, passamos a enxergar no outro o espírito imortal, maior responsável pela própria felicidade. O Centro Espírita, bem como cada um de nós, individualmente, deve estar ciente de que a principal necessidade do assistido é a de curar as feridas e voltar a viver²². Porém, perceber quando o outro já pode “andar sozinho” não é tarefa fácil.

Do ponto de vista do Centro Espírita, um diálogo respeitoso, de acolhimento sincero, pode propiciar uma segura avaliação. Do ponto de vista individual, a situação não é diferente. Diante de uma ação consoladora, por exemplo, devemos sempre tomar o cuidado de não nos tornarmos “bengalas” para alguém que já possa até mesmo “correr sozinho”. Não devemos perder de vista o caráter libertador e engrandecedor da mensagem cristã. Muitas vezes, manter o assistido indefinidamente sob as asas pode ser apenas uma necessidade vaidosa de se sentir importante. Lembremo-nos de que nosso maior dever é auxiliar o outro a encontrar a felicidade, pois não é possível encontrá-la por ele. Um trabalho espírita digno desse nome é aquele que vai fazer com que a pessoa ascenda para acender a própria luz, que ela se eleve para poder se iluminar e evoluir²³.

18 KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro, 112ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

19 BAILEY, Kenneth. *As parábolas de Lucas*. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2009, c. 4.

20 BAILEY, Kenneth. *idem*.

21 KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro, 112ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

22 CERQUEIRA FILHO, Alírio de. *Parábolas terapêuticas II*. 1ª ed. Cuiabá: Espiritizar, 2012, c. 1.

23 KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro, 112ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA VINHA

Vinícius Lara

Porque o Reino dos Céus é semelhante a um pai de família que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha. Depois de combinar com os trabalhadores um denário por dia, mandou-os para a vinha. Tornando a sair pela hora terceira, viu outros que estavam na praça, desocupados, e disse-lhes: 'Ide, também vós para a vinha, e eu vos darei o que for justo'. Eles foram. Tornando a sair pela hora sexta e pela hora nona, fez a mesma coisa. Saindo pelo hora undécima, encontrou outros que lá estavam e disse-lhes: 'Por que ficais aí o dia inteiro desocupados? Responderam: 'Porque ninguém nos contratou'. Disse-lhes: 'Ide, também vós, para a vinha'. Chegada a tarde, disse o dono da vinha ao seu administrador: 'Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário começando pelos últimos até os primeiros'. Vindo os da hora undécima, receberam um denário cada um. E vindo os primeiros, pensaram que receberiam mais, mas receberam um denário cada um também eles. Ao receberem, murmuravam contra o pai de família, dizendo: 'Estes últimos fizeram uma hora só e tu os igualaste a nós, que suportamos o peso do dia e o calor do sol'. Ele, então, disse a um deles: 'Amigo, não fui injusto contigo. Não combinaste um denário? Toma o que é teu e vai. Eu quero dar a este último o mesmo que a ti. Não tenho o direito de fazer o que eu quero com o que é meu? Ou o teu olho é mau porque eu sou bom?' Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos.

Terceiro anúncio da paixão

Quando estavam para subir a Jerusalém, ele tomou os Doze a sós e lhes disse, enquanto caminhavam: "Eis que estamos subindo a Jerusalém e o Filho do Homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e escribas. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado. Mas no terceiro dia ressuscitará.

Mateus 20:1-19

Os ensinamentos de Jesus são como camadas de sabedoria que se desdobram sobre as mais diferentes circunstâncias da vida cotidiana. Conforme o ajuste de nossas lentes de leitura particulares, novos mundos de significado se abrem ao pensamento, e isso é incrivelmente benéfico para os estudantes da verdade. Existem valores centrais contidos nos evangelhos, que são inquestionáveis, como o amor a Deus, a busca pela superação da ignorância e do mal, o amor ao próximo e o exercício da caridade através

do desapego e do perdão. Embora, de modo sucinto, este seja o roteiro, a forma de caminhar é diversificada. Jesus ensinou através de sua conduta; por meio de exposições morais específicas e também pelas parábolas. Cada palavra, cada atitude, cada conceito oferecido a nós pelo mestre se destinava a tipos específicos de mente, guardando como objetivo final a capacidade de transformar nossa visão de mundo pelo reconhecimento da natureza última de nosso ser.

A parábola dos trabalhadores da vinha aborda uma questão importante para a comunidade cristã e espírita, no que se refere à maneira de organizar os tarefeiros da obra ao longo do tempo e de suas funções. Gostaria de ater as reflexões deste texto exatamente aos últimos versículos da parábola, em que o senhor da vinha inicia o pagamento a seus funcionários e encontra entre eles divergência e indignação.

Realizando uma breve transliteração dos símbolos presentes no conto podemos associar o senhor da vinha ao Plano Divino - ou à vontade de Deus, uma vez que é importante rompermos com a personificação humana do Criador a fim de que Ele possa se alinhar com a definição espírita registrada por Allan Kardec²⁴.

O trabalho pode ser entendido como a própria jornada evolutiva que nos torna dignos do salário. Trabalhadores são todos os espíritos e por fim, o salário, seria algo próximo a uma recompensa pelos esforços empregados, não como um título ou um tesouro, mas talvez algo que nos aproxime de adquirir maior confiança e proximidade dos planos do Mais Alto. Não podemos associar o pagamento com a evolução do espírito em si. A lógica divina não se baseia em um sistema semelhante ao comercial. Uma coisa é quando Jesus se refere a filhos de Deus, outra diferente é quando usa a expressão servo ou trabalhador. A distinção é sutil, mas importante. O servo trabalha pelo pagamento, espera recompensa, atua por algum interesse, portanto, no que se refere ao caminho espiritual, a condição de servidão é indicativa de início de jornada, quando a lógica de relação com a verdade ainda está emoldurada pelos valores da troca com Deus. Os filhos, por outro lado, agem não pelo pagamento, mas por reconhecer que tudo aquilo que é do Pai também lhes pertence. Há uma ampliação da noção de identidade com Deus. Não se faz mais o bem por salários, mas unicamente porque fazer o bem é bom e por si só vale o esforço.

Reconhecendo esta pequena diferença já fica mais claro percebermos que a confusão na vinha só ocorre porque está se referindo a iniciantes na prática da verdade, e esta condição de iniciante não se relaciona necessariamente ao tempo em que estudamos os ensinamentos espirituais ou praticamos obras caritativas. O aproveitamento é medido pela capacidade de migrarmos da condição de operários para a de herdeiros da virtude.

Muitos de nós ainda estamos engatinhando na prática da moral crística, mesmo possuindo décadas de filiação e atividade espírita.

O pagamento que o Plano Divino nos oferece não pode ser diferente entre uns e outros. Uma vez que Deus é absoluto e que nossa maior conquista é a de nos percebermos integrados a Ele, pouca diferença há que essa integração surja como fruto do trabalho de um século, de uma década ou de um dia. A partir do instante em que a alma se abre para o trabalho e a meditação no bem, faz sua conversão interna e começa a operar, torna-se merecedora do pagamento das Leis Divinas na forma de renovadas oportunidades para reconhecer-se filho de Deus.

O que ocorre na parábola? Servos que estão a mais tempo na lida da vinha sentem-se lesados pelo Senhor quando vê que aqueles que chegaram há pouco tempo recebem o mesmo salário. E a chave para compreender os planos do Mais Alto está no próprio texto, quando o dono da vinha responde aos insatisfeitos:

Amigo, não estou a injustiçar-te. Não foi um denário que acordaste comigo? Leva o que te pertence e vai-te embora. Quero gratificar este último [trabalhador] como a ti. Ou não me é permitido fazer o que quero com aquilo que é meu? Ou estás a fazer má cara porque sou generoso?

A meta da evolução é uma só, participarmos da presença divina, mudando a forma como enxergamos a realidade. Deus é sempre bom, misericordioso e justo e qualquer suposta injusta de sua parte é falsa, inexistente. O grande adversário que devemos enfrentar no início da marcha não é uma possível injustiça da parte de Deus, mas o materialismo espiritual.

De maneira sintética podemos definir materialismo espiritual como o conjunto de práticas espirituais que visa alcançar resultados materiais ou resultados que se baseiam na lógica materialista da troca ou do comércio com Deus. Por exemplo, quando alguém pratica ações de caridade para estampar em seus perfis sociais na internet ou para obter reconhecimento; quando se faz algum gesto nobre que em seguida é utilizado em meio às preces como justificativa para pedir alívio, ou bênçãos superiores; ou ainda, na circunstância em que se imagina que o simples fato de crer deste ou daquele modo deveria conferir ao praticante espiritual algum destaque entre os demais.

Quando os trabalhadores que chegaram à vinha mais cedo se queixam com o Plano Divino de que deveriam “receber mais”, estão servindo de exemplo a nós pela demonstração exata desta percepção distorcida do papel do cristianismo de modo geral, e do espiritismo de modo específico. E se construímos esse tipo de moralidade

materialista, passamos quase que imediatamente à condição de filhos que desejam controlar o Pai Maior, fazemo-nos fiscais da conduta alheia; reivindicamos uma espécie de monopólio da pureza. O resultado? Frustração e desentendimentos.

Na atualidade, quando vivemos crises morais muito graves nas quais o relativismo se apossa também das fileiras espíritas, vemos nascer dissensões baseadas exatamente nesta perspectiva de “nós” - os mais sábios, mais intelectualizados, detentores de títulos, de projeção midiática ou de prestígio - em oposição a “eles” - os mais simples, discretos, desconhecidos, porém, vigorosos trabalhadores que tentam romper a todo custo com os grilhões de suas antigas correntes. Tal oposição é perigosa e infrutífera a todos. Exatamente por isso Jesus ensinou sobre o tema.

O desafio de nosso tempo é o de voltarmos a atenção e os esforços do pensamento e da ação cotidiana para o cumprimento silencioso das funções que nos cabem na obra da criação, rompendo com antigas amarras, que hoje podem ser identificadas como o elogio às hierarquias, à segregação e a velha dicotomia entre bem sucedidos e fracassados, superiores e inferiores, ou mesmo velhas disputas na busca por mais vantagens. Tudo à base da astúcia, para sustentar o orgulho, e nos afastar do Pai, afastando-nos uns dos outros. A aproximação do outro, o amor ao próximo, independentemente das características, ganhos ou perdas de cada um, e a consequente aceitação da Vontade do Senhor da vinha, é que em definitivo alegra Seu Divino Coração e instaura Seu Reino na Terra. A disputa na vinha de que fala Jesus é atualíssima. Convite urgente para analisarmos nossa motivação no trabalho, nossas expectativas e a forma como nos relacionamos com os demais amigos que, tanto quanto nos mesmos, anseiam por superar o sofrimento e encontrar a felicidade. O materialismo espiritual é o mal de nossa época, mas, graças à bondade do Mais Alto, Jesus sabe disso, e continua agora como sempre a nos oferecer o antídoto do conhecimento útil capaz de suplantar nossa obstinada ignorância moral.

PARÁBOLA DO JUIZ INÍQUO E A VIÚVA

Jussara Goretti

Contou-lhes ainda uma parábola para mostrar a necessidade de orar sempre, sem jamais esmorecer. *“Havia numa cidade um juiz que não temia a Deus e não tinha consideração para com os homens. Nessa mesma cidade, existia uma viúva que vinha a ele, dizendo: ‘Faz-me justiça contra o meu adversário!’ Durante muito tempo ele se recusou. Depois pensou consigo mesmo: ‘Embora eu não tema a Deus, nem respeite os homens, contudo, já que essa viúva está me dando fastio, vou fazer-lhe justiça, para que não venha por fim esbofetear-me’”*. E o Senhor acrescentou: *“Escutai o que diz esse juiz iníquo. E Deus não faria justiça a seus eleitos que clamam a ele dia e noite, mesmo que os faça esperar? Digo-vos que lhes fará justiça muito em breve. Mas quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?”*

Lucas 18:1-8

As Parábolas de Jesus trazem grandes e importantes ensinamentos para o caminhar na Terra. Esta parábola adverte que jamais se deve perder a esperança em receber o atendimento do Pai às súplicas feitas e, em momento algum, duvidar em ser auxiliado naquilo que se necessita. É preciso entender o valor da confiança em Deus, o valor da prece e a importância da perseverança para alcançarmos objetivos desejados.

Ao analisar os ensinamentos trazidos por Jesus, nesta parábola, deve-se levar em conta o momento histórico em que ela foi narrada, os costumes da época e as tradições daquele povo. Era normal, para as mulheres, o casamento na idade de treze ou quatorze anos, sendo seus esposos mais velhos. Logo, a viúva da parábola, na época de Jesus, não era necessariamente uma pessoa de mais idade, como muitas vezes deduz-se nos dias atuais. No Antigo Testamento, as referências às viúvas e aos órfãos são colocadas como pessoas indefesas e necessitadas de ajuda, por apresentarem-se frágeis e vulneráveis. Com a perda da proteção legal do esposo, a viúva e seus filhos viam-se em situação de penúria e pobreza. Se o marido deixasse dívidas, a viúva teria que arcar com o pagamento dos débitos, o que gerava, muitas vezes, a venda dos bens deixados, a entrega dos filhos à servidão e a submissão a todo tipo de exploração por parte dos credores.

Os casos judiciais de maiores proporções eram, normalmente, levados a um tribunal. A parábola deixa claro, entretanto, que a viúva trazia uma queixa a um juiz individualmente – e não perante um tribunal – o que significava tratar-se de uma

questão de dinheiro: uma dívida, uma penhora ou uma parte de herança que lhe era devida e recusada. Supõe-se, também, ser ela pobre. O litigante no processo deve ser pensado como rico e influente e a única possibilidade de esta viúva ser atendida era a constância com que importunava o juiz.

Este juiz, entretanto, era iníquo, ou seja, perverso, malévolo, injusto. Era um juiz da injustiça. Deve-se entender, aqui, que Jesus alertava para a oposição entre a justiça e riqueza deste mundo e àquela do Reino de Deus, verdadeira justiça e riqueza. A justiça da Terra é falha e pode demorar a solucionar contendas, mas a de Deus opera em outra ótica: tudo vê e nunca falha.

Na Parábola, a viúva foi, enfim, atendida pelo juiz; infere-se que, não para acudi-la em suas necessidades, num caso justo, mas para que ficasse livre de suas contínuas visitas e do constante incômodo de suas demandas. Disse o juiz: *“(...) já que essa viúva está me dando fastio, vou fazer-lhe justiça, para que não venha por fim esbofetear-me”*. Esta é a justiça dos homens, completamente díspar da justiça Divina. A Justiça Divina está inserida no código penal da vida futura em que, ao final do processo, todos são tratados igualmente como filhos do mesmo Pai – amoroso e misericordioso – que leva em consideração tantos pontos e atenuantes que não somos capazes de avaliar.

Kardec compilou, com muita propriedade, os ensinamentos dos Espíritos no livro *O Céu e O Inferno*, ao mostrar que o direito penal divino está alicerçado no tripé: *arrependimento, expiação e reparação*.

O arrependimento é de competência dos seres encarnados e desencarnados, tendo como base o pressuposto de não repetir o ato do qual se arrepende e aprender com os próprios erros. Desta maneira, abre-se mão da rebeldia que muitas vezes está oculta nos pensamentos individuais. É, portanto, um processo educativo, pois requer reconhecimento do erro e o desejo sincero de não o fazer mais. *“O arrependimento pode dar-se por toda parte e em qualquer tempo; se for tarde, porém, o culpado sofre por mais tempo”²⁵*.

Ao infringirmos a Lei de Deus, estamos sujeitos à lei de causa e efeito e, assim, a cada mal realizado uma dívida é contraída e necessário se faz pagá-la. Quanto mais graves as nossas faltas, maiores nossos sofrimentos. Reencarnamos para expiar estes erros e, neste momento, a expiação está sob o controle de Deus. Ele, através de sua misericórdia e de seu amor sabe os melhores caminhos que se deve seguir para a lapidação da alma do Espírito encarnado que transgrediu as Leis Divinas. A expiação supõe uma ligação afetiva e emocional com o dano cometido e a dor torna-se o melhor instrumento utilizado pelo Pai para a libertação das mazelas cometidas. A reparação

também está sob o controle de Deus, uma vez que requer uma nova oportunidade de entendimento, sendo um princípio de rigorosa justiça. É preciso fazer o bem àqueles a quem fizemos o mal. Só através do amor que se consegue uma transfiguração do destino do Espírito. Elaboração minuciosa e necessária por parte dos amigos espirituais para obtenção dos fins desejados.

Esta parábola nos alerta para a importância da prece, para a elevação dos nossos pensamentos, de forma positiva e confiante, buscando uma ligação efetiva com os espíritos superiores. A viúva, embora sabendo que o juiz era injusto, não desanimou. Pelo contrário, permaneceu em súplica até ver atendida sua pretensão. O mesmo deve ocorrer quando uma petição a Deus for feita. A fé e o espírito de perseverança devem reinar nos corações daqueles que passam por momentos difíceis e angustiosos. Aliada a esses dois requisitos está a caridade. A prática de boas obras e a conquista de virtudes espirituais permitirão o atendimento do socorro solicitado. *“A cada um será dado segundo suas obras”* (Sl62:12; Is 3:11; Os 4:9; Os 12:2; Rm 2:6)²⁶

As preces endereçadas aos planos mais elevados da Espiritualidade terão por finalidade dar sustentação aos destinos terrestres e nunca alterar os processos expiatórios ou probatórios que precisamos viver. O entendimento do mecanismo da prece nos leva a deduzir que os Bons Espíritos não embaraçam os desígnios de Deus e nem suspendem o curso das Leis Naturais. Auxiliam a não infração das leis ao orientarem o livre-arbítrio, de forma oculta, pois não podem prejudicar a vontade de cada ser. É preciso ter a responsabilidade de cada ato e o mérito da escolha entre o bem e o mal.

Em muitas orações endereçadas ao Pai não se sabe, se o que se pede é o que realmente se necessita. Por intermédio dos Bons Espíritos, retornarão a estas súplicas a força, a coragem, a resignação, o consolo, a intuição para a resolução das dificuldades enfrentadas. O Espiritismo nos faz compreender a ação da prece, ao explicar a forma de transmissão do pensamento. Todos os seres, encarnados e desencarnados, estão mergulhados no fluido universal que é impulsionado pela vontade, pois é o veículo do pensamento dirigido, que estabelece correntes fluídicas entre os seres, e está na razão direta da energia do pensamento e da vontade. O pensamento, portanto, é formado pelos nossos sentimentos e pelas intenções.

Para que a ajuda se faça, necessário é ter a persistência da necessidade verdadeira, o esforço conjunto na busca por encontrar o que se precisa, a disposição da viúva que não se deixou abater pela má vontade do juiz. Mas também humildade, brandura e serenidade. Os corações devem estar puros, sem ódios ou mágoas, pleno de perdão. Através da humildade em depositar mais confiança em Deus do que em si

próprio, o homem reconhece-se como instrumento da vontade Divina e, conseqüentemente, os Bons Espíritos podem auxiliá-lo. Por ser uma experiência pessoal, que precisa se desenvolver na intimidade do ser, a fé deve ser buscada, cultivada e alimentada com boas obras, orações, paciência, estudo e transformação.

O Espiritismo explicita a existência da vida futura e, com isso, nossa percepção da vida terrena muda completamente. Estamos aqui de passagem e as vicissitudes, as injustiças dessa vida são circunstâncias que devem ser suportadas e superadas com paciência e aprendizado. Mantenhamo-nos firmes nos propósitos de vencermos as nossas dificuldades colocando em prática os ensinamentos do Mestre Jesus. Oremos com confiança, pratiquemos a caridade, sejamos cada dia melhores e, tenhamos a certeza que as bênçãos do Pai já estão conosco, esperando-nos as solicitações para nos atender.

25 KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno* . 60 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

26 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2012. E DIAS, Haroldo Dutra. O Novo Testamento. 1 ed. 6ª impressão. Brasília: FEB, 2017.

PARÁBOLA DO SERVO FIEL

André Sobreiro

Quem é, pois, o servo fiel e prudente que o senhor constituiu sobre a criadagem, para dar-lhe o alimento em tempo oportuno? Feliz daquele servo que o Senhor, ao chegar, encontrar assim ocupado. Em verdade vos digo, ele o constituirá sobre todos os seus bens. Se aquele mau servo disser em seu coração: *'Meu senhor tarda'*, e começar a espancar os seus companheiros, a comer e beber em companhia dos bebedores, o senhor daquele servo virá em dia imprevisto e hora ignorada. Ele o partirá ao meio e lhe imporá a sorte dos hipócritas. Ali haverá choro e ranger de dentes.

Mateus 18:45-51

Allan Kardec, em 'O Evangelho Segundo o Espiritismo', nos oferta "a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida"¹. Ensina-nos também o Codificador desta extraordinária Doutrina, com relação à moral e o livro citado, que "essa parte é a que será objeto exclusivo desta obra"².

Ainda nos movimentos introdutórios destas linhas, gostaríamos de lembrar o conceito dado pelos Espíritos Superiores com relação à moral:

A moral é a regra para bem se conduzir, isto é, para a distinção entre o bem e o mal. Ela está fundamentada na observância da lei de Deus. O homem procede bem, quando faz tudo intencionalmente para o bem de todos, porque, então, cumpre a lei de Deus.³

E convém ressaltar que, em várias passagens da primeira obra citada, ele faz análise criteriosa dos textos comumente chamado de parábolas, extraíndo o espírito (ideia central transmitida pelo texto – falado ou escrito) da letra (forma de transmissão da ideia).

Nossas reflexões terão como sol a chamada Parábola do Servo Vigilante, no relato do evangelista Mateus capítulo 18: 45-51.

Logo no primeiro versículo, Jesus nos relata a ação do Senhor ao constituir o servo fiel e prudente sobre seus domésticos. Esta atitude reflete algumas deliberações do Senhor de uma casa ou propriedade, naquela cultura. Entre elas:

A autoridade do Senhor, elegendo aquele que lhe conquistou a confiança, para a

execução da tarefa – ideia que nos remete ao estudo profundo da “Escala Espírita”⁴ ;

2. O mérito do eleito – que será discutido a seguir;

Adiante, o Cristo classifica como bem-aventurado (feliz, abençoado – adjetivo positivo) o servo que fosse encontrado trabalhando. Dando-nos a conotação de uma chegada surpreendente do Senhor, remete-nos o texto à necessidade de nos mantermos firmes em nossa conduta cristã, transformando-a em valores morais, e não nos limitando às máscaras sociais ou ao comportamento, aquilo que gostaríamos de mostrar às pessoas que convivem conosco.

Quando o texto diferencia os domésticos (portanto, não escolhidos ou constituídos) do servo considerado fiel, lembramo-nos do extraordinário texto de Espírito Erasto:

“Somente a um hábil general, capaz de o dirigir, se confia o comando de um exército. Julgais que Deus seja menos prudente do que os homens? Ficai certos de que só confia missões importantes aos que ele sabe capazes de as cumprir, porquanto as grandes missões são fardos pesados que esmagariam o homem carente de forças para carregá-los. Em todas as coisas, o mestre há de sempre saber mais do que o discípulo; (...)”⁵

Portanto, quando o Senhor diz ao servo fiel que “o constituirá sobre todos os seus bens”, demonstra a confiança conquistada, através de esforço, pelo servidor, ainda que possivelmente, os “domésticos” não tenham conseguido esse crescimento, no âmbito profissional). E esse esforço nos remete à duas Leis Morais: Lei do Trabalho e Lei do Progresso!⁶

A primeira nos transmite a necessidade de semear, para que se possa colher. Não ignoramos que “plantio” e “colheita” denotam simbologia muito usada por nós, para designar o princípio de Causalidade (Lei de Causa e Efeito, como se costuma chamar). Lembra-nos também esse princípio que a colheita (efeito, consequência) sempre se mostrará em acordo com o plantio (causa, ação).

Já a segunda lei nos remete apenas à colheita (efeito ou consequência). Havendo plantio (esforço) correto (em consonância com a Lei de Deus), o progresso sempre ocorrerá, e passos são dados, na caminhada evolutiva.

Creemos terem sido esses os fatores que conduziram o servo vigilante ao mérito da constituição! Esforço e progresso!

Analisemos, com detalhes, o termo usado por Jesus no versículo 48: “Meu Senhor tarda!”

O verbo ‘tardar’ sugere atraso, demora e ausência, confirmando a tendência já citada de comportar-se corretamente apenas quando o Senhor está presente, observando. Simplificando: se o Senhor está presente, esforço! Se não está... “Corpo mole”!

Não nos esqueçamos, porém, da forma como Deus nos é apresentado pelo Espiritismo:

- Onisciente – saber absoluto; portanto, tudo sabe!

- Onipresente – está em todos os lugares!

Se quisermos nos aventurar pela definição de Allan Kardec: “Deus é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.”⁷

Entendemos ser, portanto, impossível não estar na presença do Senhor! Cada uma das nossas ações será aferida, e nenhuma fica esquecida ou ignorada. Sabemos que mesmo as oportunidades perdidas (quando deixamos de ser úteis) terão consequência, como nos ensina “O Livro dos Espíritos”:

Basta não fazer o mal para ser agradável a Deus e assegurar sua posição futura?

“Não; é preciso fazer o bem no limite de suas forças, pois cada um responderá por todo o mal que tiver sido feito em consequência do bem que não tiver sido praticado.”⁸(Destaques nossos)

Na sequência, são citados os comportamentos equivocados:

1. “Espancar seus conservos”; e

2. “Comer e a beber com os embriagados”.

Analisemos as palavras de Allan Kardec, na obra “O Céu e o Inferno”:

“Toda imperfeição, e toda falta que dela decorre, traz consigo seu próprio castigo, por suas consequências naturais e inevitáveis, (...).”⁹

O texto nos ensina que a falta (erro, pecado) é consequência de uma ou mais imperfeições! O entendimento deste importante preceito doutrinário é fundamental, para que possamos redirecionar as ações para o nosso progresso. Muitas vezes, preocupamo-nos em demasia com a reparação da falta, esquecendo-nos do fator mais importante: a correção da imperfeição, para que não voltemos a cometer os mesmos erros! A expiação da falta nem sempre nos leva ao aprendizado.

Outro ponto importante da parábola se mostra nas seguintes palavras proferidas pelo Cristo:

- (...) Em dia que não espera, e em hora que não sabe. Recorramos, mais uma vez, ao sábio Mestre Francês:

Reconhecem-se ainda os Espíritos levianos pela facilidade com que predizem o futuro e precisam fatos materiais, que não nos é dado conhecer. Os bons Espíritos podem fazer as coisas futuras serem pressentidas, quando este conhecimento pode ser útil, mas nunca precisam datas; qualquer anúncio de acontecimento, em época fixa, é indício de uma mistificação;10 (Destaques nossos)

Nesta clara recomendação de Allan Kardec, aprendemos que os Espíritos Superiores podem-nos fazer pressentir fatos futuros, mas jamais transmitirão datas. As “revelações”11 feitas com determinação de datas, segundo o Codificador, são feitas por Espíritos imperfeitos, sistemáticos.

Ainda podemos refletir sobre as últimas palavras citadas como sendo, simbolicamente, a “volta de Jesus”, tão comentada nos meios religiosos. Segundo o texto citado, não se sabe a época em que isso se dará. Embora o Espiritismo nos mostre essa volta como sendo a reconstrução da doutrina ensinada pelo Cristo, temos bastante trabalho pela frente! A conclusão desta “obra” depende do esforço coletivo e, portanto, é impossível fixar datas para essa época.

O último termo que gostaríamos de entender, nesta bela parábola, é bastante usada por Jesus, pois há várias citações no chamado Novo Testamento:

- O pranto e o ranger de dentes.

Citação simbólica das consequências de nossas faltas (erros, pecados). Em resumo: a dor.

Na prática: o remorso e o arrependimento são, em geral, os primeiros sintomas de que a alma percebe seu erro. A importância do arrependimento foi-nos esclarecida na primeira das Obras Fundamentais do Espiritismo12.

Vejamos o que nos diz Santo Agostinho, em 1862, sobre nosso planeta:

Ele há chegado a um dos seus períodos de transformação, em que, de orbe expiatório, mudar-se-á em planeta de regeneração, onde os homens serão ditosos, porque nele imperará a lei de Deus.13

Percebamos que, na data citada, o período de transformação” (chamado, comumente, de Transição Planetária) já se havia iniciado.

Como sabemos, esses períodos se constituem de fases de desconstrução e reconstrução14. A desconstrução das imperfeições que nos prendem ao sofrimento

requer esforço e disciplina. Portanto, fica evidente a necessidade de vigilância, como nos ensina a parábola.

Os interesses pessoais atrapalham esse processo de desconstrução do erro. Ainda há irmãos na Terra que lutam pela manutenção de todas as estruturas de poder, pois gozam das facilidades das mesmas. Estejamos focados nos interesses do Espírito imortal, que objetiva a evolução.

Nesses processos de transformação, o medo e a incerteza tomam conta do pensamento dos seres imperfeitos, dada a confiança em Deus ainda não construída. Parecemos passar, em nosso planeta, por período de tristeza e pessimismo. Suicídios, agressões, consumo de ansiolíticos e antidepressivos, álcool e drogas aumentando exponencialmente, os reflexos do materialismo...

Pensamos que a vigilância seja, neste momento pelo qual nosso planeta passa, das mais importantes virtudes a serem por nós desenvolvidas. Cabe-nos não criar afinidade com o desespero e todas as características citadas. Corrigir nossos vícios mentais e comportamentais. Conectar-nos ao bem!

Se algum dos sinais acima for encontrado em nossos pensamentos... Vigilância! Pensamentos de confiança! Humildade, para entender que Deus é o criador da Escola Terra, e Jesus o seu diretor! Cabe-nos a nossa parte, na obra da Criação!

FONTES:

1‘O Evangelho Segundo o Espiritismo, ‘O Evangelho S. o Espiritismo, 3.ed. francesa, tradução de Guillon Ribeiro (FEB) - folha de rosto.

2Idem, Introdução I

3‘O Livro dos Espíritos’, 2.ed., tradução Maria Lúcia Alcântara de Carvalho (CELD – RJ) livro III – cap. I: pergunta 629.

4‘O Livro dos Espíritos’, 2.ed., tradução Maria Lúcia Alcântara de Carvalho (CELD – RJ) livro II – cap. I: itens 100 a 113.

5‘O Evangelho S. o Espiritismo, 3.ed. francesa, tradução de Guillon Ribeiro (FEB)- cap. XXI – item 09.

6‘O Livro dos Espíritos’, 2.ed., tradução Maria Lúcia Alcântara de Carvalho (CELD – RJ) livro III – capítulos III e VIII.

7‘O Livro dos Espíritos’, 2.ed., tradução Maria Lúcia Alcântara de Carvalho (CELD – RJ), “Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita”, texto nº 06.

8‘O Livro dos Espíritos’, 2.ed., tradução Maria Lúcia Alcântara de Carvalho (CELD – RJ), livro III: cap. I – pergunta 642.

9 ‘O Céu e o Inferno’, 4.ed., tradução de Maria Leonor Loureiro (IPEAK) – 1ª parte, cap. VII: Código Penal da Vida Futura.

10 ‘O Livro dos Médiuns’, 1.ed., tradução Maria Lúcia Alcântara de Carvalho (CELD – RJ), 2ª parte, cap. XXIV, item 267: § 8.

11‘O Livro dos Espíritos’, 2.ed., tradução Maria Lúcia Alcântara de Carvalho (CELD – RJ), livro IV: Conclusão II

12‘O Livro dos Espíritos’, 2.ed., tradução Maria Lúcia Alcântara de Carvalho (CELD – RJ), livro IV: cap. II, questões 990 e seguintes.

13‘O Evangelho Segundo o Espiritismo, 3.ed. francesa, tradução de Guillon Ribeiro (FEB) -cap. III – item 19.

14‘O Livro dos Espíritos’, 2.ed., tradução Maria Lúcia Alcântara de Carvalho (CELD – RJ), livro III: cap. VI.

PARÁBOLA DO FERMENTO

Roberto Lota

Disse ainda: A que compararei o Reino de Deus? É semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até que tudo ficasse fermentado.

Mateus 13:33 veja também Lucas 20:21²⁷

Embora seja uma parábola breve, sua análise vem sofrendo, ao longo dos anos, duas interpretações antagônicas: a ideia de fermento como algo ruim e como algo bom. E podemos nos questionar, como é possível o mesmo símbolo com representações opostas. Para esta análise, é preciso compreender que algumas etapas fundamentais na interpretação das parábolas se expressam por símbolos e metáforas para a sociedade da antiga região ao redor do lago de Genesaré, dominada pelo Império Romano, no século I, sociedade de pastores e agricultores, de linguagem concreta. O pão com e sem fermento fazia parte do seu cotidiano e exemplificava bem a mensagem de que era importante tomar cuidado com as aparências em todos os âmbitos, mas principalmente no que diz respeito à religiosidade deturpada dos fariseus. Segundo a questão 627, de *O Livro dos Espíritos*, “Jesus empregava amiúde, na sua linguagem, alegorias e parábolas, porque falava de conformidade com os tempos e os lugares”.

E é aqui que as palavras de Jesus ganham força – tanto na época quanto na atualidade: o fato de ele referir-se a costumes e hábitos de um povo específico não restringiu a possibilidade analítica para os homens contemporâneos e ocidentais. Como isso é possível? Pelo uso simbólico das palavras. O símbolo e a metáfora conferem poeticidade à linguagem, fazendo com que suas informações não sejam captadas apenas pelo cérebro, mas também pelo sentimento. Esse recurso também é observável por Allan Kardec, na Revista Espírita, de maio de 1858, em “Dissertação moral ditada por São Luís à senhorita ErmanceDufaux”, encontra-se o seguinte diálogo:

– Por que São Luís nos fala em parábolas? Resposta – O Espírito humano ama o mistério; a lição se grava melhor no coração quando a procuramos.

– Não parece que atualmente a instrução nos deva ser dada de maneira mais direta, sem que precisemos recorrer à alegoria? Resposta – Encontrá-la-eis no desenvolvimento. Desejo ser lido, e a moral necessita ser disfarçada sob a atração do prazer.²⁸

A maestria de Jesus estava exatamente no consórcio das duplas potencialidades: intelecto e emoção; prática e teoria. Suas palavras duraram porque serviram tanto a homens do passado quanto aos homens do presente. Sobre isso, também afirma Pedro de Camargo (Vinícius), em *O Mestre da Educação*:

Que fez Jesus? Começou reunindo algumas pessoas simples, arrebanhadas das camadas humildes, e foi-lhes ministrando lições e ensinamentos por meio de parábolas singelas, prédicas e discursos vazados em linguagem popular, cimentando com exemplos edificantes todas as doutrinas que transmitia. A novidade da sua escola consistia particularmente na divulgação destes princípios: Todos os homens são filhos de Deus, têm todos essa mesma origem. Da paternidade divina, decorre, como corolário natural, a fraternidade humana, isto é, todos os homens são irmãos. Portanto, devem amar-se reciprocamente agindo em tudo segundo a lei de solidariedade. No entanto, apesar da clareza, lisura e concisão de tal doutrina, são grandes as dificuldades em torná-la acessível à mente e ao coração humanos. Verdades tão naturais, de uma lógica irretorquível, comprovadas pelo testemunho de fatos incontestes, escritas em caracteres palpitantes no grande livro da Vida, contudo, continuam sendo objeto de controvérsias, discutidas por uns, rejeitadas por outros²⁹.

Ao recorrer às parábolas, Jesus servia-se também de um expediente mnemônico. À época, gravações ou escrituras de forma mais trivial eram impossíveis, assim todo o conhecimento deveria ser assimilado basicamente na hora em que se ouvia alguma informação nova. É exatamente por isso que as histórias, as fábulas e as parábolas são boas: com elas, não há a necessidade de se lembrar da história palavra por palavra, mas somente da sua essência, isto é, da sua ideia central.

A parábola do fermento faz parte das “Parábolas da Fé” e está contida no mesmo capítulo da Palavra do Grão de Mostarda³⁰. As duas condensam uma ideia básica: é a fé, por menor que seja, quando entranhada no homem, produz coisas grandiosas. O que se nota aqui é uma reutilização da palavra “fermento” (tanto quanto antes se verifica da palavra mostarda). Mas como se dá essa ressignificação e por que Jesus se vale dessa estratégia? Esse expediente de ressignificação de um dado símbolo não é algo inédito no contexto bíblico. Por exemplo, o símbolo da serpente pode significar tanto algo negativo³¹, como algo positivo³². O Leão, por exemplo, possui a mesma dupla possibilidade interpretativa: “*Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar*”, ([1 Pedro 5:8](#)) e “*E disse-me um dos anciãos: Não chores; eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que*

venceu, para abrir o livro e desatar os seus sete selos”, (Apocalipse cap. 5:5). Pode-se acrescentar a isso também a própria ideia de “semente” que na Parábola do semeador – significa a “palavra” que cai no solo e na Parábola do Joio e do Trigo significa o resultado das palavras (a semente que é fruto). O que queremos mostrar é que Jesus, ao ressignificar o conceito de fermento para o público da época, gera surpresa ao desestabilizar a linguagem de seu sentido mais usual, conferindo-lhe um efeito que tende a despertar a atenção do leitor, pela sofisticação sutil na construção do pensamento.

Em algumas passagens da Bíblia, o fermento vem associado a uma ideia negativa, como afirma o apóstolo Paulo quando quer tratar de dois assuntos: Em 1 Coríntios, Paulo se insufla contra um incesto ocorrido entre um homem e sua madrasta e conclama a Igreja de Corinto a corrigir esse ato. Como a Igreja não se posiciona com o vigor que Paulo julgava ser o necessário, ele envia uma carta, afirmando: “*Não sabeis que um pouco de fermento faz levedar toda a massa?*”, alertando para o fato de que um indivíduo, não limpo, é capaz de corromper todos ao seu redor, levando tudo à adulteração. Essa ideia da impureza do pão levedado (isto é, fermentado) resgata a tradição judaica da Páscoa:

Segundo os mandamentos que dizem respeito à *Pessach* (Páscoa), presentes no livro de Êxodo, capítulo 12, no décimo quarto dia de Nissan³³, deve-se dar a retirada de todo fermento (chamets) de dentro da casa, visto a lei proibir a ingestão de qualquer alimento levedado durante o período da festa. A proibição de se comer pão com fermento nessa festa deve-se a explicação de que os judeus saíram apressadamente da terra do Egito e não houve tempo para que a massa levedasse. Nesse período de festa só é permitido aos judeus a ingestão de pão sem fermento (pão asmo). A busca pelo chamets é feita à luz de uma vela.³⁴

Paulo, entendendo o fermento como algo negativo, prega a construção de um novo homem e nova doutrina: “*Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós*” ([1 Co 5:7](#)). Em Gálatas (5:1-9), o apóstolo entende que o cristão, agora liberto, não está mais sob o jugo da idolatria. Isso porque o Espírito de Jesus o teria tirado desse domínio e o inseriu no Reino de Deus, passível de isentar-se dos antigos e falseados ensinamentos:

Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou, e não torneis a colocar-vos debaixo do jugo da servidão. Eis que eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará. E de novo protesto a todo o

homem, que se deixa circuncidar, que está obrigado a guardar toda a lei. Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça tendes caído. Porque nós pelo Espírito da fé aguardamos a esperança da justiça. Porque em Jesus Cristo nem a circuncisão nem a incircuncisão tem valor algum; mas sim a fé que opera pelo amor. Corríeis bem; quem vos impediu, para que não obedecais à verdade? Esta persuasão não vem daquele que vos chamou. Um pouco de fermento leveda toda a massa. (Gl 5:1-9)

Nesse meio tempo, tendo-se juntado uma multidão de milhares de pessoas, a ponto de se atropelarem umas às outras, Jesus começou a falar primeiramente aos seus discípulos, dizendo: ‘Tenham cuidado com o fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. ([Lc 12:1](#)).

E Jesus disse-lhes: Adverti, e acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus. E eles arrazoavam entre si, dizendo: É porque não trouxemos pão. E Jesus, percebendo isso, disse: Por que arrazoais entre vós, homens de pouca fé, sobre o não terdes trazido pão? Não compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens, e de quantas alcofas levantastes? Nem dos sete pães para quatro mil, e de quantos cestos levantastes? Como não compreendestes que não vos falei a respeito do pão, mas que vos guardásseis do fermento dos fariseus e saduceus? Então compreenderam que não dissera que se guardassem do fermento do pão, mas da doutrina dos fariseus ([Mt 16: 6-12](#)).

Kardec³⁵ reitera o sentido de fermento dos fariseus como a sua doutrina, com variantes ideológicas das que proferia Jesus, e as diferenças fundamentais estão justamente na maneira de buscar a conexão com Deus. Os fariseus acabaram deturpando os ritos e deixando-os muito materialistas e exteriores, à base de trocas com a divindade, e o Cristo traz a devoção pelo coração pela retidão das ações, sem violência, sem ressentimento ou vingança, e sem segregação.

O fermento dá a aparência de abundância, mas esconde que assim procede por esvaziar os espaços do pão, inflando-o em seu interior. O mesmo se verifica na doutrina dos fariseus - supostamente saudáveis e belos, mas vazios por dentro. Como bolhas de sabão, ou como um aroma, espalha-se e mescla-se por onde passa e dissemina-se, daí a necessidade de pouco fermento para que toda a massa se levede - ele se reproduz, se expande, se dissemina. E o alerta de Jesus é de vigiar esta reprodução, cuidar para que a nascente doutrina cristã não fique vazia por dentro, nem se contamine, inadvertidamente, com doutrinas farisaicas, ou quaisquer outras, pois esta é a liberdade trazida pelo Messias reencarnado. E sem amarras exteriores, era

conveniente discernir, antes que qualquer ideia se expandisse vertiginosamente e sem controle, como é comum que ocorra. O fermento, nos diz Emmanuel,

é uma substância que excita outras substâncias, e nossa vida é sempre um fermento espiritual com que influenciemos as existências alheias. Ninguém vive só. Temos conosco milhares de expressões do pensamento dos outros e milhares de outras pessoas nos guardam a atuação mental, inevitavelmente. Os raios de nossa influência entrosam-se com as emissões de quantos nos conhecem direta ou indiretamente, e pesam na balança do mundo para o bem ou para o mal. (...) Nossos modos e costumes geram modos e costumes da mesma natureza, em torno de nossos passos, mormente naqueles que se situam em posição inferior à nossa, nos círculos da experiência e do conhecimento. Nossas atitudes e atos criam atitudes e atos do mesmo teor, em quantos nos rodeiam, porquanto aquilo que fazemos atinge o domínio da observação alheia, interferindo no centro de elaboração das forças mentais de nossos semelhantes. (...) Pensamento é fermentação espiritual. Em primeiro lugar estabelece atitudes, em segundo gera hábitos e, depois, governa expressões e palavras, através das quais a individualidade influencia na vida e no mundo. Regenerado, pois, o pensamento de um homem, o caminho que o conduz ao Senhor se lhe revela reto e limpo.³⁶

Segundo Antônio Luiz Sayão, em *Elucidações Evangélicas*,

na parábola em que comparou o Reino de Deus a fermento que se lança na massa de farinha para levedá-la e torná-la em pão, figurou Jesus o trabalho de transformação e purificação das almas, por efeito da doutrina de amor e bondade que Ele lançava nos corações – único fermento apropriado à preparação do pão espiritual, que alimenta para a vida eterna.³⁷

Sayão contribui para nossa interpretação porque leva em conta algumas palavras fundamentais: transformação e purificação. Esses dois conceitos associados à ideia do fermento indicam que o nosso desenvolvimento é interno e, portanto, se dá de dentro para fora, atingindo um limite incomensurável, realizando-se da mesma maneira que um pão que cresce: após ser fermentado, ele passa pelo forno e gradual e lentamente se transforma, dolorosa mas naturalmente – em algo diferente do que era em sua origem. Toda essa metáfora se associa ao próprio processo de reencarnação, que nos leva à contínua evolução até chegarmos à condição de Espíritos Puros.

Conclui-se disso que, para o Espiritismo, há duas situações das quais não se tem como fugir: a perfeição e a felicidade e, por isso, nenhum ser do Universo está fadado à estagnação ou ao sofrimento. Se há esses dois fatalismos, convém se pensar que haja

leis que impulsionam o movimento, e essa é a Lei do Progresso. É como se afirma na questão 115, de *O Livro dos Espíritos*:

— Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, ou seja, sem conhecimento. Deu a cada um deles uma missão, com o fim de os esclarecer e progressivamente conduzir à perfeição, pelo conhecimento da verdade e para os aproximar dele. A felicidade eterna e sem perturbações, eles a encontrarão nessa perfeição. Os Espíritos adquirem o conhecimento passando pelas provas que Deus lhes impõe. Uns aceitam essas provas com submissão e chegam mais prontamente ao seu destino; outros não conseguem sofrê-las sem lamentação, e assim permanecem, por sua culpa, distanciados da perfeição e da felicidade prometida³⁸.

Tal qual o pão que se transforma pelo fogo, o ser humano se burila por meio da reencarnação, escolhendo, sofrendo, amando, vivendo... Tudo isso lhe molda tanto o intelecto quanto a moral, fazendo com que suas escolhas atuais reflitam pensamentos mais nobres. Observa-se, aqui, o círculo que isso cria entre melhores pensamentos e melhores ações e vice-versa. Esse processo é fundamental para a construção do Reino de Deus que não se dá da exterioridade para a interioridade, isso porque Deus nunca esteve fora do mundo, como um observador passivo, mas antes se colocou dentro do humano, tornando uma realidade aquilo que Jesus ensinou: “vós sois deuses”. E o Reino de Deus, que existe dentro de cada ser, espera somente o momento de fermentação para alicerçar-se em todo o mundo.

27 DIAS, Haroldo Dutra. Novo Testamento. Brasília: Conselho Espírita Internacional, 2010. Esta mesma fonte é utilizada nas demais referências evangélicas.

28 KARDEC, Allan. Revista Espírita. Ano 1. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. FEB. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf>>. Acessado em 30 nov 2018.

29 CAMARGO, Pedro de . Pelo Espírito Vinícius. O mestre na Educação. Rio de Janeiro: FEB, 1976.

30 Mateus 13:31-32, Marcos 4:30-32 e Lucas 13:18-19

31 “E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele”, (Apocalipse 12:9);

32 “Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos. Sede, pois, prudentes como as serpentes, mas simples como as pombas” (Mt, 10:16)

33 Nissan é o nome do primeiro mês do calendário judaico, na primavera, corresponde ao sétimo mês civil. A cultura religiosa hebraica é plena de festividades, que celebram e rememoram sua história. O calendário religioso hebraico é diferente do seu calendário civil, e ambos são diferentes do calendário gregoriano que utilizamos no Brasil. Em 2019, por exemplo, o ano hebraico civil é o 5779 e nissan cai entre os dias 6 de abril e 5 de maio.

34 TOMAZ, Paulo Cesar; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *A celebração da páscoa judaica e as tradições culturais: simbologia e significado*. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Tomaz,%20Paulo%20Cesar.pdf>>. Acessado em 15 out de 2018.

35 KARDEC, Allan. A gênese os milagres e as predições segundo o Espiritismo > Os milagres > Capítulo XV - Os milagres do Evangelho > Multiplicação dos pães > O fermento dos fariseus

36 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte Viva*. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília, FEB. Cap. 76: Fermento espiritual.

37 SAYÃO, Antônio Luiz, em *Elucidações Evangélicas*, Disponível em: <[http://bvespirita.com/Elucidacoes%20Evangelic%20\(Antonio%20Luiz%20Sayao\).pdf](http://bvespirita.com/Elucidacoes%20Evangelic%20(Antonio%20Luiz%20Sayao).pdf)> . Acesso em 17 fev. 2019.

38 KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Rio de Janeiro, RJ: CELD, 2011.

PARÁBOLA DOS TALENTOS

Gutemberg Paschoal

Pois será como um homem que, viajando para o estrangeiro, chamou os seus próprios servos e entregou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro, dois, a outro um. A cada um de acordo com a sua capacidade. E partiu. Imediatamente, o que recebera cinco talentos saiu a trabalhar com eles e ganhou outros cinco. Da mesma maneira, o que recebera dois ganhou outros dois. Mas aquele que recebera um só tomou-o e foi abrir uma cova no chão. E enterrou o dinheiro do seu senhor. Depois de muito tempo, o senhor daqueles servos voltou e pôs-se a ajustar contas com eles. Chegando aquele que recebera cinco talentos, entregou-lhe outros cinco, dizendo: ‘Senhor, tu me confiaste cinco talentos. Aqui estão outros cinco que ganhei’. Disse-lhe o senhor: ‘Muito bem, servo bom e fiel! Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei. Vem alegrar-te com o teu senhor!’” Chegando também o dos dois talentos, disse: ‘Senhor, tu me confiaste dois talentos. Aqui estão outros dois talentos que ganhei’. Disse-lhe o senhor: ‘Muito bem, servo bom e fiel! Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei. Vem alegrar-te com o teu senhor!’ Por fim, chegando o que recebera um talento, disse: ‘Senhor, eu sabia que és um homem severo, que colhes onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste. Assim, amedrontado, fui enterrar o teu talento no chão. Aqui tens o que é teu’. A isso respondeu-lhe o senhor: ‘Servo mau e preguiçoso, sabias que eu colho onde não semei e que ajunto onde não espalhei? Pois então devias ter depositado o meu dinheiro com os banqueiros e, ao voltar, eu receberia com juros o que é meu. Tirai-lhe o talento que tem e dai-o àquele que tem dez, porque a todo aquele que tem será dado e terá em abundância, mas daquele que não tem, até o que tem será tirado. Quanto ao servo inútil, lançai-o fora nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes!’

Mt 25:14-30 e também em Lucas 19:11-27

A fantástica Parábola dos Talentos faz parte de um grupo de relatos do evangelista Mateus que compõe o Sermão Profético, advertência enérgica aos nossos sentimentos em profusão neste momento por quê passa o nosso planeta. O evangelista narra de forma profunda, séria e consoladora sobre a transição planetária, buscando fazer descrições sobre o Reino dos Céus.

O capítulo 25 do seu Evangelho se estende do 1º ao 13º versículo deslindando a Parábola das dez virgens que pegaram suas candeias e saíram para encontrarem-se com

os noivos. Cinco delas eram insensatas, e cinco eram prudentes. O percurso da parábola descerra a importância da vigilância, sem a qual não se pode abrir caminho para a sonhada “entrada no céu”. A partir do versículo 14 encontramos a rica história do senhor que, ao sair em viagem, distribuiu seus bens a três de seus servos. Esta distribuição obedece ao seguinte critério: cinco talentos a um, dois a outro e um talento ao terceiro; cada um recebendo de acordo com sua capacidade.

Segundo historiadores, o talento teria sido criado na Suméria e era uma unidade de massa usada para designar grandes quantidades de prata e ouro. Podia variar de 26 a 60,6 Kg. O citado no Evangelho teria 58,9 Kg e recebia dos hebreus o nome *dekikar* e dos gregos, *ático*. Foi utilizado em toda a antiguidade e por diversos povos. Comparando-se às moedas da época: denários, minas e siclos, chegamos aos seguintes valores: um talento de prata do primeiro século valeria US\$ 3.924,00, e um talento de ouro, US\$ 228.900,00. Portanto, na parábola, a equivalência seria de valores bastante significativos. Um talento corresponderia a seis mil denários, que por sua vez significavam um dia de trabalho daquela época. Com um denário seria possível comprar cerca de oito quilos de pão. Vamos encontrar também referências de quanto valia um talento em narrativas sobre os dotes da aristocracia romana; moças de boa família podiam equivaler de 50 a 300 talentos; 100 talentos corresponderiam a cerca de 3,6 toneladas de ouro. Havia variações de massa entre os povos da [Grécia](#), [Roma](#), [Egito](#), [Israel](#), [Babilônia](#), [Suméria](#) e [Acádia](#).

Conta o emblemático relato que depois de muito tempo, no retorno da viagem, o homem os chama para o ajuste de contas e percebe que o 1º e o 2º dobraram os talentos recebidos; no entanto o 3º enterrara sua quota com medo da rigidez de seu senhor e de perder o talento que estava em suas mãos. O homem exalta, então, a postura ativa dos dois primeiros servos pronunciando a cada um: *“Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco; eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor”*. Já ao 3º servo, mau e negligente, que por medo enterrou o talento recebido, disse o senhor: *“Então você devia ter confiado o meu dinheiro aos banqueiros, para que, quando eu voltasse, o recebesse de volta com juros”*.

Relato simplório e resumido com vistas apenas a rememorarmos a instigante narrativa de Mateus. Vejamos um aspecto inicial bastante interessante: Jesus nos ama igual, integral e individualmente! Observemos que ao repartir os talentos o homem não faz também qualquer exigência, dá a cada um segundo as suas capacidades e... parte. Ao retornar, ouve os servos e não cobra qualquer percentual. Não diz ao que tinha cinco e dobrou seu patrimônio, que esperava dele o triplo; nem também ao que recebeu dois, houve cobrança de que deveria quintuplicar, mas daquele que apenas enterrou seu

talento, deste sim ele cobrou. Certamente esperava do trio “Atitude” algo que ainda temos poupado na trajetória de nossas vidas e que pode nos transformar decisivamente se utilizada como ferramenta geratriz.

No campo hipotético, imaginemos o senhor chegando e ouvindo dos servos *“Perdemos toda sua fortuna”*. Cremos que ele lhes responderia: *“Bons servos! Perderam, mas perderam tentando, perderam no bom combate, não ficaram mornos, inertes!”*. O que o senhor buscou em verdade? Saber como lidariam os servos com os desafios, com as vitórias e com as derrotas. A orientação assertiva do Evangelho nos exortando a sermos frios ou quentes, mas nunca mornos, poderia ilustrar essas reflexões. O terceiro servo padece da postura morna, acomodada, açodada pelos temores da perda e do risco. Qual nossa posição diante dos desafios e derrotas? Como lidamos com as perdas? O que fazemos com nossos medos? Enterramos?

Quantas vezes nos prostramos diante de desafios diários sem mover qualquer forma de reação? Relacionamentos fracassados, onde um se sobrepõe ao outro de forma cruel, elegendo o medo, a arrogância, os maus tratos como forma de domínio; companhias que deprimem, que não permitem seu crescimento; que calam sua voz, que não enxergam seus valores, que não respeitam suas crenças etc. A coragem para avançar rumo a um encontro consigo mesmo fica adormecida no fundo de sua história, enquanto permanece acovardado e amedrontado, mergulhado num relacionamento de frustrações contínuas. Quantos padrões massacrando funcionários que, inertes, creem-se incapazes de buscar chances diferentes; permitem-se ser humilhados e pisados, constrangidos qual moscas que podem ser eliminadas a qualquer momento. Quantas vontades amordaçadas por gatilhos que nós mesmos criamos, como a falta de tempo, a preguiça, o excesso de dedicação às redes sociais, a relacionamentos virtuais, a programação televisiva, a audição de músicas de baixa qualidade, o abusivo consumo, a alimentação sem regras etc. Temos vivido muitas vezes como o terceiro servo, com todo nosso talento “enterrado”, deixando a felicidade distante de nós, acenando e esperando nosso despertar.

A primorosa Parábola dos Talentos nos remete a incontáveis reflexões, como todos os ensinamentos do Mestre. Uma das formas que encontramos de degustá-la é refletir sobre as conexões que ela faz com outros essenciais recados do Cristo. A primeira delas se encontra no “Evangelho Segundo o Espiritismo” e trata da “Fé que transporta montanhas”, capítulo XIX, item 12:

Eu vos repito: a fé é humana e divina. Se todas as criaturas encarnadas estivessem suficientemente persuadidas da força que trazem consigo, e se quisessem pôr a sua vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar o que até hoje chamais de

prodígios, e que é simplesmente senão um desenvolvimento das faculdades humanas (Um Espírito Protetor).³⁹

O ato de “enterrar” nossos talentos está conectado à falta de fé. Esta, como força natural, que se encontra latente em uns e ativa em outros seres humanos, é essência divina capaz de nos tirar do ponto de conforto e nos mover, e nos fazer investir, multiplicando os talentos recebidos do Alto.

E para aqueles de nós que imaginamos precisar de longas jornadas de exercício meditativo, preces intermináveis, passes aos milhares ou qualquer milagre sensacional para termos fé e quiçá uma vida perfeita sem desafios, analisemos o tamanho da que precisamos ter para, de fato, iniciarmos um processo de transporte das montanhas do nosso “eu”. Reflitamos com Jesus: *“Pois em verdade vos digo, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: Transporta-te daí para ali e ela se transportaria, e nada vos seria impossível”* (Mt 17:14-20).

Recorrendo a Allan Kardec em “O Livro dos Espíritos”, encontramos valorosas reflexões sobre nossas “missões”:

571. Só os Espíritos elevados desempenham missões? - A importância das missões corresponde às capacidades e à elevação do Espírito. O estafeta que leva um telegrama ao seu destinatário também desempenha uma perfeita missão, se bem que diversa da de um general.

573. Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados? - Em instruir os homens, em lhes auxiliar o progresso; em lhes melhorar as instituições, por meios diretos e materiais. As missões, porém, são mais ou menos gerais e importantes. O que cultiva a terra desempenha tão nobre missão, como o que governa, ou o que instrui. Tudo na Natureza se encadeia. Ao mesmo tempo que o Espírito se depura pela encarnação, concorre, dessa forma, para a execução dos desígnios da Providência. Cada um tem neste mundo a sua missão, porque todos podem ter alguma utilidade. Portanto a missão é uma tarefa a ser cumprida pelo Espírito encarnado. Cada um tem a sua neste mundo porque cada um pode ser útil em alguma circunstância. Elas são mais ou menos gerais e importantes e seu status está em relação com a capacidade e a elevação do Espírito⁴⁰.

O pensador italiano Antonio Gramsci dizia que a crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo, o novo ainda não pode nascer, e nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparecem. Fala perfeitamente de acordo com o contexto de transição que vivemos, com o momento evolutivo de nosso planeta e de

nosso mundo íntimo. Nesta conjunção vamos observar crises familiares, econômicas, sociais, religiosas, educacionais, políticas... As crises são prenúncios da transição que se estabelece e caminha para a transformação mais avançada. Vejamos este recorte de “A Gênese”: *“A época atual é de transição; confundem-se os elementos das duas gerações. Colocados no ponto intermediário, assistimos à partida de uma e a chegada da outra, já se assinalando cada uma, no mundo, pelas características que lhes são peculiares”*.⁴¹

Os desafios que se desenham frente a este contexto provocam em nós reações diferentes. Uns sentimos a necessidade de manter firme as rédeas da biga enquanto trotam velozes os corcéis na arena; outros, qual diz a lenda das avestruzes, procuramos por vergonha e medo ocultar a cabeça, deixando de fora todo o corpo para ser alvejado.

Compondo o Sermão Profético, a Parábola dos Talentos é o aviso viril a todos nós que esmorecemos, que permanecemos aguardando revoluções externas para a tomada de decisões que competem ao campo íntimo, que venham a nos alavancar o processo evolutivo. A hora dessa transição é chegada e cumpre-nos o dever de estarmos atentos, vigilantes, utilizando todos os talentos que recebemos do Senhor para darmos os passos que nos cabem nessa vida.

As alegações de que as crises e dores do mundo nos abateram e a desesperança é nossa única porta, não cabem ao cristão franco. A transição descrita por Mateus no Sermão Profético, contido no capítulo 24 de seu Evangelho, prenuncia as turbulências do mundo, mas avisa docemente que os que perseverarem encontrarão a paz ao servirem: *“Bem-aventurado aquele servo que o seu senhor, quando vier, achar servindo assim.”*(Mt 24:46).

Encerramos estas singelas reflexões com a fala amorável de Bezerra de Menezes falando a todos os sinceros servidores do Cristo na Terra:

Mantende-vos coesos com a Codificação Espírita, que um dia influenciará o comportamento da sociedade terrestre. O Espiritismo não é uma filosofia para determinado número de criaturas, é uma mensagem de vida eterna para todos os seres humanos. E, ante a interrogação dos desafios que parecem apresentar uma humanidade em decadência, ponde a certeza de que a Barca terrestre continua sob o comando do nauta Jesus, e na sua marcha inexorável irá aportar no país da regeneração. (...) Tendes o nome escrito no livro do reino dos Céus e esforçai-vos para que seja mantido diante da misericórdia inefável daquele que é o caminho para a verdade, que é o caminho para a vida: nosso Senhor Jesus Cristo! (...) Avante, anônimos seareiros da verdade, e amai até as últimas forças da vossa jornada no

planeta abençoado!⁴²

39 KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 125 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

40 KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 88 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

41 KARDEC, Allan. *A Gênese*. Brasília: FEB, 2009.

42 Mensagem psicofônica ditada pelo Espírito Bezerra de Menezes ao médium Divaldo Pereira Franco no encerramento da reunião ordinária do Conselho Federativo Nacional, realizada em Brasília, entre os dias 6 e 8 de novembro de 2015. Disponível em:

<<http://www.febnet.org.br/blog/geral/noticias/perseverai-no-bem-e-nao-vacileis-mensagem-de-bezerra-de-menezes-no-cfn-2015/>> Acesso em 15 fev 2109.

PARÁBOLA DOS TALENTOS

Leda Maria Laborea

“E, tendo medo, escondi na terra o teu talento...”

Mt 25:25 e também Lucas 19:11-27

Essa referência evangélica faz parte de uma das parábolas mais conhecidas que encontramos no Novo Testamento: *A Parábola dos Talentos*, como aparece designada no Evangelho de Mateus, ou *A Parábola das Minas*, como está no Evangelho de Lucas. Independentemente do título que tenha, o conteúdo é o mesmo, ou seja, a nossa responsabilidade moral, espiritual e material diante da vida. Ela se divide em duas, tendo a segunda parte servido de alvo para que Emmanuel nos trouxesse a mensagem desta lição. Para entendermos essa parte, vamos procurar refletir um pouco sobre toda ela, a fim de não perdermos oportunidade tão preciosa de estudo.

A parábola – histórias que Jesus contava, usando os costumes do dia a dia do povo como exemplo para fazer-se compreender – narra a história de um senhor de grande fortuna que, precisando ausentar-se por longo tempo, chamou três servos e entregou a cada um deles uma quantia diferente em moedas que deveriam ser devolvidas a ele quando regressasse. Assim, entregou ao primeiro cinco moedas, ao segundo duas e, ao terceiro, uma. Tempos depois, retornou e pediu aos três a devolução dos bens que havia deixado sob seus cuidados. O primeiro apresentou-se trazendo as cinco moedas e mais outras cinco que havia ganhado, porque aplicara com critério o que lhe havia sido confiado. Contento com o lucro que o servo obtivera para si, disse-lhe que, por haver se saído bem em tarefa pequena, daria a ele agora maiores tarefas. O segundo, a quem ficara o encargo de guardar duas moedas, também se apresentou diante do senhor com o valor dobrado daquilo do qual fora depositário. Feliz com o desempenho do segundo servo entregou a ele, também, tarefa muito maior do que a anterior, pois sabia que ele tinha condição de executá-la, já que havia sido diligente nesta pequena tarefa. O terceiro servo, aquele que ficou encarregado de zelar por uma moeda, apresentou-se diante do senhor e lhe disse que, tendo medo de perder o que lhe havia sido confiado, escondeu-a na terra até que ele voltasse e estava naquele momento devolvendo-lhe a única moeda que lhe fora entregue. Apesar de contar com apenas uma moeda, foi incapaz de fazê-la dar lucros, pois, temeroso, não tivera coragem de lutar para valorizá-la. Evidentemente, o senhor, aborrecido com o insucesso do servo, expulsou-o dos seus domínios, deixando-o à mercê de seus próprios medos e temores para que aprendesse a valorizar o pouco que tinha,

transformando esse pouco em muito.

A lição de Jesus não deixa dúvidas com relação às nossas atitudes diante das possibilidades que temos de trabalhar em nosso benefício e dos que nos cercam. Melhorar para progredir é a senha do Pai Criador para nossa evolução. Para que esse progresso se realize através do nosso trabalho, Deus distribui Seus bens para que todos de posse deles, não de todos eles, e não na mesma quantidade, possam multiplicá-los em benefício de muitos. Assim, alguns recebem talentos que outros não possuem, para que cada um, dentro das suas possibilidades, faça com que se multipliquem e que quando compartilhados, também uns com os outros gerem o progresso de todos.

Na questão 804 do “O Livro dos Espíritos”, Kardec⁴³ pergunta aos Espíritos superiores por qual razão Deus não deu as mesmas aptidões para todos os homens, e eles respondem que é necessária a variedade das aptidões para que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento das suas forças físicas e intelectuais. Torna-se fácil, portanto, imaginarmos, para efeito de exemplo, que aquele que receber como talento recursos materiais, poderá permutar seus valores com outros que sejam dotados de talentos que lhes faltem, tais como uma aptidão artística ou intelectual, ou ainda um dom moral, necessários todos eles ao bem estar da própria vida.

Verdadeiramente, quando dizemos que nem todos recebem os bens divinos na mesma quantidade, não é porque Deus privilegia uns em detrimento de outros, mas sim porque ainda não conseguimos recebê-los da mesma maneira. Pela nossa própria condição moral, não temos evolução suficiente, muitas vezes, ainda, para perceber a presença desses recursos em nossas vidas. E por essa razão podemos acreditar que Ele seja injusto, porque dá muito a uns e pouco a outros.

O Pai coloca todos os bens à nossa disposição para que usufruamos deles, mas como cada um tem capacidade diferente para recebê-los, teremos que prestar contas daquilo que tivermos captado, independentemente da quantidade, como nos fala a parábola; se é pouco ou muito, isso não fará nenhuma diferença na balança divina. O que vai contar será sempre a maneira como empregamos esses valores. Por causa do nosso egoísmo, temos uma tendência a culpar Deus pela nossa pouca sorte sem percebermos que cada um de nós só consegue captar esses bens, segundo a própria capacidade individual.

Assim, acusamos os que nos cercam, porque nos perseguem; lamentamos a vida que temos, porque não nos dá maiores oportunidades e em tempo algum admitimos a nossa indolência, a nossa preguiça ou o nosso medo de lutar para melhorar o que já

conseguimos conquistar. Desejamos maiores recursos materiais quando, na verdade, não conseguimos sequer administrar o pouco que temos. Lamentamos não sermos chamados para executar tarefas de maiores responsabilidades, quando, na realidade, mal conseguimos realizar com zelo as obrigações mais simples do dia a dia. Almejamos tarefas de maior destaque e culpamos os outros por não sermos designados para trabalhos mais relevantes nos setores espirituais, mas, se não alcançamos a harmonia no nosso lar porque não sabemos como consegui-la, ou porque temos medo de enfrentar a luta doméstica para conquistá-la, de que modo teremos condições de dizer ao outro como alcançá-la? Vamos examinar as nossas consciências e procurarmos descobrir que tipo de servos somos ou, mais importante ainda, que tipo desejamos ser?

Emmanuel nos lembra que *“existem muitas pessoas que se acusam pobres de recursos para transitar no mundo como desejariam. E recolhem-se à ociosidade, alegando medo da ação.”* Tem, assim, “medo de trabalhar, medo de servir, medo de fazer amigos, medo de desapontar, medo de sofrer, medo da incompreensão, medo da alegria, medo da dor”⁴⁴, e alcançam o fim da vida terrena como seres que apenas tiveram as sensações físicas do corpo, mas que nada fizeram para enriquecer a existência. Quase sempre, essas criaturas tornam-se campeãs da preguiça e da inutilidade, pois sob o pretexto de serem menos favorecidas ignoram até as condições básicas de higiene de seus corpos, da limpeza do local onde moram, permanecem debruçadas na janela da ociosidade, mais preocupadas em ter medo ou culpar os outros, a se queixarem indefinidamente de suas mazelas, sem vontade de se reerguerem e iniciarem um processo de faxina física e mental.

Estamos sempre colocados no lugar certo, no tempo certo, com as pessoas que podem nos ensinar se quisermos aprender e realizando a melhor tarefa para nosso crescimento. Desse modo, por mais rude que possa nos parecer a tarefa que nos coube no mundo, não temamos e façamos dela o nosso caminho de progresso e renovação. O querido Instrutor Emmanuel nos esclarece que

por mais sombria seja a estrada a que foste conduzido pelas circunstâncias, enriquece-a com a luz do teu esforço no bem, porque o medo não serviu como justificativa aceitável no acerto de contas entre o servo e o Senhor.⁴⁵

Somos usufrutuários de patrimônios que pertencem ao Pai, e nos encontramos, no presente momento, no campo das oportunidades negociando com os valores Dele. Fiquemos, pois, mais atentos aos negócios que estamos realizando com os recursos que nos foram confiados no mundo, por algum tempo.

43 KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 88 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

44 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte Viva*. Pelo Espírito Emmanuel. Cap. 132: Tens medo. Brasília: FEB. Disponível em: <<http://ocaminho.com.br/ocaminho/TXavieriano/Livros/Fv/Fv132.htm>>. Acesso em 14 fev. 2019.

45 *Idem ibidem*

PARÁBOLA DO SEMEADOR

HAROLDO DUTRA DIAS

A Parábola do Semeador encontra-se em Mt 13:3-9; Mc 4:3-9 e Lc 8:4-8. Ela é narrada por três evangelistas, mas nosso texto de referência é o que está no capítulo 13 de Mateus:

Certa feita, em um encontro com Divaldo Franco, no seu aniversário de 90 anos, ele nos disse algo que foi marcante. Contou que, quando encontrou o Espiritismo, não descobriu o mapa do tesouro, mas o tesouro imediatamente. Assim, se o Consolador prometido é o nosso tesouro e o que tem ocorrido conosco? Quando a transição planetária atinge os seus momentos mais difíceis, não podemos dizer que não fomos avisados. Há 2.000 anos vimos sendo preparados para o dia de hoje. O suicídio toma conta das famílias, das comunidades, até entre crianças; as perturbações psíquicas com as mais vastas nomenclaturas têm tomado posse de corações e mentes; alguns se afastam da vida, mesmo ainda encarnados, portadores de sofrimentos mentais de gravidade variada; famílias se desestruturam completamente; relacionamentos não se mantêm; a educação tornou-se artigo de luxo. Vivemos o tempo da mediocridade, da banalidade, da estupidez e da crueldade. Hoje, quem ocupa os microfones e domina os meios de comunicação são corações em profundo tormento e sofrimento, espalhando padrões de perturbação espiritual, com raras e dignas exceções sempre. O que mais me espanta é a desagregação da família e do lar espírita, assim como do coração do espírita. O que teria o ocorrido? A Parábola do Semeador é a resposta antecipada do Cristo à pergunta que nos fazemos hoje.

Alguns detalhes da parábola precisam ser descortinados pela razão, mas, sobretudo, pelo nosso sentimento. Façamos uma viagem ao mar do Tiberíades, há 2.000 anos, quando o Cristo, aparentemente sem pretensão, espalhava a sua mensagem que ficaria gravada na atmosfera psíquica do orbe e registrada para sempre no fluido cósmico universal. Mensagem e exemplificação que se transformariam no sol da imortalidade, iluminando, esclarecendo e aquecendo os corações que se aproximassem dessa fonte irradiante.

Na Palestina da época do Cristo, o processo de agricultura diferia do nosso. Não se costumava arar e preparar toda a terra para depois lançar a semente. Ao contrário, era feita a colheita e, nesse processo, a terra era pisada, galhos e folhas caíam no chão, pedras eram reviradas, e o terreno ficava totalmente misturado. Daí, na semeadura

seguinte, sobre aquele terreno pisoteado e repleto de plantas, espinhos e pedras, os agricultores lançavam as sementes. A terra, portanto, era arada depois da sementeira, não antes. A partir da compreensão do método começamos a entender a parábola. O caminho onde a semente caiu não era fora da área da sementeira, mas no próprio terreno onde o semeador foi pisando e onde ficaram as marcas dos pés e os pedregulhos. Esses são os pedregulhos do terreno que aparecem no texto; os espinhos são os espinhos que brotaram junto com a colheita anterior; e a terra boa é a porção primeira da área da sementeira. Assim, entendemos a lógica da narrativa.

A parábola fala de terreno, de uma gleba que será cultivada, mas também de sementes. Em termos mais profundos, ela trata de uma comunhão, de um trabalho espiritual divino e cósmico, que é um trabalho do universo infinito, do exercício da Lei Divina e universal. Alguém é responsável pela semente e pela sementeira, pelo cultivo da gleba: nosso Criador - Deus - e nós próprios. Uma parte do trabalho cabe a Deus e outra nos compete. O Pai não avança no que são nossas atribuições, e nós não deveríamos avançar na esfera de ação do Criador. É nessa conjugação de esforços que o Espírito se ilumina. Portanto, ninguém evolui por conta própria, porque, se fosse assim, não haveria revelação, e o ser humano descobriria, sozinho, as verdades eternas e imutáveis da Criação. A evolução é revelada, descortinada, e o aprimoramento espiritual resulta da comunhão de esforços entre Deus e a criatura. Revelação espiritual é quando o seu futuro vem abraçar o seu presente.

O nosso futuro é o conteúdo do Evangelho na Doutrina Espírita. Nós, um dia, seremos o que o Evangelho nos apresenta e viveremos como bem-aventurados. Isso é lei, é determinismo, está decretado pela soberana vontade de Deus em Seu livre-arbítrio. Nós escolhemos o modo e a duração do processo, porque há os “agulhões” que nos apressam. Uma vez reconhecida a dinâmica de interação entre Criador e criatura, de atuação e interferência, e refletindo sobre essa parábola, depreendemos que Deus é impertinente. Ele nos provoca 24 horas por dia. Paulo afirma que “o amor de Deus nos constrange” (2Co 5:14), porque deseja estreitar relação conosco. E Ele é insistente, vai nos cutucar e nos procurar a todo momento.

Durante muitos anos de estudo da Doutrina Espírita, aprendemos que Deus está em toda parte. As amplas e detalhadas explicações de Allan Kardec sobre o fluido cósmico facilitam a compreensão desse atributo divino. De toda forma, só décadas de vivência espírita nos dão a convicção de que Deus não apenas está em toda parte; Ele está dentro de nós - ativo, presente, vivo, emocionalmente intenso. Impossível a um amor infinito ser passivo! O amor infinito de Deus é absolutamente intenso dentro de nós. De Auta de Souza, pelo soneto Mensagem Fraterna, publicado em Parnaso de Além-

túmulo, recebemos uma sublime lição. Quando a consciência diz algo, é Deus quem diz, posto que a consciência é Sua morada eterna dentro de nós, espíritos imortais. Sem essa noção de presença, toda expressão de religiosidade é superficial. Buscamos Deus na Codificação, em um passe, na água fluidificada, em uma reunião mediúnica, em uma palestra, sendo que Ele já está dentro de nós? Então, para que a palestra? Ele está dentro de nós, falando alto! Entretanto, fiquemos tranquilos, pois todos temos deficiência auditiva em algum grau. Precisamos de uma linguagem decodificadora, como a de Libras, e a linguagem à disposição é o Consolador prometido, para que possamos, um dia, ouvir. Assim termina a parábola: “quem tem ouvidos, ouça”.

E qual a ação de Deus e do Cristo - que O representa perante a humanidade terrena? São os divinos semeadores. E nosso coração é a gleba, o terreno a ser semeado. Todos os processos descritos na parábola do semeador ocorrem no mundo, mas também dentro de nós. Por exemplo, podemos permitir que algumas sementes germinem em nós, mas outras não prosperam. Cada um é uma mistura de todas as circunstâncias descritas no texto que ocorrem simultaneamente no íntimo.

A parábola é sutil, mas mostra uma progressão, como em degraus sucessivos. O primeiro degrau é o primeiro terreno, o que não permitiu a entrada da semente. Trata-se da parte da gleba onde a semente cai, mas não penetra na terra e fica na superfície do caminho. Vêm os elementos exteriores e roubam-na ou dão outra utilidade para ela. Nesse caso, a semente sequer inicia o processo de germinação, que é o ingresso no solo.

No segundo degrau, o grão cai sobre o terreno pedregoso e, parcialmente, entra em contato com a terra. Nessa etapa, Jesus, em sua sabedoria, relata que a semente floresce rápido, mas não nos enganemos porque as pedras não permitem que a raiz se aprofunde. Percebemos, assim, que o critério utilizado pelo Mestre ao contar a parábola é o grau de aprofundamento das raízes. Numa perspectiva mais desafiadora, reflitamos: qual o nosso nível de superficialidade? Quão superficial tenho sido em minha individualidade espiritual? Folhas e flores nem sempre são garantia de frutos, e sabemos que nenhuma árvore dá frutos impunemente.

Qual o terceiro degrau? Nessa fase, a semente consegue entrar na terra e completar parte essencial do processo. Porém, ela não é capaz de se expressar porque sucumbe aos empecilhos exteriores, que são os espinhos também presentes na terra. A etapa dá conta de um processo diferente, mais complexo. Nessa porção de terra há uma disputa, um antagonismo de propósitos. Há a semente divina, mas também a planta humana. Verificam-se dois plantios: um humano e o outro divino. E o plantio humano

sufoca o divino ou, se preferir, o material sufoca o espiritual.

E, por fim, o último degrau, que são três, na verdade. Assim, somam-se seis possibilidades ao todo. No primeiro, a semente caiu no caminho; no segundo, ela ficou sobre o pedregulho; no terceiro, no espinheiro. No quarto nível, a semente produziu trinta frutos; no quinto, rendeu sessenta; e, no sexto, o grão semeado gerou cem frutos. Observa-se que, mesmo no plantio em que deu tudo certo há graus de produtividade. Ainda que consigamos nos fazer “terra boa”, não devemos alimentar a pretensão de, em breve processo íntimo de cultivo e germinação, produzir como Scheilla ou como Bezerra de Menezes, pois há uma gradação de produtividade.

Uma das belezas desta narrativa evangélica está justamente no número de etapas. O homem foi criado no sexto dia, segundo a simbologia bíblica, e seis é o número da humanidade. Interpreta-se, assim, que Jesus não nos pede nada além de sermos humanos. Se você, leitor, nutre um projeto imediato de ser anjo, sinto informar, você está no lugar errado. A Doutrina Espírita constitui um projeto de humanização do espírito, um programa de aperfeiçoamento para aprendermos a ser mais humanos. Afinal, você acha que anjo tem intestino? Que dorme, acorda, tem mão, pé, dois olhos e dois ouvidos? Não! A experiência angélica é de outra natureza. A proposta do Evangelho de humanização encontra-se em um patamar mais abaixo. Sua proposta é de aprendermos a ser gente e nos tornarmos seres humanos como Jesus. Isso é desafiador!

E qual é a gleba? E o que é a semente? A gleba, a terra, como dito, não é nada além do coração. Podemos dizê-lo de uma maneira mais complexa: “o reflexo esboça a emotividade, a emotividade plasma a ideia”. Vamos, porém, trazer a linguagem do benfeitor Emmanuel em Pensamento e Vida para uma versão bem simples: só frutifica na vida o que se sente; tudo o mais é preparação. Desenvolva atividades, assista às palestras, coordene trabalhos, seja um trabalhador da Terceira Revelação. Tudo isso é preparação se não há raízes em seu coração. Esse conjunto de tarefas constitui trabalho preparatório de semeadura, esforço necessário que alimenta a esperança de colheita, mas ainda não é colheita. Se o grão não for cultivado e se a terra não for arada e adubada, nada se produz.

Por que Jesus nos informa sobre essa condição? Porque não existe árvore frutífera que frutifique por acidente. Há uma série de mecanismos evolutivos que atuam como aferidores. A Parábola do Semeador menciona alguns: o sol quente, a ave, o espinho, mas há outros.

E o que tem ocorrido conosco, espíritas? Nós acreditamos que a Doutrina Espírita é

um mapa. Não, ela já é o tesouro! Começamos a nos deparar com experiências aferidoras em nossas trajetórias. Você pode estar, agora, atravessando um processo grave, doloroso e desafiador de debilidade orgânica; de escassez de recursos materiais; das chamadas provas e desafios da afetividade; um ente querido pode ter desencarnado e você ficou aparentemente sozinho ou sem esse afeto; uma relação afetiva pode ter chegado ao fim; o filho foi embora; você pode estar vivendo os desafios da relação afetiva enquanto pai, mãe, filho, irmão, cônjuge, não importa. A intensificação dos processos depuradores é uma tradução bonita que eu encontrei de dizer: está tudo pegando fogo!

Talvez você esteja vivendo essa fase de intensificação dos processos depuradores neste momento. De toda forma, saiba: a vida está sendo generosa com você. Não existe anjo superficial. O movimento de aprimoramento espiritual é o contrário do que vivenciamos na Terra atualmente, quando a norma de conduta é ser superficial. Você tem amigos superficiais que frequentam sua casa, mas de cujas vidas nada se sabe. E eles, da mesma forma, não sabem nada da sua. Vivemos dias de casamentos superficiais. Você dorme com uma pessoa que não conhece e, quando ela começa a mostrar as garrinhas, você foge porque não suporta conviver com deficiências. Nós somos frágeis, nós somos superficiais. Só amamos a rosa da qual os espinhos foram retirados: não suportamos mais pegar uma rosa que tem espinhos. Imaginemos que sou tarefeiro em uma casa espírita. Se alguém critica meu trabalho, saio do grupo, saio da Doutrina. Estou decepcionado com o Movimento Espírita! Mas a quem eu sirvo? Ao coordenador da tarefa? Não!

A vida precisa ser generosa em nos conceder profundidade. Nossa humildade deve ser profunda, e ela não é uma roupa que nós vestimos. Fé se verifica quando tudo está desmoronando e você sabe que Deus reconstruirá em parceira contigo. A tempestade passa no campo e derruba os ninhos do pintassilgo, das rolinhas, das pombas, derruba a casa do João-de-Barro, derruba tudo e o que acontece? Tão logo passa a tempestade, novamente os pássaros estarão com os galinhos no bico, voando quilômetros, reconstruindo suas moradas. Por quê? Porque a força não está na construção, mas na capacidade de reconstruir. E você é o cocriador! Tudo lhe pode ser tirado, mas o seu poder cocriador é intocável.

É dessa terra de que fala Jesus. Nela, a semente foi ao fundo e atingiu o coração. Não adianta termos o conhecimento de que somos imortais e de que os amigos espirituais nos amparam. Enquanto não sentirmos isso, nos dias de maior tristeza, ainda não adentramos nos portais da profundidade, ainda estamos sobrevoando por características superficiais. Expressando a cultura dele, Paulo diz que verdades como

essas têm que vir das entranhas. Enquanto a Doutrina Espírita não estiver em suas entranhas, ela não entrou em você; necessita-se sentir um frio na barriga para ter a certeza de que a semente penetrou.

Mas que semente é essa? Aqui há um segredo da ação divina. Toda a humanidade anseia por frutos doces e especiais. A paz, por exemplo, é um fruto muito saboroso, assim como a alegria e o amor. Poderíamos listar classes deles. Porém, o Evangelho lida com sementes. Pedimos a Deus por paciência, e o que ocorre? Recebemos a semente da paciência, o seu professor, que às vezes não é uma pessoa, mas uma situação de vida.

Percebe como é complicado pedir? Pelo que geralmente suplicamos em nosso favor? Pedimos ao Cristo Consolador retirar-nos das circunstâncias que estão causando dor e fazendo chorar. Ele nos pergunta: “Mas você quer o fruto?”. Rogamos: “Deus, quero conhecer o amor”. E Ele nos oferece uma pessoa insuportável de amar. Isso porque, se mandar uma pessoa dulcíssima e boníssima, um ursinho panda, não teremos oportunidade de treinar. Amar uma irmã Scheilla é fácil, não constitui desafio para a semente do amor plantado em nosso coração. Desafiadora é aquela pessoa da qual não se consegue gostar. É ela quem vai cultivar em nós a semente do amor, mas não do amor superficial, não do amor “século XXI”, que se restringe a um contrato de imagem. Embora o amor tenha expectativas, eduque-nos, progrida e se transforme, ele já é amor na partida e na chegada. São essas, portanto, as sementes do Evangelho que representam o convite ao esforço colocado em nossa evolução espiritual.

Relendo o poema de Carlos Drummond de Andrade que diz: “Tinha uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho tinha uma pedra”, cheguei à conclusão de que essa pedra é Jesus. Ele é uma pedra gigante no meio do nosso caminho evolutivo. Não tem jeito de desconsiderá-lo. O Mestre assumiu sua posição e não se pode dar as costas. Pode-se fugir, repudiar, mas alguma reação a ele é inevitável, até mesmo ignorando-o. Isso é relacionar-se com Jesus. E as sementes que ele trouxe são desafiadoras. O que faremos nós da Parábola do Semeador? Para terminar, uma pequena e singela parábola:

Reuniram-se todos os trabalhadores de uma grande casa espírita. O projeto era fazer um almoço beneficente, com o seguinte critério: cada tarefeiro levaria um prato de tradição familiar. Pela regra, o prato teria que ser feito pelos integrantes da família, com o máximo de amor e artesanato, caprichado e bonito na aparência. Compareceram os mais de 1.500 trabalhadores da instituição com suas famílias a um lugar imenso com várias mesas. Era um banquete maravilhoso, coisa de cinema! Cada

prato com sua história, com a sua emoção, evocando o valor de uma família e feito com imenso desvelo. Cada um mais saboroso do que o outro. Pois os trabalhadores foram, passaram pelos pratos, cheiraram todos eles, voltaram para suas casas e ninguém comeu nada.

Moral da história: não faça isso com o Espiritismo na sua vida! Coma, pelo amor de Deus! Seja você o primeiro a comer do que oferece! Esse banquete é dos espíritos. Por exemplo, o Parnaso de Além-túmulo oferece o prato que o Augusto dos Anjos fez, que o Castro Alves fez. Emmanuel, André Luiz, Joanna de Ângelis, todos têm suas receitas nutritivas, cada uma com seu sabor. Uma multidão trouxe pratos maravilhosos. Não seja apenas o garçom que serve. Coma antes de servir, alimente-se! Fortaleça seu coração e, ao fim, você compreenderá o que ensina Auta de Souza em Mensagem Fraternal: “Deus responde em ti mesmo e te esclarece / com a força eterna da consolação”. A consolação não é deixar de sofrer, é saber que nós estamos sofrendo juntos aqui, em família. Que as sementes do Cristo possam germinar em nossos corações.

Referências Bibliográficas

XAVIER, Francisco Cândido. Parnaso de além túmulo. psicografia pelo Espírito Emmanuel. Instituto Chico Xavier.

_____. Pensamento e Vida. psicografia pelo Espírito Emmanuel. Instituto Chico Xavier.

PARÁBOLA DO SEMEADOR

Ana Guimarães

Eis que o semeador saiu para semear. E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho e as aves vieram e a comeram. Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra. Logo brotou, porque a terra era pouco profunda. Mas, ao surgir o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou. Outra ainda caiu entre os espinhos. Os espinhos cresceram e a abafaram. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa e produziu fruto, uma cem, outra sessenta e outra trinta. Quem tem ouvidos, ouça!

Mt 13:1-9 e também Marcos 4:3-9 e Lucas 8:4-8

Estamos em evolução. Quanto a isso, não resta a menor dúvida; caminhamos a passo rápido no desbravamento do cipoal da tecnologia que deslumbra o homem. É o ideal de “evolução”? O tempo, todavia, dirá; por enquanto, aguardemos. Este “aguardar” não significa estacionamento improdutivo, mas sim, prosseguir na busca do entendimento dos projetos de Jesus a nosso respeito. Impossível que o idealizador da vida no Planeta tivesse deixado uma mensagem tão somente para a sociedade daquele tempo, sabendo que a ampulheta continuaria a despejar a areia dos epos sobre um mundo em transformações, sua mensagem é eterna e imperecível.

As “Parábolas de Jesus” têm significado moralizador, claro, todavia não podemos olvidar de que significam, também, um estágio de entendimento e luz. Por conseguinte, despertemos para a necessidade de continuarmos a buscar novos caminhos para o esclarecimento dos seus postulados. Não quer dizer que vamos fechar a busca; vamos apenas ampliá-la.

Um dia, o semeador saiu a semear..., sempre gostei dessa parábola, talvez porque tenha sido das primeiras lições evangélicas que ouvi ser estudada pelo grupo juvenil a que me filiei, quando me tornei espírita, há quase 60 anos. A priori, pensava nas sementes lançadas ao vento pelas divinas mãos do Senhor Jesus, na maneira que se encontrava o solo dos corações ao recebê-las. Entristecia-me saber que o meu coração não se havia preparado, convenientemente, para essa sementeira. Tanta vez tentei comparar os frutos do meu comportamento com o tipo de semente que havia recebido.

O Evangelho é, pois, um caminho que nos direciona Àquele que se afirmou o Caminho. Antonio Vieira, o notável orador sacro, fez a indagação: “Por que, no

passado, poucos convertiam tantos e, hoje, tantos convertem tão poucos?”⁴⁶ É, realmente, algo a se pensar. Talvez sintamos a ausência da nobreza de um Paulo, da grandeza de um Estêvão ou da simplicidade de um Pedro. Não importa, seja o que for, sabemos hoje da importância do semeador, pois a semente continua límpida e pura.

Semear não é uma aventura aleatória. O homem do campo arroteia a terra e escolhe com cautela a semente que vai lançar, na esperança de boa e farta colheita. O semeador do Evangelho analisa o terreno do próprio coração para saber que tipo de frutos produz, pois de lá sairão as sementes que irá lançar aos famintos de luz.

O Reino dos Céus está no coração e será exteriorizado na forma segura, clara, objetiva e plena de ternura com que o semeador lança as sementes. Assim, até mesmo o terreno mais agreste e sem vida será sensibilizado a produzir algum fruto. O coração do homem é o terreno. O pensamento é a semente. A ação, os frutos. A dureza do solo é a resultante de nossas ações que, por sua vez, são geradas pelo pensamento.

O poema sobre o Reino de Deus foi composto e cantado por Nosso Senhor! E, temos certeza, prossegue repetido pela brisa do tempo que não nos deixa esquecê-lo. Aceitando, assim, a palavra abalizada do Mestre Vieira, os que se colocam na posição de semeadores não se preocupem com o tipo de terreno dos que ouvem e recebem a semente, porém resguardecem e vigiem o próprio coração, a fim de dignificá-lo para que não se deteriorem as sementes que vão semear.

46 PADRE ANTÓNIO VIEIRA. Sermão da Sexagésima . Pregado na Capela Real, no ano de 1655.
Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/vieira-antonio-sermao-sexagesima.html>> Acesso em 15
fev. 2019.

PARÁBOLA DO JOIO E DO TRIGO

Nara de Campos Coelho

O Reino dos Céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo. Enquanto todos dormiam, veio o seu inimigo e semeou o joio no meio do trigo e foi-se embora. Quando o trigo cresceu e começou a granar, apareceu também o joio, Os servos do proprietário foram procurá-lo e lhe disseram: ‘Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Como então está cheio de joio?’ Ao que este respondeu: ‘Um inimigo é que fez isso’. Os servos perguntaram-lhe: ‘Queres, então, que vamos arrancá-lo?’ Ele respondeu: ‘Não, para não acontecer que, ao arrancar o joio, com ele arranqueis também o trigo. Deixai os crescer juntos até a colheita. No tempo da colheita, direi aos ceifeiros: ‘Arrancai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; quanto ao trigo, recolhei-o no meu celeiro’.

Mateus 13:24-30

Acho genial observarmos o trabalho que Jesus efetivou porque, além do conteúdo extraordinário, há o método. Ele usou o que havia de mais moderno no quesito comunicação. Por exemplo, quando ele subia os montes para falar, estava utilizando-se da possibilidade de o vento levar-lhe a palavra o mais longe possível. Era o microfone natural. O mesmo se dá com o uso das parábolas, que ele elegeu para ensinar, educando. E eis que a missão de Jesus foi eminentemente educadora... Pois bem, a parábola é uma historieta que conduz ao entendimento de uma lei moral, alcançando a educação proposta por Jesus, o Mestre maior.

Nesta parábola que dá título ao nosso texto, explanado por Mateus 13: 24-30, vemos que este instrumento avança no tempo, sendo capaz de atingir desde o entendimento dos seus contemporâneos até os dos nossos dias, com todo o seu progresso.

Aqui, podemos aplicar a interpretação literal e a espiritual. E podemos observar que verbos são usados nos três tempos: presente, passado e futuro, dando-nos a prova de que esta mensagem era para a humanidade toda, vivendo em todos os tempos.

Joio é uma erva daninha muito parecida e facilmente confundida com o trigo, embora tenha espigas mais raquílicas que o trigo, é venenosa e prejudicial à saúde, traz efeitos parecidos com a embriaguez e náuseas, graças a um cogumelo microscópico que vive em simbiose com o grão, assim que ele se forma.

Pragmaticamente falando, a semeadura foi boa e os lavradores aproveitaram para

dormir, já que estavam despreocupados. Desde sempre os homens não hesitam em prejudicar o seu próximo. As sementes do trigo ainda estavam sob a terra e os lavradores não esperavam que os “inimigos” fossem tão atuantes. E isto pode ser notado na pergunta que eles fizeram a Jesus: Como ocorreu isto? Devemos arrancar o joio? A resposta é interessante. Deixar crescer o joio para que ele se destaque e não seja confundido com o trigo, prejudicando a lavoura de alimento substancial. E, ainda, o fato de fazer um feixe com o joio e queimá-lo merece atenção, assim como guardar o trigo no celeiro, já que, em grego, esta palavra significa “cofre”. Em termos práticos, o joio crescido fica mais alto e mais magro do que o trigo e se destaca, podendo ser arrancado com mais facilidade para ser queimado, livrando o dono da terra dos prejuízos a que estaria sujeito se o trigo fosse confundido com o joio. Paciência é a palavra!

Sob o enfoque espiritual, Jesus deixa a lição de que os adversários estão em torno dos nossos passos. Vestidos com o corpo físico, eles não se deixam reconhecer e são “plantados” no mesmo ambiente em que vivemos para o resgate necessário. Assim, não devemos tentar “arrancá-los da vida” sob nenhuma justificativa. Devemos deixá-los crescer e aparecer, como nos diz a voz do povo, para identificá-los, sem confundí-los e poder reuni-los para serem juntos queimados, todos os ramos de joio. Aqui, como em muitas parábolas, Jesus nos faz entender que a alegação de ser queimados significa entrarmos na vida física, sofrendo as consequências de nossos atos, queimando-nos o fogo das dores e dificuldades, quando escolhemos ser mais joio que trigo.

PARÁBOLA DA OVELHA DESGARRADA

Guaraci de Lima Silveira

Que vos parece? Se um homem possui cem ovelhas e uma delas se extravia, não deixa ele as noventa e nove nos montes e vai à procura da extraviada? Se consegue achá-la, em verdade vos digo, terá maior alegria com ela do que com as noventa e nove que não se extraviaram. Assim também, não é da vontade de vosso Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca.

Lucas 15:1-7 e também em Mateus 18:12-14⁴⁷

Por estudos sabe-se que a ovelha foi um dos primeiros animais a serem domesticados pelos homens há cerca de treze mil anos atrás, na região hoje ocupada pelo Iraque. São dóceis, gregárias, sensíveis e inteligentes e também obedientes e fáceis de serem conduzidas. Fornecem carne, lã e leite. Estudos realizados indicam que elas são capazes de demonstrar emoções e de reconhecer até cinquenta componentes do grupo. No entanto, existem as que gostam de se apartar do rebanho, exigindo do pastor enormes cuidados e sacrifícios para juntá-las. Assim, o trabalho do pastor é manter sempre unido o rebanho uma vez que dele depende para seu sustento e dos seus familiares.

Jesus sempre se utilizou do cotidiano do povo galileu para arregimentar suas profundas lições. Eis o enunciado da Parábola:

Qual de vocês que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma, não deixa as noventa e nove no campo e vai atrás da ovelha perdida, até encontrá-la? E quando a encontra, coloca-a alegremente nos ombros e vai para casa. Ao chegar, reúne seus amigos e vizinhos e diz: ‘Alegrem-se comigo, pois encontrei minha ovelha perdida’. Eu digo que, da mesma forma, haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam arrepender-se (Lc 15: 1-7).

Lucas ainda cita no início do capítulo que os fariseus criticavam Jesus porque Ele comia com os pecadores. O Mestre não veio para as divisões de classes ou de status comportamentais. Pelo contrário Ele veio para todos. No momento em que o indivíduo opte por buscá-lo, Ele sempre estará pronto para atender e alimentar com suas propostas e encaminhamentos. No início dessa Parábola a lição é direta: sejamos mais simples, sem julgamentos, sem acoites, sem discriminações. Costumava-se até exigir que os doentes ou pecadores transitassem vestidos de forma diferente

informando seu estado físico ou espiritual para que “os puros” não se contaminassem por eles. Jesus fez o contrário, misturou-se a eles para curá-los. Bela lição, necessárias atitudes de todos nós.

O Evangelista Mateus também cita esta Parábola (Mt 18: 10-14). Naquele relato, logo no seu início Jesus vai dizer que “*O filho do homem veio para salvar o que estava perdido*” ao contrário do que os fariseus achavam. Cita que o pastor subiu num monte em busca da ovelha, significando que é necessário subir aos mais altos níveis da consciência para entendermos que todos somos propostas divinas. Enquanto dormitamos nas dimensões inferiores da consciência quase sempre nossas respostas são apressadas, sem um raciocínio ou sensibilidade apurados. O pastor então é aquele que adentra níveis superiores da consciência e entende que a salvação é para todos, que não vale noventa e nove serem salvos num grupo de cem. É necessário que todos descubram o caminho divino que já se encontra dentro de cada um.

Jesus enaltece o momento do encontro do pastor com a ovelha que estava perdida. Ele se alegra, coloca-a nos ombros e vai para casa. Outro elemento muito significativo da Parábola: colocar nos ombros. Sim, o que está perdido, cansado, ofegante, desnutrido, nem sempre tem condições de caminhar. Aquele que auxilia, muitas vezes, tem que abraçar os problemas do outro, colocá-los em seus próprios ombros para sentir de perto aquela dor, mas, fazê-lo de forma serena e não como um fardo. O outro sempre será, em alguma medida, uma aventura para cada um de nós, quando este não segue os caminhos que temos determinado. As ovelhas que se perdem, assim o fazem, por seguir caminhos alternativos e o pastor já sabe que buscá-las é uma de suas tarefas mais comuns. Brincalhonas, medrosas e peculiares, as ovelhas têm características que as distinguem umas das outras e podem ser facilmente diferenciadas pelo pastor, que as conhece pelos nomes, de maneira semelhante aos animais domésticos. Assim, o pastor quase sempre sabe qual é a ovelhinha mais arteira e mais propensa a se perder. Há casos até que o mesmo desloca uma patinha, a enfaixa e a carrega sobre a nuca, para que não se perca.

O Mestre então confirma que haverá mais festa no céu por um pecador que se arrependeu do que por noventa e nove justos que não precisam se arrepender. É o mais belo exemplo de inclusão. Vivemos em um tempo e em uma sociedade que tende a excluir os que não estão, segundo seus conceitos, de comum acordo com suas ideias e comportamentos. Há muita festa nos planos espirituais quando o pecador busca o caminho da sua redenção porque os noventa e nove que lá se encontram, já participam do banquete festivo.

Nesta parábola, Jesus é o grande pastor e a humanidade o seu rebanho, informando que ninguém se perderá. Enquanto houver uma ovelha perdida ele a buscará. Este é o seu dever perante Deus, que lhe outorgou o direito sobre o céu e a terra. Compete, pois, à ovelha que se encontra desgarrada buscar o seu pastor, colocando-se no mais alto que puder dos seus estágios conscienciais, para ser encontrada por Ele.

Em João 10:16 encontramos: *“Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco, também me convém agregar estas e elas ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor”*. É possível que Jesus esteja se referindo a todas as demais criaturas de Deus, que não os humanos terrestres, ou aos Espíritos desencarnados que vagueiam pelas sombras abissais, sofredores e confusos, perdidos de seus próprios apriscos. Todos, sem exceção, fazem parte deste imenso rebanho que o Pastor sublime reúne.

Nota-se que esta parábola, junto com a da dracma perdida e do filho pródigo compõem a trilogia da volta do filho ao Pai. É importante considerar que ao nos criar, Deus nos permitiu buscar caminhos que desejássemos. Também eles, muito embora seus vales às vezes tenebrosos, constituem-se em lições necessárias. Só mesmo depois de grandes experimentos frustrados é que a maioria recorre a Deus e se volta para Ele. Existem muitos postos de socorro espiritual e moral tanto aqui como nos planos espirituais. Daí que só permanece nos descaminhos da vida quem deseja.

Observando a Parábola através do olhar psicológico percebemos que o Self, nossa identidade espiritual, necessita expandir-se. Ele é a ovelha que não pode se perder nas artimanhas do ego inferior. É preciso resgatar virtudes temporariamente apartadas. É preciso que o ego superior se faça presente. Ele é o arquétipo do velho sábio; a divina mãe que instrui conduzindo. Jesus representa o Cristo, nossa proposta divina, aguardando nossas expansões. Haverá sempre alegria quando entendermos que junto ao Cristo, a vida se torna plena e corrente para Deus.

Já pelo olhar da mitologia vemos aí a saga do herói para recuperar sua identificação com o todo. O herói é o pastor e o objeto da busca a ovelha que representa a força do alimento e calor. Os dragões ou górgonas são os desvios que levaram a ovelha a se perder. Esses agentes do mal prenderam-na nos cipoais, nos pântanos, por entre espinhos, dificultando sua volta ao rebanho. É preciso que a jornada do herói se faça e ele, o pastor, desafie perigos através de uma marcha segura até encontrá-la para juntá-la às demais. Ao resgatar aquela força perdida, sente-se feliz e divide sua alegria com o reino interno e externo, pois que o herói está sempre sendo observado pelos deuses em suas práticas. Uma vez recuperada a ovelha, a força heroica desaparece e o pastor que a trouxe nos ombros volta a ser simples homem do campo pastoreando ovelhas.

Nesta visão o próprio ser se resgata, assim como na visão psicológica.

As Parábolas de Jesus se estendem ao infinito. São inúmeras as formas de as interpretar e, por isso, a partir de qualquer uma delas pode-se fazer profundas ilações. O inconsciente é atemporal, assim ele vê tudo como se não houvesse tempo e por isso as imagens flutuam em nós buscando soluções, imitando ovelhas perdidas em busca do aprisco. Somos, pois, seus pastores. Há imagens que nos amedrontam, envergonham, obscurecem nossas visões mentais. Muito há que fazer e tudo depende de cada um. Escolher Jesus como pastor é sem dúvida o mais seguro dos caminhos e a mais feliz das escolhas.

PARÁBOLAS DAS DEZ VIRGENS

William Jacob

Então o Reino dos Céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo. Cinco eram insensatas e cinco, prudentes. As insensatas, ao pegarem as lâmpadas, não levaram azeite consigo, enquanto as prudentes levaram vasos de azeite com suas lâmpadas. Atrasando o noivo, todas elas acabaram cochilando e dormindo. Quando foi aí pela meia-noite, ouviu-se um grito: *‘O noivo vem aí! Saiam ao seu encontro!’* Todas as virgens levantaram-se, então, e trataram de aprontar as lâmpadas. As insensatas disseram às prudentes: *‘Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando’.* As prudentes responderam: *‘De modo algum, o azeite poderia não bastar para nós e para vós. Ide antes aos que vendem e comprai para vós’.* Enquanto foram comprar o azeite, o noivo chegou e as que estavam prontas entraram com ele para o banquete de núpcias. E fechou-se a porta. Finalmente, chegaram as outras virgens, dizendo: *‘Senhor, senhor, abre-nos!’* Mas ele respondeu: *‘Em verdade vos digo: não vos conheço!’* Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem a hora.

Mateus 25:1-13⁴⁸

A Parábola das dez virgens traz ensinamentos valiosos para o cotidiano, mas, para melhor compreendê-la é preciso, antes de tudo, entender que ela faz parte do sermão profético, tido por muitos como a anunciação do fim dos tempos, a preparação para o Juízo Final, ou, como aprendemos no Espiritismo, o fim do mundo de provas e expiações.

Os planetas progridem, transitam de um estágio para outro mais avançado, e, na medida em que a Terra evolui, uma espécie de filtro começa a atuar de maneira mais efetiva, e nem todos aqueles que aqui estão terão a permissão ou a condição para continuar encarnado, ou até mesmo retornar numa futura reencarnação. E a grande pergunta passa a ser: Quais as condições necessárias para habitar o planeta quando ele se tornar mundo de regeneração? É disso que trata a Parábola das dez virgens.

Jesus, para melhor ensinar, utilizou-se do conhecido para falar do desconhecido, recorreu a algo concreto para se referir ao abstrato, usou elementos materiais para exaltar o aspecto espiritual. E, na referida parábola, ele aproveitou o ritual do casamento judaico para falar do Reino dos Céus.

Antes de abordarmos os ensinamentos morais, faz-se necessário falar um pouco dos

personagens citados ou ocultos na Parábola, a começar pelo *noivo*, que, segundo Emmanuel, é Jesus, e a *noiva* seria o planeta Terra. Vale ressaltar também que a tradição judaica exigia que o pai do noivo desse à família da noiva um presente, chamado em alguns locais de dote. Pois bem, sabemos que Jesus é um enviado direto de Deus-Pai para a família-humanidade; portanto, Deus, *pai do noivo*, deu um presente a todos nós, *família da noiva*, chamado Evangelho, a Boa Nova, a mensagem de amor, cujo mensageiro foi o próprio Nazareno.

Em relação às *virgens*, precisamos explicar que a palavra utilizada não tem o mesmo sentido atualmente empregado, como se fosse alguém que nunca teve relações sexuais, mas, sim, como afirmam alguns estudiosos bíblicos, pessoas fiéis a Deus. Fazia parte do ritual da época que algumas amigas da noiva ficassem encarregadas de fazer a recepção do noivo, que vinha acompanhado de seus amigos.

As *bodas*, festa ou banquete com que se celebram as núpcias, simbolizam cada momento em que o planeta sobe um degrau na escala evolutiva até atingir a condição de mundo celeste, quando será habitado apenas por Espíritos Puros.

Feitas estas explicações, precisamos, agora, extrair os ensinamentos morais da parábola, e eles são muitos, a começar identificando em quais momentos nos comportamos como as virgens tolas e em quais outros nos assemelhamos às prudentes. Vale ressaltar que todas as virgens já sabiam que a probabilidade de o noivo chegar à noite era enorme; portanto, o bom senso e a prudência recomendavam levar o óleo para acender a candeia quando ele se aproximasse. Se nos assemelhássemos às virgens tolas, seria como se, na atualidade, saíssemos para um local ermo, isolado e escuro levando conosco uma lanterna sem pilhas.

Na vida também nos comportamos assim, ignoramos o óbvio e insistimos em condutas sabidamente contrárias às leis divinas, e, como toda ação gera uma reação, as consequências da tolice são dolorosas e problemáticas, como foram para as virgens que não entraram na festa, e que, mesmo em meio à escuridão, tiveram que sair para buscar o óleo.

Vejam algumas situações em que atuamos como as virgens tolas: Quando somos indiferentes à dor do outro. Sempre que sentimos inveja por não ter ou não ser o que o outro é. No momento em que abrimos mão de valores morais para atender a apelos materiais. Cada vez que aceitamos alguma corrupção, maior ou menor, mesmo que ninguém veja. Quando gastamos mais dinheiro do que ganhamos. Poderíamos citar centenas de situações, em que inicialmente temos uma vantagem, mas que terá seu preço no futuro, que pode perdurar por minutos ou encarnações.

As virgens prudentes fizeram o correto, se prepararam bem, se esforçaram carregando um peso maior durante a caminhada até o local da espera, como também fazemos em muitas situações ao longo da vida e, por isso, somos recompensados. Nenhum esforço é em vão e ele traz consigo o alívio do dever cumprido e a satisfação da recompensa, que, no caso das virgens prudentes, foi o acesso à festa e ao noivo.

Quando se olha de maneira superficial a conduta das prudentes, podemos imaginar que elas foram egoístas ao não dar o óleo para as tolas, e, sendo assim, ficaria estranho ver Jesus valorizando e enaltecendo o egoísmo ao invés da caridade, tão exaltada nos seus ensinamentos. Mas, não, o óleo, a que se referia o Mestre, é apenas um símbolo utilizado para falar da luz espiritual, e, se lermos a parábola trocando a palavra “óleo”, por “luz própria”, entenderemos que, de fato, ninguém consegue transferir virtudes e nem conhecimento ao outro, não importa o quanto amamos ou somos amados por alguém; o progresso é individual, ninguém evolui para o outro, mas ninguém evolui sem o outro, o isolamento não é uma opção para quem quer progredir.

O máximo que podemos em relação a quem queremos bem é ajudar, auxiliar, orientar, mas jamais poderemos passar pelas provas que cabe ao outro atravessar, e o contrário é válido, ninguém poderá enfrentar os desafios que precisamos para evoluir.

Importa observar que estas máximas valem inclusive para as cuidados com o corpo, já que não adianta dar remédio para alguém saudável esperando que isso leve a cura a algum doente, não se pode emagrecer pedindo ao outro que faça exercício físico ou mude hábitos alimentares por nós, não é possível estudar, aprender algo por osmose. Cada um deve se esforçar para adquirir aquilo que quer para si. E isso vale ainda mais para os interesses da alma; sendo assim, ao invés da revolta e da queixa, do desleixo ou da imprevidência em relação às provas e expiações que a vida nos apresenta, o melhor é enfrentá-las com resignação e prudência, postergar a solução e o enfretamento dos problemas é adiar a própria felicidade.

Fica evidente a necessidade de desenvolver e ampliar a luz própria, sem depender de terceiros, para que, quando a Terra se tornar um mundo de regeneração, tenhamos a condição e o merecimento de habitá-la.

Quando isso ocorrerá? O noivo da Parábola chegou à meia-noite, como mandava a tradição judaica, e, também neste ponto, temos que extrair o fundo moral da simbologia. Há quem diga que meia-noite é o momento em que a escuridão atinge seu ápice, e simbolicamente, podemos entender isso como sendo dias difíceis, sombrios, como muitos dos que já vivemos ao longo da história, inclusive quando Jesus nasceu, em que as trevas pareciam dominar a humanidade, e então veio aquele que trazia,

assim como o amanhecer de um novo dia, uma nova luz, o renovar das esperanças e o ânimo dos aflitos. Quanto à data exata ou mesmo o ano em que a Terra subirá um degrau no estágio evolutivo, é impossível saber, e, para melhor explicar, é importante verificar o que disse Jesus em dois momentos no Sermão Profético, o primeiro no final da Parábola da Figueira, Mateus 24:36, quando afirma que, “*a respeito daquele dia e hora, ninguém sabe; nem os anjos do céu, nem o filho, mas apenas o Pai*” e também no final da Parábola das Dez Virgens, quando disse: “*vigiai, porque não sabeis o dia nem a hora*”. Allan Kardec, em *A Gênese*, quando afirma que “*aqueles que esperarem ver a transformação se operar por efeitos sobrenaturais e maravilhosos, serão decepcionados.*” Trata-se de processo cujos marcos não sabemos quando nem exatamente como ocorrerão. Convém não medirmos esforços para que nossos atos, palavras e pensamentos estejam cada vez mais vinculados à Lei Divina, confiantes em Sua Misericórdia.

O mundo tem avançado muito em diversas áreas do conhecimento humano, a velocidade com que nos comunicamos muda os nossos hábitos e nossa forma de se relacionar, os costumes têm se transformado, e tudo isso foi previsto por Allan Kardec, também em *A Gênese*, quando afirmou que “*O velho mundo estará morto, e viverá na história, como hoje os tempos da Idade Média com seus costumes bárbaros e as suas crenças*”. Várias práticas tidas como normais há alguns séculos não mais existem entre nós, outras estão em plena decadência, e uma nova sociedade, mais tolerante, mais fraterna, mais preocupada com questões sociais e com o ser humano em si tende a surgir e dominar aqueles que ainda estão presos à velhos paradigmas e visões retrógradas de mundo.

Esta transformação não será sem lutas. Como afirmou Léon Denis na sua monumental obra *Depois da Morte*, “*uma grande batalha se trava entre o passado, que não quer morrer, e o futuro, que se esforça para nascer para a vida*”. Engana-se quem pensa que essa luta seja meramente externa; os combates mais difíceis são travados no íntimo, em que o “homem velho”, como se referia Paulo de Tarso, não cede lugar ao “homem novo” e, atendendo aos impulsos do egoísmo e do orgulho, ficamos atados às velhas práticas e atos, que nos impedem de caminhar de maneira mais firme e resoluta.

Como nos mundos celestes há espaço para todos, vale destacar que Jesus, no início da Parábola das Dez Virgens, compara o Reino dos Céus com as dez e não apenas com cinco delas, ou seja, todos chegaremos à condição de Espírito Puro, uns mais cedo, outros mais tarde, e isso não depende de ninguém além de nós mesmos. Deus, além de deixar em nossa consciência as suas Leis, nos envia mensageiros para nos servir de fontes inspiradoras, em que podemos nos espelhar e, em momentos de dificuldades e de indecisão, perguntar a nós mesmos, como esta alma generosa agiria se estivesse em

nosso lugar. No silêncio de nossa alma surgirá uma resposta que nos auxiliará a fazer melhores escolhas, facilitando, assim, nosso caminho rumo à pureza espiritual.

Para ampliar a luz própria é imprescindível trabalhar melhor as potências da alma, que, segundo Léon Denis, se resumem em três palavras: *querer, saber e amar*; logo, cabe-nos desenvolver a vontade, buscar o conhecimento das coisas e das leis, e, acima de tudo, amar, pois, “*sem o amor, a vontade e o saber ficariam incompletos e muitas vezes estéreis*”¹⁹.

48 *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2012.

49 DENIS, Léon. *Depois da Morte*. Rio de Janeiro: CELD, 2011.

PARÁBOLA DA REDE

Wladimir da Matta Stefanon

Igualmente, o Reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar e que apanha toda qualidade de peixes. E, estando cheia, a puxam para a praia e, assentando-se, apanham para os cestos os bons; os ruins, porém, lançam fora. Assim será na consumação dos séculos: virão os anjos e separarão os maus dentre os justos. E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali, haverá pranto e ranger de dentes.

Mateus, 13.47-50.

A Parábola da rede talvez seja a mais profunda que Jesus contou, pois as expressões simbólicas que ela contém nos dizem de uma transição⁵⁰, segundo Joanna de Ângelis, *“opera-se, na Terra, neste largo período, a grande transição anunciada pelas Escrituras e confirmada pelo Espiritismo”*, ou seja, uma mudança de estágio evolutivo da Humanidade. É muito parecida com a Parábola do Joio e do Trigo, através da qual o Mestre Jesus, exemplifica, por meio de elementos simples e próximos de seus ouvintes (rede, mar, praia, peixes), ensinando, novamente, acerca da reencarnação e da nossa transição planetária.

O mar representa a Terra, isto é, o lugar onde vivemos. Os peixes, tal como menciona a parábola, uns, bons; outros, ruins, representam os diferentes níveis de espíritos aqui encarnados, ensinam-nos os Espíritos Superiores, em O Livro dos Espíritos, que há diferentes ordens de Espíritos: *“a classificação dos Espíritos se baseia no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de despojar-se”*⁵¹. A praia simboliza a região situada entre o plano espiritual e o plano terreno, onde aportam os que são apanhados pela rede da morte. Em “Nosso Lar”, André Luiz⁵² conta que, após a sua desencarnação, permaneceu durante oito anos em estado de perturbação numa região do plano espiritual, que ele denominou de “Umbral” por reunir temporariamente os espíritos desencarnados desequilibrados pelos delitos cometidos na Terra. Então, é na “praia” que se dá a seleção entre bons e maus. A rede, que retira os peixes do mar e os leva para a terra, representa a morte, ou melhor, a desencarnação.

Nesse período, em que a terra deverá passar para um estágio espiritual mais elevado, isto é, de mundo de provas e expiações, como o é até o presente momento, para um mundo de regeneração, os Espíritos Superiores - os anjos de que nos fala a parábola -, que são os executores da Vontade de Deus, farão as separações: os espíritos que

atingirem, por méritos próprios, uma elevação espiritual superior, então, serão colocados – reencarnados - num mundo de regeneração, como no futuro será a Terra; ao passo que aqueles que não atingiram tal estágio de elevação, reencarnarão em mundo, um tanto atrasado, aonde, através de provações e expiações, irão aperfeiçoando-se para habitarem, um dia, mundos superiores da Criação.

Sabidamente Jesus escolheu o exemplo dos pescadores, especialmente no que diz respeito à escolha dos peixes. Não é costume dos pescadores deixar os peixes morrerem na areia da praia; ao contrário, eles são devolvidos ao mar. É comum na pesca, que alguns dos peixes apanhados possam ser, por exemplo, pouco desenvolvidos, ou seja, não servem para o consumo; não têm muita carne. Devolvê-los ao mar seria dar-lhes a oportunidade de crescer para serem pescados novamente mais tarde.

Os bons foram recolhidos em recipientes e levados, enquanto os ruins e impróprios para o consumo, de volta ao mar, representa, pois, a Lei da reencarnação⁵³. Todos nós, quando residentes na pátria espiritual, se tivermos questões a serem resolvidas, provas a cumprir e expiações para suportar, seremos lançados de volta à Terra, a fim de que, através do suor do nosso trabalho, possamos finalmente estar preparados para conquistar o Reino dos Céus. *“Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo.”*⁵⁴

Reencarnar, normalmente, gera grande sofrimento ao espírito, afinal, habitamos um planeta onde o mal, ainda predomina, e que ainda desconhece a felicidade plena⁵⁵, assim é possível se verificar que o imaginário de provas e expiações possa se equiparar ao sofrimento de ser lançado numa “fornalha de fogo” – ambiente transformador da rocha disforme em utensílio civilizador. Cabe lembrar, entretanto, que o fogo, muito utilizado nas metáforas de Jesus, não é um recurso de tortura eterna, como hoje muitos ainda creem; é, antes, um instrumento purificador, simbolicamente falando, eis que o Espiritismo nos ensina que não há sofrimentos eternos. A “fornalha de fogo” de que nos fala a parábola pode ser interpretada como as provações e expiações que vivemos e iremos enfrentar, conforme alertou Jesus: *“no mundo tereis provações, mas animai-vos, eu venci o mundo”*⁵⁶. Os maus serão encaminhados a mundos inferiores, onde continuarão sua luta evolutiva, mas, para o espírito banido, a Terra que ele compulsoriamente deixou será, então, como um “paraíso perdido” e, naquele mundo em que estará reencarnado, a vida, com suas condições mais primitivas e as duras provas e expiações poderão ser comparadas a um “fogo” intenso, ou seja, um sofrimento doloroso, mas purificador e temporário. Alguns enfrentarão suas novas

lutas de maneira resignada, o que é representado pelo choro; outros se revoltarão com sua situação, representado pelo ranger de dentes.

A “consumação dos séculos”, ou “o fim dos tempos”, impressiona e até atemoriza quem entende essa “consumação” como acabar, chegar ao fim. Certamente, para cada pessoa apanhada pela rede da morte, se dá o fim de um mundo, o término de uma existência terrena, de uma encarnação, no seu ciclo individual de evolução, porém, a rede da morte não aniquila a humanidade nem acaba com o mundo... Como entender a consumação dos séculos, de que fala Jesus? Apenas o fim de um ciclo de evolução coletiva para os habitantes do planeta Terra, decorrente da Lei de Progresso. Para tanto, será necessário que aqueles que insistem na prática do mal, sejam retirados do meio dos justos, de maneira gradual, onde não mais encarnarão na Terra.

De qualquer maneira, resta sempre claro nas parábolas do Mestre que os justos obterão a recompensa pelo seu esforço em resistir aos males terrenos, enquanto que os maus sofrerão por conta de cada uma de suas más ações, pela Lei de causa e efeito. Não obstante, Deus, em sua perfeição, jamais permitiria sofrimentos eternos e sempre dá chances àqueles que necessitam expurgar de si todos os vícios e males, o que se dá por meio das sucessivas reencarnações.

Jesus nos convida a sermos discípulos do Reino dos Céus, ou seja, seguidores da Vontade de Deus, para um dia fazermos parte da grande família de espíritos puros, a qual ele pertence. Para isso, cuidemos para que façamos parte dos bons através do amor e da instrução, mas, sobretudo do amor e da caridade.

Estejamos, pois, preparados, peixes de todos os tamanhos, pois não sabemos quando será lançada a rede. É necessário que estejamos sempre prontos, enxergando, em todos os dias nessa vida, nova oportunidade de melhorarmos e nos aplicarmos no trabalho no bem e em nossa reforma íntima. De outra forma, uma vez pescados, seremos devolvidos ao mar, onde teremos de retornar e enfrentar novamente as dificuldades buscadas por nós, através de árduas tarefas no corpo físico.

50 Mensagem psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, no dia 30 de Julho de 2006, no Rio de Janeiro, RJ. Publicada na revista “Presença Espírita”, Setembro/Outubro 2006, N° 256, páginas 28 e 29.

51 Escala Espírita, questão n° 100 de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec, página 87, 77ª edição, FEB.

52 *Nosso Lar*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ditado pelo Espírito André Luiz.

53 *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010, questão 132, p.147.

54 *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IV, item 5, página 85, 110ª edição, FEB.

55 *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, item 20 página 113, 110ª edição, FEB.

56 *O Novo Testamento*, João 16:33, página 451, tradução de Haroldo Dutra Dias, 1ª edição, ano 2010, Conselho Espírita Internacional.

PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

Armando Falconi Filho

Disse ainda: “Um homem tinha dois filhos. O mais jovem disse ao pai: ‘Pai, dá-me a parte da herança que me cabe’. E o pai dividiu os bens entre eles. Poucos dias depois, ajuntando todos os seus haveres, o filho mais jovem partiu para uma região longínqua e ali dissipou sua herança numa vida devassa. E gastou tudo. Sobreveio àquela região uma grande fome e ele começou a passar privações. Foi, então, empregar-se com um dos homens daquela região, que o mandou para seus campos cuidar dos porcos. Ele queria matar a fome com as bolotas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. E caindo em si, disse: ‘Quantos empregados de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome! Vou-me embora, procurar o meu pai e dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados’. Partiu, então, e foi ao encontro de seu pai. Ele estava ainda ao longe, quando seu pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos. filho, então, disse-lhe: ‘Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho’. Mas o pai disse aos seus servos: ‘Ide depressa, trazei a melhor túnica e revesti-o com ela, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei o novilho cevado e matai-o; comamos e festejemos, pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado!’ E começaram a festejar. Seu filho mais velho estava no campo. Quando voltava, já perto de casa ouviu músicas e danças. Chamando um servo, perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe disse: ‘É teu irmão que voltou e teu pai matou o novilho cevado, porque o recuperou com saúde’. 28Então ele ficou com muita raiva e não queria entrar. Seu pai saiu para suplicar-lhe. Ele, porém, respondeu a seu pai: ‘Há tantos anos que eu te sirvo, e jamais transgredi um só dos teus mandamentos, e nunca me deste um cabrito para festejar com meus amigos. Contudo, veio esse teu filho, que devorou teus bens com prostitutas, e para ele matas o novilho cevado!’ Mas o pai lhe disse: ‘Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois esse teu irmão estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi reencontrado!’

Lucas 15:11-32

É necessário um mergulho na História, para o entendimento mais completo dos textos evangélicos, que retratam alguns costumes e atividades diárias da Galileia de dois mil

anos atrás, quando Jesus percorria os caminhos empoeirados, atravessando vales e montanhas, sentando-se à beira daquele maravilhoso lago de Genesaré, conversando com pescadores, agricultores, donas de casa, crianças e tantos outros membros da comunidade. Naqueles momentos, com frequência, ele usava uma linguagem baseada em parábolas e metáforas para facilitar a compreensão de verdades abstratas para as pessoas, tornando-as acessíveis ao entendimento, de uma forma mais clara e profunda, temas complexos envolvendo Deus, a criação, o relacionamento do Criador com as criaturas. É por esta razão que Jesus, seguindo a tradição do seu povo, lança mão das parábolas como instrumento de comunicação, tanto individual como para a multidão de famintos. Foram por esses instrumentos de comunicação, histórias ricas de elementos da cultura vigente, recheadas de simbolismo e de detalhes, que Jesus conseguia tocar o coração das pessoas que vinham até ele, aproveitando este convívio para estimular uma imersão, um aprofundamento dos temas da Boa Nova.

Lembremos alguns trechos da parábola que está no Evangelho de Lucas 15:11-32, conhecida como “Parábola do filho Prodigio”. Uma parábola que nos mostra existir um Deus que nos acolhe, que nos ama. Narra Lucas, o médico amigo de Paulo de Tarso, que um homem tinha dois filhos. O mais novo pediu ao pai a sua parte na herança, e o pai lhe deu. O rapaz pegou tudo que era seu e partiu para uma terra distante... Nessa terra distante, ele gastou absolutamente tudo o que recebeu de seu pai, e para agravar mais a situação, sobreveio uma grande fome no país onde ele estava. Ele começou a passar necessidades. Pediu trabalho. Custou a conseguir e o que conseguiu para sobreviver era desonroso, segundo a tradição e as crenças de seu povo. Mas como necessitava, agarrou-se ao que apareceu e começou a trabalhar. Porém, não ganhava dinheiro suficiente, e então ele lembrou-se que os empregados de seu pai recebiam mais do que ele mesmo naquela situação. Foi uma autoavaliação e uma experiência frustrante. Ele estava arrependido e neste propósito de arrependimento, optou por retornar à casa de seu pai, sem alternativa.

Sendo jovem, arriscou, e fez o trajeto de volta à casa do pai: “- *Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados*”. A seguir, levantou-se e iniciou o percurso de retorno para a casa do pai. Ao entrar no vale, o pai estava na varanda superior da casa onde, de longe, vigiava os caminhos e os servos nas lavouras em torno. Ao ver de longe o homem que se aproximava, prontamente seu coração disparou, reconhecendo seu filho imediatamente e, não cabendo em si de alegria, não espera que ele se aproxime mais, que passe entre os servos em posição submissa, de inferioridade pelo seu quadro e estado atual de falência.

Logo em seguida, o pai simplesmente corre em direção ao filho, abraçando-o e beijando-o. O filho, envergonhado, lhe diz: “- *Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho.*” O pai o aperta nos braços e o silencia. Vira-se e diz aos seus servos: “- *Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. (...)Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e comemorar. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado.*” E coloca um anel em seu dedo e calçados em seus pés.

O filho pródigo, admirado, pergunta-se: “- *Como assim? Depois de tudo que eu fiz? Meu pai sorrindo, me recebe de braços abertos?*” O filho fica, assim, surpreso com aquele gesto de amor inesperado. O jovem não esperava tal recepção.

Buscando maior entendimento, o apóstolo Pedro declara, com clareza, que Deus não quer que ninguém pereça: “- *Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para conosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.*” (2 Pedro 3:9)

Este condicionamento vige ainda hoje. Para conversarmos com Deus, temos que desatar os nós das gravatas, descalçar os sapatos da ilusão, procurar o cômodo mais interno da casa e, em particular e em segredo, deixar-se abraçar por Ele: “- *Pai, ajuda-me em minhas fragilidades e no exercício do perdão, ajuda-me a aprender a compreender Seus Desígnios e Suas Leis.*”

Na parábola, o pai deu ordens aos servos e começaram a festejar. Enquanto isso, o filho mais velho que estava no campo trabalhando, ao retornar, ouviu música e notou as mudanças no ambiente do lar, distribuição do melhor vinho, dança e muita alegria. Perguntou a um dos criados o que era aquilo, que prontamente respondeu que o irmão dele havia retornado e que seu pai, todo feliz, estava dando uma festa de recepção e boas-vindas ao filho caçula. Ao ouvir isso, o filho mais velho ficou indignado e não queria participar dos festejos e da comemoração, começando um movimento para se afastar dali e ir para longe.

O pai, perspicaz, logo percebeu a situação e foi atrás dele para explicar tudo e buscar uma conciliação. Foi quando o primogênito, com amargura na voz, respondeu ao seu pai:

Há tantos anos que o sirvo, sem jamais desobedecer a uma ordem tua. Nunca me destes um cabrito sequer para comemorar com os meus amigos. Agora, o seu filho mais novo que partiu levando sua parte na herança, retorna após gastar tudo. Gastou tudo com jogos, farras e bebedeiras e você ainda lhe homenageia, lhe dá uma festa de recepção?

O pai, depois de ouvir tudo com paciência, finalizou arrematando:

Meu filho, estás sempre comigo, tudo o que é meu é teu. Entretanto, era preciso que nos alegrássemos, porque o teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado, retornou ao aprisco.

Ela não apresenta somente o filho que gastou o dinheiro que havia recebido do pai e depois retornou arrependido. Praticamente, quase todos os intérpretes e estudiosos dão maior importância a este – o filho pródigo. Atentando melhor para o texto, observamos os dois filhos; os dois lados da mesma moeda chamada família, encontra-se aí o ensinamento velado e sutil do Mestre, a moral desta parábola. Ela demonstra dois extremos. De um lado, a ingratidão e o esbanjamento; de outro, a avareza e o ciúme, duas extremidades que fecham o círculo da incompreensão humana.

Atentemos à conduta, também antagonista, do irmão que estava sob o teto familiar e que, ao observar a generosidade do seu pai com o irmão, traz à tona os sentimentos inferiores que agasalha em seu coração, impulsionando-o à reclamação com o genitor. Quando ele prontamente demonstra a sua mesquinhez, não suporta ver a alegria reinando no ambiente doméstico; alega os anos de serviço em família e coloca-se vaidosamente na posição de crente que segue a Lei, comparando-se ao irmão. Lembra-nos outros dois irmãos, mais antigos, Abel e Caim, cuja indevida competição acaba com a morte de um e o banimento do outro.

O comportamento do filho pródigo, assim como do filho mais velho, podem, muitas vezes, serem nossos. Cabe-nos identifica-los, se observados em nós. As duas condutas carregam em si infelicidades, mas a do filho pródigo, ao menos, já possuía a bênção do arrependimento em seu favor.

As breves palavras finais são afirmações de que as parábolas do Evangelho são para serem lidas, estudadas, analisadas, discutidas nos grupos de estudos das instituições espíritas, mas, acima de tudo, para serem vivenciadas, aplicadas diariamente com perseverança. Agindo assim, seremos como nos ensina Paulo em sua segunda carta aos Coríntios 3:3: *“Porque já é manifesto que vós sois a carta de Cristo, ministrada por nós, e escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração.”*

PARÁBOLA DO GRÃO DE MOSTARDA

Rafael Papa

Propôs-lhes outra parábola, dizendo: O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. Embora seja a menor de todas as sementes, quando cresce é a maior das hortaliças e torna-se árvore, a tal ponto que as aves do céu se abrigam nos seus ramos.

Mt 13:31-32⁵⁷ e em Marcos 4:30-32 e Lucas 13:18-19

Na Parábola do Grão de Mostarda, com pouquíssimas palavras, Jesus conseguiu abrir caminhos inesquecíveis para nossos corações. A capacidade de síntese do Mestre ressoa até os dias atuais onde seus ensinamentos continuam sendo necessários, cada vez mais, aos corações sofridos e aflitos que habitam o planeta. Ao contemplar a tradução e as pesquisas históricas do Dr. Haroldo Dutra Dias, o conferencista espírita anotou que o grão de mostarda, na época de Jesus, era chamado de *Sinapis Nigra*. Estudos identificam que esta semente possui dois milímetros e é considerada a menor semente da Palestina. A parábola nos fala sobre os estágios de pequenina semente até o de frondosa árvore a abrigar as aves dos céus, o tempo e a vida em seu desenrolar, e também o próprio ciclo evolutivo do planeta, o “princípio de sequência”, conceito apresentado pelo Espírito André Luiz, que ainda complementa, afirmando que: “*Nada enganará o princípio de sequência, imperante nas leis evolutivas*”.⁵⁸ Da mesma forma que a natureza apresenta seu ciclo evolutivo através do *nascer, crescer, reproduzir e morrer*; ou das estações do ano *primavera, verão, outono e inverno*, o “princípio de sequência” também ocorre com as nossas vidas, onde as circunstâncias ocorrem no devido tempo e de acordo com a permissão de Deus.

Em meio à era cibernética onde somos contemplados com informações de todas as partes, com uma rapidez nunca antes vista, ainda não somos capazes de assimilar tantas informações disponibilizadas e resolver todos os problemas que venham a surgir. Não é apenas com um “clique” que o perdão será alcançado e tampouco com um “clique” iremos conseguir vencer obstáculos para os quais são necessários paciência e resignação em suas propostas.

Paciência, como ensinado pela psicografia Francisco Cândido Xavier, no Livro “Cura”⁵⁹, é remédio para nossas feridas mais largas. Com doses de paciência, administradas no cotidiano das nossas atividades no planeta, poderemos aguardar o momento certo para que possamos superar as dificuldades recorrentes de nossas vidas.

De grão em grão, de tempos em tempos, e respeitando nosso ciclo evolutivo enquanto espíritos imortais precisamos avançar na busca de Deus que está dentro de nossos corações e mentes. Essa é a verdadeira busca que precisamos fazer para entrarmos em comunhão com o Senhor da vida. E, dentro desta busca, Jesus nos deixou um recado esperançoso: “estarei convosco até os finais dos tempos”. É de esperança que se fala no desenvolvimento da paciência em nós, como nos diz Emmanuel⁶⁰:

Quem fala de paciência se refere à esperança. À vista disso, paciência quer dizer “saber esperar”. Nesse sentido, é justo recorrermos à inesquecível lição evangélica: “primeiro, a semente lançada à terra; depois, a flor na ramaria; em seguida, a formação da espiga e, logo após, o grão surgindo na espiga assegurando a colheita”. Não te retires da calma construtiva na tarefa que o mundo te deu a realizar. Todas as forças da natureza aguardam com paciência as realizações às quais se destinam. O fio d’água de uma nascente incorpora-se a outro formando a fonte e a fonte desce para o rio que a depõe na grandeza do mar. O tronco suscetível de auxiliar ao homem na construção da própria moradia não se fez de um momento para outro. O carvão é transformado em diamante no curso dos milênios, sob a ação constante dos agentes químicos do solo. Se acalantas algum plano de felicidade; se aspiras a conquistar o conhecimento superior; se anseias obter a compreensão de um ente amado ou se desejas a recuperação de um ente querido, trabalha e serve sempre na direção do alvo por atingir, sem desânimo e sem precipitação, contando com Deus, porque as Leis Divinas para te garantirem a concretização desse ou daquele propósito, em matéria de execução do bem, apenas te solicitam saber esperar.

57 DIAS, Haroldo Dutra. *O Novo Testamento*. 1 ed. 6ª impressão. Brasília: FEB, 2017.

58 XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília: FEB, 2017.

59 XAVIER, Francisco Cândido. *Cura*. Por espíritos diversos. São Bernardo do Campo: GEEM, 2009.

60 XAVIER, Francisco Cândido. *Pronto Socorro*. Pelo Espírito Emmanuel. Disponível em:
<https://bibliadocaminho.com/ocaminho/TXavieriano/Livros/Ps/PsIndex.htm>>. Acesso em 15 fev. 2019. Cap. 25 - Paciência e esperança.

PARÁBOLA DO FESTIM DE BODAS

Mt 22:1-14

Falando ainda por parábolas, disse-lhes Jesus: O reino dos céus se assemelha a um rei que, querendo festejar as bodas de seu filho, - despachou seus servos a chamar para as bodas os que tinham sido convidados; estes, porém, recusaram ir. - O rei despachou outros servos com ordem de dizer da sua parte aos convidados: Preparei o meu jantar; mandei matar os meus bois e todos os meus cevados; tudo está pronto; vinde às bodas. - Eles, porém, sem se incomodarem com isso, lá se foram, um para a sua casa de campo, outro para o seu negócio. - Os outros pegaram dos servos e os mataram, depois de lhes haverem feito muitos ultrajes. - Sabendo disso, o rei se tomou de cólera e, mandando contra eles seus exércitos, exterminou os assassinos e lhes queimou a cidade.

Então, disse a seus servos: O festim das bodas está inteiramente preparado; mas, os que para ele foram chamados não eram dignos dele. Ide, pois, às encruzilhadas e chamai para as bodas todos quantos encontrardes. - Os servos então saíram pelas ruas e trouxeram todos os que iam encontrando, bons e maus; a sala das bodas se encheu de pessoas que se puseram à mesa.

Entrou, em seguida, o rei para ver os que estavam à mesa, e, dando com um homem que não vestia a túnica nupcial, - disse-lhe: Meu amigo, como entraste aqui sem a túnica nupcial? O homem guardou silêncio. - Então, disse o rei à sua gente: Atai-lhe as mãos e os pés e lançai-o nas trevas exteriores: aí é que haverá prantos e ranger de dentes; - porquanto, muitos há chamados, mas poucos escolhidos.

Rafael Lavarini

A última parábola antes do Sermão Profético, que foi o discurso final de Jesus, pouco antes do seu martírio. Por isso, a história nos fala em um convite, que foi feito diversas vezes ao Festim das Bodas do Filho (Jesus) de um Rei (Deus) para pessoas diferentes e em momentos diferentes. Tendo ao final de tantos chamados, alguns escolhidos.

A parábola foi narrada no momento, em que o Cristo, encontrava-se em Jerusalém, com pessoas ligadas a raça judaica. Por isso, veremos tantas simbologias, que precisam ser decifradas para o melhor entendimento do leitor. Os termos: casamento, bodas e núpcias caracterizavam a aliança entre o homem e Deus. Portanto, o Festim das Bodas é uma festa que simboliza uma comunhão entre criatura e Criador.

Há nos Evangelhos diversos exemplos sobre o casamento e citaremos em João dois momentos: nas bodas de caná (João 2:1-11), que era uma festa de casamento e não ao acaso, a primeira aparição pública de Jesus, onde destacamos a fala da própria Mãe Santíssima: “Fazei tudo o que Ele vos disser”, ou seja, para ter sua aliança com Deus, necessário é praticar todos os ensinamentos do nosso Senhor Jesus Cristo.

O segundo momento, também narrado pelo discípulo amado (João 4:4-28), conta-nos da ida de Jesus a Samaria, vale ressaltar que historicamente o povo Judeu era Inimigo dos Samaritanos por discordâncias religiosas. O Cristo, ao adentrar aquela região, sendo de origem judaica, encontra-se com uma mulher próxima a um poço e todo diálogo ali travado gira em torno do casamento, onde neste novo matrimônio ela teria a água viva, da qual nunca mais sentiria sede.

Sanados os primeiros esclarecimentos relativos ao momento em que a parábola foi contada, ao lugar que estava sendo contada, tendo em mente quem era o Rei (Deus), o Filho do Rei (Jesus), o sentido do termo bodas (aliança do homem com Deus), ressaltaremos a intenção daquele Rei.

Allan Kardec, em o Livro dos Espíritos, quando descreve com auxílio da falange do Espírito de Verdade os atributos de Deus: que Ele é soberanamente Justo e Bom. João Evangelista ao final de sua vida registra em sua 1ª carta no cap. 4 item 8: “Deus é Amor”. Credo, portanto, nesta inteligência suprema; no Criador da Vida, temos a convicção de que todos os convites enviados à nós, por mais que venham em forma dolorosa são sempre dignos para nosso crescimento e união com o Pai, através do Evangelho Divino vivido e ensinado por Jesus.

No primeiro convite, narra-se que o Rei apenas determinou a ida dos servos para chamar os convidados as bodas e estes não quiseram ir. Ou seja, um chamado sem explicações, sem detalhes maiores. Consequentemente uma recusa do convite que não entristeceu tanto aquele Rei. Faz-nos lembrar da primeira revelação: Moisés. Fez o convite ao Reino dos Céus. Os servos, foram o grande legislador e os profetas; sem no entanto, aprofundar muito nas suas explicações, devido a evolução espiritual daquele povo, que pecavam em não aceitar o convite pela forma como foi feito. Mas, que também não poderiam ser tão cobrados por não participar daquele festim. Pois, o convite não havia sido feito de maneira detalhada.

Já no segundo convite, o Rei pede aos seus servos que expliquem até o cardápio daquele banquete, da detalhes sobre o grande acontecimento aos convidados. Os chamados profetas e mensageiros do Cristo que reencarnaram a partir do ano 1.000 A.C e fizeram convites mais claros aos judeus. No entanto, estes, cuidaram cada um

de suas vidas, como lhes convinham na Terra, sem perceber que tais ensinamentos eram espirituais. Muitos deles, foram martirizados e mortos por fazer tais convites de maneiras mais claras.

Após este segundo convite, a parábola nos conta que o Rei encolerizou-se pelo que fizeram com seus servos fieis. A Lei de causa e efeito, fez com que o povo judeu sofresse muito com guerras e perseguições que se intensificaram, matando e perseguindo muitos deles. Nos fazendo lembrar, do que Salomão registra em Provérbios 3:11-12 “Filho meu, não rejeites a correção do Senhor, nem te enojas da sua repreensão. Porque o Senhor repreende aquele a quem ama, assim como o pai, ao filho a quem quer bem.”

Já o último convite, o Rei ordena que todos sejam convidados, pobres, ricos, ignorantes e sábios. Demonstrando que não era apenas os Judeus, mas todos teriam acesso a boa nova do Reino. Este momento, é representado pela vinda de Jesus, pois segundo o próprio Mestre em Mateus 8:11 “Meus seguidores virão do Oriente e do Ocidente.” Jesus e seus servos convida a todos. Com o advento do Cristo muitos se convertem. Mas, conforme recomendação de Jesus “nem todos que dizem Senhor, Senhor, entraram no Reino dos Céus...” por isso, que um dentre os convidados foi expulso da festa, por não estar com vestimenta apropriada.

As trevas exteriores, onde ele foi jogado e que há pranto e ranger de dentes é bem explicada por André Luiz, através da mediunidade de Chico Xavier na obra *Nosso Lar*: “A morte nada mais é que o encontro do homem com sua própria consciência...”

Qual será, pois, nossas vestes para a grande festa do Reino dos Céus? Nós, espíritos, temos recebido convites detalhados de todas as partes. Nem mesmo os judeus tiveram tanto acesso ao conhecimento Cristão. Vigilância, para que não sejamos gênios das palavras e aleijados da ação. Gamaliel, na obra *Paulo e Estêvão* nos fala que “Jesus inaugurou no mundo a fórmula da verdadeira benemerência social, saindo de trás das cátedras e dos púlpitos confortáveis e indo ao campo de ação.”

Como faremos, portanto, para vestirmos as vestes nupciais? Jesus responde: “Pois eu estava com fome e me destes de comer; eu estava com sede e me destes de beber; eu era estrangeiro e me recebestes em casa; eu estava nu e me vestistes; eu estava doente e cuidastes de mim; eu estava na prisão e fostes me visitar.”

CONSIDERAÇÕES EVANGÉLICAS

Sirlene Maria Cheriato

Nosso Senhor Jesus Cristo escreveu, mas não usou penas e caros pergaminhos. Escreveu no coração de seus seguidores com a luz que saía dos seus olhos, com suas pegadas, gestos, sorrisos e com a melodia de suas palavras nos afetos mais sublimes da alma humana. O Senhor tabernaculou entre nós e foi conosco nas lidas e lides nas tarefas e ocasiões comuns daquela época, andou pelas nossas vinhas e trigais, contou nossos talentos, deu-nos sementes e tesouros impossíveis de serem mensurados... Fermentou nosso pão com sua alegria e sabedoria e nos amou e nos ama em promessas de eterno amor. Semeou o universalismo, que ainda precisamos cultivar ardentemente, caminhou conosco pelos caminhos mais longos e áridos. Conosco, buscou as frutas e moveu os montes, nos salvou da subserviência à ritos infrutíferos e valores vãos. Em tudo foi artista, médico, amigo, professor... Como não lavar os seus divinos pés? Como não deixar que ele nos lave os pés? Como não correr aos braços do Pai de Amor que ele nos apresenta?

Para entendermos as parábolas precisamos acionar e dirigir uma antena em nós, como uma antena parabólica capaz de captar as ondas sábias de seus contos. Esta antena tem a geometria sagrada feita dos laços que estabelecemos com Jesus, como caminho, verdade e vida, e com o Pai. Conexões de sentir e saber, mas com sabor de querer e vontade de amar, ver além, soltar, mas ao mesmo tempo, integrar-se, entranhar-se nas malhas divinas desta graça que nos ordena e harmoniza aos mentores e a todas as criaturas, com alegria e glória.

As doces narrativas de Nosso Senhor Jesus Cristo nos contam sempre as histórias de nós mesmos, de todos nós, de nossas quedas, dos assaltos que sofremos, dos trabalhos e salários que buscamos, dos noivos que queremos e que perdemos pela invigilância de nossa própria luz; da ida ao mundo comer com os porcos, dos passos que nos perdemos do divino pastor e do aprisco, da nossa evolução, e nossa volta com festa dentro e fora do coração paterno.

A receptividade do pai ao seu pródigo filho, quebrando todos os protocolos por amor, gera ciúmes e revolta no irmão que se sente injustiçado. Talvez por não ter seus próprios filhos, custe a compreender seu pai e isso é muito compreensível. O amor do Pai para os filhos é absolutamente incondicional, mas o amor de cada filho para com o Pai é bem diferente.

Mais uma vez, temos dois irmãos que, de diferentes maneiras, disputam a predileção do pai. Este é o movimento que se quer contrapor: a competição pelo amor, o amor enciumado, o amor egoísta que exige reciprocidade e recompensa, o amor mesquinho que separa as pessoas em exclusivismos e possessividades. Puro engano, equívoco, e se fez Caim matar Abel, temos que o filho mais velho ao menos ficou na inveja e na exposição ao pai de seu ponto de vista: evolução. Ocorre que nosso amado contador de parábolas nos leva muito além: é preciso amar incondicionalmente e vencer o mundo, não porque estaríamos em competição com o mundo, mas porque nós e o mundo somos faces da mesma moeda, e vencer o mundo é a vitória sobre nós mesmos. Sim, é a velha e boa máxima antiga e rediviva com Santo Agostinho e a reforma de nossa alma. Mas não basta se autoconhecer, há que superar-se.

Não se trata de caminho fácil ou simples. Temos ido e vindo de maneiras criativas, porém longas e tortuosas, mas é chegado o tempo de seguir em linha reta. O caminho búdico de pensar e agir retamente. A evolução proposta pelo Cristo cósmico, arquiteto do planeta, encarnado em Jesus, é o Reino de Deus ou Reinos dos céus – o principal assunto que se quer caracterizar através das parábolas, o fundamento dos Evangelhos. Seguindo as diretrizes de não-violência, de não à vingança e ao revide, supera-se a barbárie e a força, e com o amor e perdão universais, supera-se a astúcia.

As consequencias são a humilde simplicidade, a fé criativa, a fome de vida, um sol a pulsar um universo sempre mais belo de dentro de nós, a pureza transparente da dignidade, a luz e a alegria de quem ama ao ver o ser amado, coisa que parece ter mil pétalas perfumadas.

O amor nos move. E fez o ancião correr. Era feio fazer isso, mas o amor não consulta as etiquetas, não se importa com as aparências ou os jovens quereres, mas se importa com o que é essencial. O pai soube esperar o filho, mas quando o viu, correu e fez festa, porque há sempre festa e vinho abundante no coração que ama, no coração onde se constrói o Reino de Deus. Madalena ao ver o seu rabi, não se reprime e o toca. Como não, se suas lágrimas já haviam lavado seus pés? Júbilo é o nome que se dá quando se reconhece o amor e ele fez isso com os seus e com as multidões, e fez conosco porque somos os seus. Seus irmãos menores, aprendizes aspirantes a servidores.

A evolução nos trouxe todos a este tempo histórico e convém registrar: Seguimos Nosso Senhor Jesus Cristo, dirigente maior do orbe terrestre. E nos cabe a retidão prática de seus ensinamentos. Não há mais separação entre o templo e a oficina, entre ciência, filosofia e religião. E para cumprir o que Kardec nos pede, que o Espiritismo

fosse o palco onde todas as culturas humanas se irmanassem, precisamos nos unir mais que segregar; mais cooperar que competir.

O amor do Pai já está dentro e fora de nós, porque seu amor não tem dentro e fora, nem tempo, nem calcula os minutos de nossos trabalhos, não quer oferendas além do mais sincero perdão, não quer de nós nada além de nossa própria luz para nos desposar, nossa disposição ao trabalho e nosso foco no que realmente importa. O amor do Pai já nos salva em todos os instantes, de nossas inércias conscienciais, de nossa contração no amor doentio a nós mesmos, das velhas convicções no projeto da serpente em sermos melhores que Deus, em termos vantagens em detrimento da confiança estabelecida. O divino amor de Nosso Senhor nos carrega aos braços do Pai, enquanto amplia nossa vida para além das dimensões mesquinhas da Crosta. E o que faremos agora? Sintonizemos nossas antenas parabólicas, nossas conexões mais profundas e honremos seus ensinamentos, que agora habitam nossa alma. Na morada que somos, o Seu Reino já pulsa e pulsará ainda mais. Amemos infinitamente, compreendamos o Pai e nossos irmãos, e cumpramos sua divina escrita, transformando-nos, nas letras de nossas vidas. Vamos juntos nesta jornada, amigos! Gratidão!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- A Bíblia Sagrada*. Tradução por João Ferreira d'Almeida. Barueri: Ed. SBBE, 1937.
- BAILEY, Kenneth. *As parábolas de Lucas*. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2009, c. 4.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2012.
- CAMARGO, Pedro de. *O mestre na Educação*. Pelo Espírito Vinícius. Rio de Janeiro: FEB, 1976.
- CERQUEIRA FILHO, Alírio de. *Parábolas terapêuticas II*. 1ª ed. Cuiabá: Espiritizar, 2012, c. 1.
- DENIS, Léon. *Depois da Morte*. Rio de Janeiro: CELD, 2011.
- _____. *O Problema do Ser e do Destino*. Rio de Janeiro: CELD, 2011.
- DIAS, Haroldo Dutra (tradutor). *O Novo Testamento*. 1 ed. 6ª impressão. Brasília: FEB, 2017, e Brasília: Conselho Espírita Internacional, 2010.
- FRANCO, Divaldo Pereira. *Grilhões Partidos*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 16 ed. Salvador: LEAL, 2015.
- _____. Mensagem psicofônica ditada pelo Espírito Bezerra de Menezes no encerramento da reunião ordinária do Conselho Federativo Nacional, realizada em Brasília, entre os dias 6 e 8 de novembro de 2015. Federação Espírita Brasileira. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/blog/geral/noticias/perseverai-no-bem-e-nao-vacileis-mensagem-de-bezerra-de-menezes-no-cfn-2015/>> Acesso em 15 fev 2019.
- _____. Mensagem psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, no dia 30 de Julho de 2006, no Rio de Janeiro, RJ. Publicada na revista 'Presença Espírita', Setembro/Outubro 2006, Nº 256, páginas 28 e 29.
- _____. *Páginas Elucidativas*. Pelo Espírito Eurípedes Barsanulfo. Araguari: Minas Editora, 2004.
- JEREMIAS, Joaquim. *As Parábolas de Jesus*. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1986 e 10 ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- KARDEC, Allan. *A Gênese*. Brasília: FEB, 2009, e Araras: IDE, 2011.
- _____. *O Céu e o Inferno*. 60 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010, e 4.ed., tradução de Maria Leonor Loureiro (IPEAK)
- _____. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 365 ed. Araras: IDE, 2009, e 125 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- _____. *O Livro dos Espíritos*. 88 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, e Rio de Janeiro, RJ: CELD, 2011.
- _____. *O Livro dos Médiuns*, 1.ed., tradução Maria Lúcia Alcântara de Carvalho (CELD – RJ).
- _____. *Revista Espírita*. Ano 1. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. FEB. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf>>. Acessado em 30 nov 2018.
- PADRE ANTÓNIO VIEIRA. Sermão da Sexagésima . Pregado na Capela Real, no ano de 1655. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/vieira-antonio-sermao-sexagesima.html>> Acesso em 15 fev. 2019.
- PAMPHIRO, Altivo C. *Cairbar Responde*. Pelo Espírito de Cairbar Schutel. In: COELHO, Márcio (org.). Rio de Janeiro: CELD, 2017.
- PASTORINO, Carlos Torres. *Sabedoria do Evangelho (coleção)*. 1964.

ROHDEN, Huberto. *Sabedoria das Parábolas*. 5 ed. Sumaré: Editora Martin Claret, 1998.

SAYÃO, Antônio Luiz, em Elucidações Evangélicas, Disponível em:

<[http://bvspirita.com/Elucidacoes%20Evangelicas%20\(Antonio%20Luiz%20Sayao\).pdf](http://bvspirita.com/Elucidacoes%20Evangelicas%20(Antonio%20Luiz%20Sayao).pdf)> . Acesso em 17 fev. 2019.

SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e Ensinos de Jesus*. 13 ed. Matão: O Clarim, 1993, e 14 ed. Matão: O Clarim, 1997, e 11 ed. Matão: O Clarim, 1979.

TOMAZ, Paulo Cesar; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *A celebração da páscoa judaica e as tradições culturais: simbologia e significado*. Disponível em:

<<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Tomaz,%20Paulo%20Cesar.pdf>> . Acessado em 15 out de 2018.

XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte Viva*. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília, FEB.

_____. *Seara dos Médiuns*. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília, FEB.

_____. *Boa Nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos.

_____. *Cura*. Por espíritos diversos. São Bernardo do Campo: GEEM, 2009.

_____. *Cura*. Por espíritos diversos. São Bernardo do Campo: GEEM, 2009.

_____. *Nosso Lar*. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília: FEB., 2017.

_____. *O Consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2013 e 2011

_____. *O Evangelho por Emmanuel: comentários ao Evangelho segundo Lucas*. 1 ed. Brasília: FEB, 2013.

_____. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília: FEB. 45 ed., 2017.

_____. *Pronto Socorro*. Pelo Espírito Emmanuel. Disponível em:

<https://bibliadocaminho.com/ocaminho/TXavieriano/Livros/Ps/PsIndex.htm>> . Acesso em 15 fev. 2019

_____. *Vinha de Luz*. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília: FEB.